

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**CANOAS COMO LUGAR: O MUNDO DOS JOVENS
CONTEMPORÂNEOS A PARTIR DAS SUAS REPRESENTAÇÕES
SOCIAIS**

Débora Schardosin Ferreira

Orientador: Prof. Dr. Nestor André Kaercher

Porto Alegre
2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

**CANOAS COMO LUGAR: O MUNDO DOS JOVENS
CONTEMPORÂNEOS A PARTIR DAS SUAS REPRESENTAÇÕES
SOCIAIS**

Débora Schardosin Ferreira

Orientador: Prof. Dr. Nestor André Kaercher

Banca examinadora:

Profª Dra. Carla Beatriz Meinerz (FACED/UFRGS)
Profª Dra. Ivaine Maria Tonini (POSGea/UFRGS)
Profª Dra. Roselane Zordan Costella (POSGea/UFRGS)

**Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-graduação em Geografia como
requisito para obtenção do título de
Mestre em Geografia.**

Porto Alegre
Outubro, 2014.

CIP - Catalogação na Publicação

Ferreira, Débora Schardosin
CANOAS COMO LUGAR: O MUNDO DOS JOVENS
CONTEMPORÂNEOS A PARTIR DAS SUAS REPRESENTAÇÕES
SOCIAIS / Débora Schardosin Ferreira. -- 2014.
149 f.

Orientador: Nestor André Kaercher.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências,
Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre,
BR-RS, 2014.

1. Jovens. 2. Lugar. 3. Representações Sociais. 4.
Ensino de Geografia. I. Kaercher, Nestor André,
orient. II. Título.

*Estamos na era planetária; uma aventura comum
conduz os seres humanos, onde quer que se
encontrem. Estes devem reconhecer-se em sua
humanidade comum e ao mesmo tempo reconhecer a
diversidade cultural inerente a tudo que é humano.
Conhecer o humano é, antes de mais nada, situá-lo
no universo, e não separá-lo dele.
(Edgar Morin)*

Agradecimentos

Serei breve pelo risco de não achar todas as palavras que deveriam explicitar a minha gratidão a todas as pessoas que contribuíram para esta pesquisa. Assim, agradeço

À minha família pela compreensão, apoio e tudo mais. Especialmente à minha irmã Heloísa pelas leituras.

Aos meus alunos pela compreensão no cotidiano e aos jovens que participaram desta pesquisa pela disponibilidade. Também às escolas que permitiram a pesquisa.

Àqueles que acreditam na importância da docência e aos Professores que tive como exemplo para minha caminhada desde a educação básica.

Ao meu orientador, Nestor André Kaercher, pela confiança e pelo incentivo à autoria e à Professora Ivaine Maria Tonini pela amizade, contribuições, parceria e incentivo.

À Professora Roselane Zordan Costella pelas contribuições desde a qualificação.

Também aos demais professores do ensino de Geografia desde a graduação Antonio Carlos Castrogiovanni, Nelson Rego e Ligia Beatriz Goulart, pelo ensino e amizade.

À Professora Carla Beatriz Meinerz pelas sugestões e contribuições na banca de avaliação.

Ao Programa de Pós-graduação em Geografia na UFRGS pela oportunidade, assim como à CAPES pela bolsa de pesquisa.

E, finalmente, mas não menos importante, aos meus amigos e amigas:

Ana Cláudia Giordani e Élide Pasini Tonetto pela amizade e imensa ajuda na construção desta pesquisa. Também a Thays Gonçalves, Felipe Sousa Gonçalves, Débora Dall'agnol, Daniel San Martin, Fernanda Pizzato, Isabel Rekowsky, Raquel Chites, Amanda Bahi, Miriam Oliveira pela amizade antiga ou recente, mas de extrema importância durante este período.

A todos demais colegas da pós-graduação, e àqueles que posso ter não lembrado neste momento, por terem, de alguma forma, contribuído para eu chegar até aqui

Muito obrigada!!!

RESUMO

O trabalho discute a importância da pesquisa das práticas cotidianas dos jovens no seu lugar de vivência para o ensino de Geografia. Para este fim, contextualiza o jovem em sua condição juvenil como sujeito com suas experiências e representações sociais sobre a cidade como espaço onde se constrói o seu Lugar e conhecimento de mundo. Justifica-se o trabalho pela necessidade de analisar como os jovens constroem suas representações a partir de suas experiências visando valorizar o ensino de Geografia, o espaço escolar e a profissão docente. O referencial teórico prioriza a relação com a experiência docente para incentivar a reflexão sobre a prática pedagógica. Para este fim abordam-se os conceitos de Lugar no espaço geográfico, Representações Sociais e Jovens como auxílio para o ensino de Geografia. A metodologia utilizada foi a construção de fanzines em sala de aula e entrevistas individuais com posterior análise de conteúdo na relação da teoria escolhida com a prática docente. Os jovens participantes são alunos de duas escolas no município de Canoas-RS, no último ano do ensino fundamental. Os resultados apontam para a necessidade de considerar as diversas representações dos jovens sobre a cidade como Lugar conforme a localização de moradia e possibilidades de apropriação da cidade. Ressalta-se a possibilidade de contribuir com o ensino de Geografia de acordo com as experiências dos distintos contextos juvenis.

Palavras-chave: Jovens - Lugar – Representações Sociais - Ensino de Geografia

ABSTRACT

This paper discusses the importance of research on the daily practices of young people at their place of experience in the teaching of Geography. For this purpose, contextualizes the young in his youth condition as subject to their experiences and social representations of the city as a place where you build your place and world knowledge. Justified by the need to analyze how young people construct their representations from their experiences aimed the enhancing of Geography's teaching, the school environment and the teaching profession. The theoretical framework emphasizes the relationship with the teaching experience to encourage reflection on teaching practice. To this purpose, discuss the concepts of Place in geographic space, Youth and Social Representations as an aid for teaching Geography. The methodology used was the construction of fanzines in class and individual interviews with subsequent content analysis of the relationship of choice theory with teaching practice room. The young participants are students from two schools in Canoas-RS, the last year of elementary school. The results point to the need to consider the various representations of young people of the city as place as the location of housing and ownership opportunities. Highlights the possibility of contributing to the teaching of Geography according to the experiences of other youth settings.

Keywords: Youth - Place - Social Representations - Teaching Geography

Índice de Figuras e Quadros

FIGURA 1 – Mapa do Município de Canoas com Bairros e Rodovias	12
FIGURA 2 – Localização da Escola 1	14
FIGURA 3 – Localização da Escola 2	15
FIGURA 4 – Blog com Fanzines Comentários dos Alunos, Digitalizados	53
FIGURA 5 – Fanzine “Caneta na Goela”, Escola 2	64
FIGURA 6 – Fanzine Nosso mundo visto com outros olhos, Escola 1	66
FIGURA 7 – Fanzine Canoas Rock, Escola 2	69
FIGURA 8 – Fanzine Trup das Bananas, Escola 1	70
FIGURA 9 – Fanzines Update, Escola 2, e Math’s Daily, Escola 1	77
FIGURA 10 – Fanzine Tudo Junto e Misturado, Escola 1, e Fanzine Planeta Terra: nossa casa, Escola 2	81
FIGURA 11 – Capa do Fanzine produzida pelo Sandro	86
FIGURA 12 – Fanzine Math’s Daily, Escola 1, e FANZ, Escola 2	90
FIGURA 13 – Fanzine Temas para pensar, Escola 1	91
FIGURA 14 – Comentário sobre o fanzine FANZ	96
QUADRO 1 – Tópico Guia Utilizado na Entrevista	56

Sumário

1. LÁ ONDE PASSA A BR-116 E O TRENSURB: CANOAS COMO VÁRIOS MUNDOS.....	10
1.1 Caminhos que se cruzam, repetem-se e transformam-se juntos.....	11
2. HÁ UM LUGAR VIVIDO ENTRE ESTA RODOVIA E ESTES TRILHOS!	19
3. PELOS TRILHOS, LOGRADOUROS E RODOVIA: UM SISTEMA INTEGRADO DE CONCEITOS.....	22
3.1 Considerar Canoas como Lugar: ensinar Geografia.....	23
3.2. Canoas como Lugar no Espaço Geográfico, ou melhor, no mundo?.....	25
3.3. Lugar e as Representações Sociais.....	33
3.4. Jovens: sujeitos que circulam por Canoas.....	34
3.4.1 <i>Jovens, escola e nós professores</i>.....	40
4. A PROCURA DE ATALHOS: COMO OUVIR OS JOVENS.....	45
4.1. Fanzine como prática de atalho.....	48
4.1.1. <i>Elaboração dos fanzines</i>.....	51
4.4. Da entrevista à conversa informal: os atalhos ampliam-se.....	53
4.5. Analisando os atalhos.....	56
5. AS REPRESENTAÇÕES DE MUNDO QUE ENCONTREI.....	59
5.1. Modo de ser jovem em que não virá a ser. Ele é hoje no seu mundo.....	61
5.2. Ouvir as experiências cotidianas dos jovens em Canoas.....	68
5.2.1 <i>A escola e as experiências pela cidade</i>.....	74
5.3. Os jovens e as suas representações sobre o Lugar.....	80
5.4. A troca de lugares: como eu vejo o outro.....	94
6. CONSIDERAÇÕES.....	100
REFERÊNCIAS.....	105
APÊNDICES.....	110
ANEXOS.....	139

1. LÁ ONDE PASSA A BR-116 E O TRENSURB: CANOAS COMO VÁRIOS MUNDOS

Uma pesquisa de mestrado começa com uma temática delimitada, enquadrada e com focos definidos pela ciência que se refere e pela metodologia que segue. Então, a partir desses “ritos acadêmicos” constituímos a questão de pesquisa, o problema. Essa pesquisa procura distinguir-se desses caminhos com marcas pré-estabelecidas. Procurei uma perspectiva teórico-metodológica, sim, mas o seu fazer é que a tornou única. Trago as minhas reflexões na procura por um diálogo com aqueles que, assim como eu, constroem diariamente a sua docência com a certeza de que estamos ali para “aprender a aprender”.

Quando pesquisamos nas ciências humanas, na relação com a educação, e soma-se ainda, quando me apresento como professora na relação com o aluno, considero que é impossível deixar o emocional fora da pesquisa. Esta situação fica ainda mais explícita ao me apresentar como alguém que vivencia ou já vivenciou os mesmos espaços. Por isso, esta pesquisa tem intrínseca relação com a minha existência. Assim, busco nos alunos um esclarecimento como uma professora que acredita que o ensino de Geografia apresenta papel fundamental para a formação do ser humano a partir da sua interpretação de mundo, nesta relação com o espaço de convívio.

Acompanhei a história da minha família em relação a esta cidade, o que conseqüentemente participou da minha construção como sujeito. De forma que senti a necessidade de escrever e interpretar essa história, bem como minhas relações espaciais com Canoas, porque muitas vezes as reconheço nos alunos. Meu caminho para chegar até aqui procurou um percurso, mas, na realidade, fez-se a cada dia ao conviver o meu cotidiano com os sujeitos jovens desta pesquisa, na busca por entender suas relações com Canoas e, conseqüentemente, entender-me melhor.

Desta forma, encontrei nesta pesquisa a possibilidade de ouvir mais os alunos quando os considero como sujeitos com diversas juventudes na relação intrínseca com o espaço de convívio. Este contexto me aproximou de uma perspectiva de maior compreensão das subjetividades presentes em uma sala de aula. Mais do que alunos, são sujeitos que possuem uma história e diferentes condições juvenis.

Como uma pessoa que diante de uma obra de arte em um primeiro momento tem o estranhamento de tentar decifrar a intenção do autor, mas, sem dar por conta, logo está através da reflexão questionando a si mesma. Foi esta a sensação no decorrer desta pesquisa, em que me permiti neste encontro com aquele jovem na sala de aula, refletir sobre como aqueles contextos de vida são Geografia. Por isso a descoberta de parte do mundo destes jovens fornece ao ensino de Geografia uma perspectiva do espaço vivido como experiências geográficas que necessitam ser consideradas em sala de aula e na construção da relação professor-aluno. Também porque pesquisando, estudando, convivendo, enfim, docenciando com estes jovens consigo refletir sobre meu ser/ estar no mundo.

Optei por inicialmente me reportar no tempo, para que através das minhas relações espaciais familiares com Canoas possa ser compreendido o contexto da construção das reflexões que se desenvolveram. Ao relacionar o presente estudo a este contexto é que posso justificá-lo, expor as questões que surgiram e os objetivos.

1.1 Caminhos que se cruzam, repetem-se e transformam-se juntos

A minha relação com Canoas está muito explícita neste trabalho pelos espaços de convívio que escolhi para pesquisar. Nela os meus caminhos e dos jovens que participaram se cruzaram de forma que neste encontro com o outro, reconheci semelhanças com as minhas vivências. Por isso, apresentar como cheguei até aqui, se torna imprescindível.

Minha história se liga a Canoas pelo meu avô materno que chegou ao município em 1960, pouco mais de 20 anos após a emancipação. Esta cidade que era caracterizada como cidade dormitório, adquire nesta época várias indústrias por uma expansão da zona norte industrial da capital Porto Alegre. Foram vários os loteamentos que surgiram, porém conforme a renda do meu avô, o Mathias Velho, era o mais em conta. Situado a oeste na cidade, em uma região banhada pelo Rio dos Sinos a qual anteriormente servia para o cultivo de arroz, tinha um menor preço dos lotes em relação a outros loteamentos em áreas de maior altitude a leste da

cidade. Em contrapartida, estes terrenos a oeste não dispunham de infraestrutura alguma, sofrendo várias enchentes nas décadas seguintes.

Esta divisão entre leste e oeste da cidade, está relacionada à origem do município. Seu povoamento deu-se a partir da ferrovia que ligava Porto Alegre a São Leopoldo com o mesmo trajeto que hoje divide a cidade pelo Trensurb, em conjunto com uma rodovia federal (BR -116). Este traçado na área central chega a enclausurar parte do bairro Centro (Figura 1).



FIGURA 1 – Mapa do Município de Canoas com Bairros e Rodovias
 Fonte: Dados da Prefeitura Municipal de Canoas/ Instituto Canoas XXI (Elaborado pela autora)

Após o período de loteamentos, o bairro Mathias Velho se transformou na década de 1980, pois várias áreas públicas foram ocupadas a partir de movimentos sociais, cujo meus pais estiveram envolvidos. Por isso esta questão do espaço de vivência se relaciona com as lembranças mais remotas da minha infância, em que este espaço na cidade se torna lugar porque foi onde eu construí minhas primeiras definições de mundo.

Este meu mundo encontrou interesse pela disciplina de História e Geografia na escola, já que eu procurava fazer a relações com aquela minha realidade, com as situações políticas que ouvia em casa. Todavia, também pela possibilidade que eu tinha de questionar e conseguir escrever a “minha opinião” sobre assuntos destas disciplinas que para mim tornavam-se repletos de sentido. Confesso que isso ocorreu bem mais na disciplina de História do que em Geografia, pois esta última era estática, como eu penso que seja a mesma impressão que nossos alunos tenham atualmente. Por isso, procuro uma empatia com estes jovens que hoje estão na sala de aula, porque a nossa disciplina pode e tem muitas relações com o mundo que eles vivem. A Geografia escolar não pode se prender a este mundo estático, de meras características de locais distantes, como geralmente se traduz na escola. Para que iniciemos este caminho, abro então a possibilidade de os jovens me mostrarem o seu mundo.

A minha construção de mundo como jovem em Canoas, no mesmo período escolar que os jovens que participam desta pesquisa, têm importante relação com os locais de pesquisa. A Escola 1 é localizada no mesmo bairro onde sempre residi e a Escola 2 frequentei a partir do 2º ano do Ensino Médio.

A Escola 1, é da rede estadual e atende as séries iniciais ao ensino médio (FIGURA 2). No bairro é a escola de ensino médio mais afastada do Centro, sendo uma opção para os alunos que pretendem seguir neste nível e não querem ou não podem se deslocar para escolas mais distantes. A sua criação foi nos primeiros anos do bairro, porém com o passar dos anos pouco expandiu sua capacidade, visto que surgiram outras escolas próximas de ensino fundamental e outras de ensino médio no bairro. Desta forma, para a gestão e convívio escolar compara-se a uma comunidade escolar menor comparada a outras instituições estaduais do mesmo bairro. A maioria dos jovens estudantes costuma ir à pé para a escola, já que residem nas proximidades.



FIGURA 2 – Localização da Escola 1

Fonte: Dados Google e Prefeitura Municipal de Canoas/ ICXXI (Elaborado pela autora)

Já a Escola 2 se localiza na região mais antiga da cidade, na área central. Não pertence, segundo uma atual divisão política dos bairros, ao Centro, mas está há aproximadamente 850m da sede do município no lado Leste da cidade em relação à BR-116 (FIGURA 3). Foi a primeira escola do município de Canoas e hoje, pertencente à rede estadual, atendendo até o Ensino Médio. A escola agrega jovens alunos de diversos bairros da cidade, porém pela facilidade de acesso, a maioria também reside no lado Leste da BR-116.

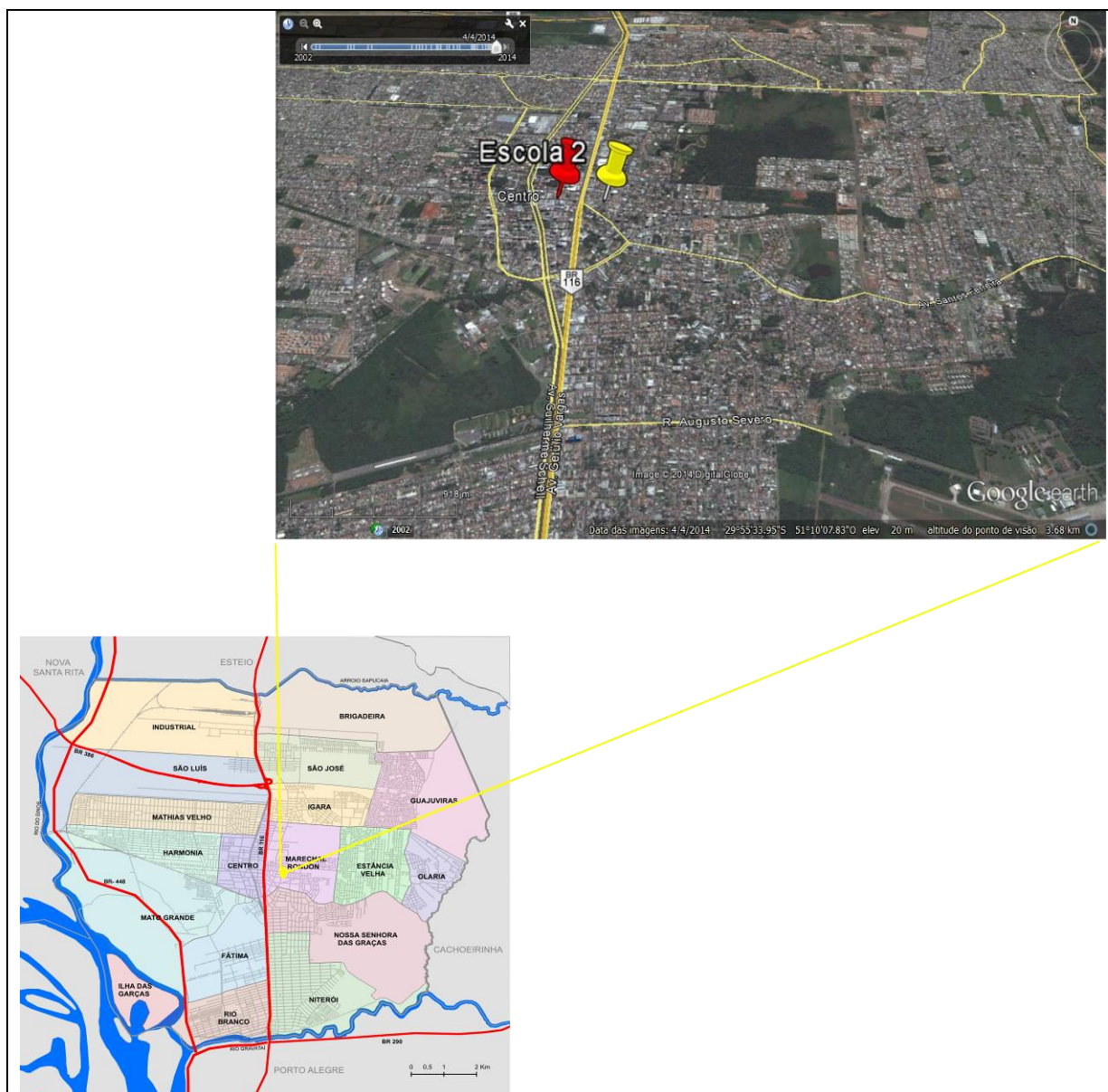


FIGURA 3 – Localização da Escola 2

Fonte: Dados Google e Prefeitura Municipal de Canoas/ ICXXI (Elaborado pela autora)

Optei por estudar na Escola 2, pois sempre teve a tradição de ser uma escola organizada. Estudei nas séries finais do ensino fundamental numa escola municipal e fui orientada por professoras a procurar, se quisesse o tão sonhado ensino superior, escolas estaduais onde houvesse um maior incentivo. Desta forma, no primeiro ano do ensino médio, por não conseguir vaga em um sorteio para Escola 2 (tamanho era a procura) tive que cursar em uma escola no bairro. Na época foi muito desmotivante, eram muitos períodos vagos por falta de professor, pouca cobrança das regras escolares e professores totalmente desmotivados, até mesmo declarando que naquela escola ninguém seguiria níveis de estudo superiores ao médio. Como adolescente eu já percebia esta diferenciação entre escolas, no

sentido de acreditar no aluno, tanto que só consegui ir para Escola 2 com auxílio de uma ex-professora. Hoje, na profissão docente, sei que as escolas públicas nas áreas centrais tem menor possibilidade de falta de professores, enfim, uma série de fatores que desfavorecem as escolas de periferia. Por estes motivos relembro e procuro compreender o que estes jovens pensam.

Percebo que foi muito importante para minha dimensão espacial da cidade quando deixei de frequentar apenas escolas no bairro onde residia, para me deslocar até a área central diariamente. A possibilidade do convívio cotidiano com o deslocamento mais distante, com jovens que viviam em outros bairros me proporcionou olhar para o outro e acreditar ainda mais na minha capacidade. Isso porque, de certa forma, percebi que eu não era tão diferente de outros jovens por vir de um bairro de periferia.

Escolhi estas duas escolas não com o objetivo de estabelecer comparações entre as representações, mas, sim, de uma maior abrangência destas em relação à cidade e seus diferentes espaços. Também não quero comparar a vivência de nenhum jovem participante com as minhas experiências, já que os considero como sujeitos, com história, contextos e visões de mundo distintas. Contudo, é por me considerar também sujeito nesta pesquisa que a minha perspectiva das reflexões tem relação com a minha história e com a minha construção de mundo.

Desta forma, toda minha vida escolar se desenvolveu em Canoas, assim como os jovens que participam desta pesquisa. Já na graduação fui professora de jovens no bairro de periferia em Porto Alegre, a Restinga, em 2007, e com eles também me identificava pelo sonho que eu havia conquistado de entrar em uma universidade pública. Após, no Programa Institucional de Incentivo à Docência (PIBID), de 2009 a 2011, tive a oportunidade de conviver com a dinâmica escolar experimentando diferentes didáticas para abordagem do ensino de Geografia em escolas públicas. Foi neste período que me afirmei pela atuação docente em Geografia.

Porém, quando comecei a lecionar em escolas, percebi que não era tão simples adaptarmos o currículo, visto toda burocracia escolar. Mas a minha crença na escola e no potencial do ensino de Geografia é sempre maior. Com tal inquietação, procurei no curso de especialização no ensino da Geografia e da História dedicar-me à pesquisa de como os alunos relacionavam-se com o seu lugar. Os atalhos no caminho foram surgindo e no encontro com o outro, neste caso,

minhas colegas de pesquisa na linha de ensino, formamos um grupo de pesquisa sobre objetos de aprendizagem para o ensino de Geografia, em que o uso da cartografia auxiliou-me a pensar sobre a inserção do aluno neste processo.

Então até o momento de assumir como professora em sala de aula, meus trabalhos estavam muito interessados na sugestão de práticas pedagógicas. No entanto, apesar da importância, percebi que, mesmo com tecnologia e práticas pedagógicas muito elaboradas podemos não obter êxito na aprendizagem se para o aluno o conteúdo abordado não interessa. Por isso, este caminho trilhado até aqui me auxiliou no que atualmente move a minha escrita: a de que o modo como o nosso aluno interpreta o lugar, o seu mundo, deve ser conceito base do ensino de Geografia.

Sabemos que a carreira docente exige uma constante reflexão prática, teórica e epistemológica compartilhada com nossos pares. Entretanto, na maioria das vezes as condições de trabalho não nos permitem. Foi nesta busca que ingressei no Mestrado em Geografia, e o que garantiu a permanência foi na maioria deste período ter o auxílio financeiro do Estado através de uma bolsa de pesquisa, permitindo diminuir a carga horária de trabalho na escola.

Atualmente leciono em Canoas, em uma escola privada que não participou da pesquisa, mas foi onde consegui conciliar a carga horária de 12h/aula com as atividades desta pesquisa a partir do segundo ano. A minha rotina docente/pesquisadora foi intensa, já que além do trabalho de planejamento de aulas, escrita de qualificação e após organização de horários para o convívio com as duas escolas que participaram desta pesquisa, ainda participei de várias atividades acadêmicas. Porém, não ter pesquisado onde atualmente trabalho não impede que indiretamente se manifestem as minhas reflexões a partir da sala de aula.

Neste contexto acredito que precisamos cada vez mais não procurar culpados pela situação escolar nos sujeitos pertencentes à escola, mas, sim refletir buscando a compreensão da nossa situação. Busco um aproximar da escuta, porque nas propostas relacionadas à educação, geralmente, é inexistente o ouvir, no sentido de sentir e ter certa empatia com quem estamos nos relacionando. E este escutar é ouvir com interesse, querendo problematizar e despertar com aquela fala algo novo para os que dela partilham. Quero fortalecer uma compreensão das práticas, das representações e do contexto dos alunos como sujeitos jovens que frequentam o ambiente escolar.

Como professores, também somos sujeitos emocionalmente e socialmente construídos, por isso, nem sempre conseguimos praticar na sala de aula, na escola o planejado. De modo que nesta pesquisa pretendo chamar a atenção para o questionamento de algumas situações que no cotidiano escolar, não percebemos como, por exemplo, a necessidade de ouvir nossos alunos para saber qual Geografia ele vive de acordo com a sua construção de mundo. Esta seria uma das chaves de aproximação do professor com o aluno que pode tornar o nosso cotidiano menos burocrático e mais repleto de sentido na docência. O requisito é a difícil tarefa de abandonar a certeza de que possuímos verdades para transmitir em sala de aula e considerar que estamos em um diálogo de saberes que se transformam juntos.

2. HÁ UM LUGAR VIVIDO ENTRE ESTA RODOVIA E ESTES TRILHOS!

Os jovens com distintas espacialidades convivem com uma cidade Canoas que é o quarta maior em população do Rio Grande do Sul¹. Porém, com esta quantidade de habitantes parece que isso se sobrepõe desvalorizando um lugar vivido. Mesmo que tenha seu limite com a capital, Porto Alegre, e, muitas vezes, seja homogeneizada por denominações como “cidade dormitório”, temos que considerar que os jovens possuem como este espaço de convivência no cotidiano.

No caminho casa-escola, nos encontros com amigos, e nas demais necessidades diárias é o município o seu local de convívio, onde se constrói o seu mundo relacionado aos locais onde ocorrem as suas experiências. Porém, sabemos que a convivência é cada vez mais complexa, visto as múltiplas redes que se manifestam criando suas contradições. Isso porque apenas ao circular pelas principais vias da cidade já percebemos símbolos que nos remetem a outros espaços mundiais. Estes mais distantes são percebidos através dos símbolos presentes neste Lugar do cotidiano. Por exemplo, Canoas é sede de indústrias multinacionais, o único cinema da cidade é de uma rede multinacional, que se localiza no maior, e praticamente único, shopping Center da cidade. Deste modo, a fragmentação gerada por este contexto globalizado se manifesta no Lugar e não influencia apenas os objetos, mas também os sujeitos, modificando sua relação com o espaço de convívio.

Neste sentido, tal espaço é onde nós e nossos alunos circulamos e sem perceber convivemos diariamente com inúmeras manifestações extremamente geográficas, sem que elas estejam presentes no que abordamos em sala de aula. Muitas vezes em sala de aula, converso sobre países em melhor desenvolvimento que o nosso com os meus alunos tentando fazer estas relações. Percebo que não é muito mais do que o cotidiano seu conhecimento espacial. Esquecemos que é o espaço mais próximo que termina por ser a representação de mundo que conhecemos. Podemos ter a pretensão de conhecer alguns locais; porém, é com a experiência cotidiana que conhecemos ao criar os laços afetivos, os saberes da

¹ 323.827 habitantes (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Censo 2010)

vivência. Logo, é ali onde o imediato acontece que nós adquirimos elementos para representarmos outros espaços distantes.

Por isso, saber deste cotidiano, como é a interpretação deste jovem sobre o Lugar que convive, é de interesse de um ensino de Geografia que considera o aluno como centro do processo de aprendizagem. Eles possuem em comum o fato de circular por um mesmo espaço, a cidade; no entanto, não é o mesmo Lugar para todos, já que sua juventude será em diferentes contextos. É importante a busca por evidenciar, a partir da escuta desses jovens, como se inserem na cidade considerando que são sujeitos atuantes, que transformam os espaços de vivência.

Todavia, sei das dificuldades estruturais que temos na profissão docente, mas temos que levar em conta que os problemas da educação também implicam “numa outra postura do professor: o currículo não é algo pronto, ‘cristalizado’, é refeito continuamente. Requer do professor uma condição de permanente aprendiz” (KAERCHER, 1999, p. 46). É preciso pesquisar e divulgar outras possibilidades para amenizar os desafios que estão no nosso cotidiano como professores. Levando em conta a prática docente, acredito que conhecer melhor quem são os jovens que frequentam a escola pode auxiliar o ensino de Geografia de forma a aproximar a sua prática mais relacionada com o mundo que eles conhecem. É necessário fortalecer uma compreensão das práticas, das representações e do contexto dos sujeitos que frequentam o ambiente escolar.

Neste sentido, esta pesquisa visa a estudar a relação dos jovens de Canoas com o seu lugar, se propondo a auxiliar o Ensino de Geografia. Sendo professora e moradora de Canoas trago questionamentos que se cruzam com esta vivência e podem ser descritos como:

- **Como os jovens canoenses convivem com a sua cidade?**
- **Quais são as suas representações em relação ao lugar em Canoas?**
- **Como ele vê/se relaciona com sua escola neste lugar?**
- **O que ele considera em relação aos locais que frequenta na cidade?**
- **O que faz do espaço de Canoas um lugar para estes jovens que ali convivem?**

Na busca por esclarecer estas inquietações, busco uma perspectiva de escuta dos alunos a fim de que seja fortalecida no ensino de Geografia a consideração pelas representações do Lugar; assim como, uma aproximação que

procura o interesse deste jovem. O foco desta pesquisa é **reconhecer as experiências que caracterizam Canoas como Lugar para os jovens que convivem na cidade**. De forma mais detalhada os objetivos são:

- **Analisar as experiências dos jovens na cidade de Canoas**
- **Contextualizar o que faz do espaço da cidade de Canoas um lugar para os jovens que nela convivem.**
- **Relacionar a Geografia escolar com o ensino do Lugar a partir do reconhecimento das representações sociais dos jovens canoenses.**
- **Contribuir para o ensino de Geografia a partir do diálogo com os jovens conhecendo as suas experiências espaciais.**

Após esta introdução e apresentação da justificativa e dos objetivos desta pesquisa, pretendo refletir no capítulo teórico, em articulação com a prática docente, os conceitos de Lugar no espaço geográfico, Representações Sociais e Jovens permeados inicialmente pela perspectiva do ensino de Geografia.

Valorizando a prática docente no capítulo seguinte procuro detalhar a importância de nos aproximarmos dos jovens na nossa sala de aula, mesmo quando utilizando instrumentos de pesquisa como entrevista. Ainda a prática de elaboração de fanzines em sala de aula foi um instrumento de pesquisa que visou a abertura do diálogo com os jovens. A análise dos resultados foi escolhida como do seu conteúdo a partir da relação entre teoria e prática.

Finalmente, os resultados foram organizados para análise a partir da identificação do contexto juvenil através dos modos como se apresentam. Também em como demonstraram suas experiências na cidade e das representações sociais que possuem, além da possibilidade de conhecimento do cotidiano de outros jovens. As considerações com o término da pesquisa explicitam o destaque para as principais reflexões que construí neste período de pesquisa articuladas com a minha experiência docente já anunciadas no decorrer da escrita.

3. PELOS TRILHOS, LOGRADOUROS E RODOVIA: UM SISTEMA INTEGRADO DE CONCEITOS

É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico necessário à reflexão crítica tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática. O seu distanciamento epistemológico da prática enquanto objeto da sua análise, deve dela ‘aproximá-lo ao máximo’.
(Paulo Freire, 1996)

Considero que a leitura freiriana, em alguns aspectos, tenha ideias chave para reflexão sobre caminhos para relação professor-aluno. De modo que neste capítulo demonstro a reflexão teórica, mas como destaca Freire (1996), quase se confundindo com a minha prática, porque busco com esta pesquisa um pensar sobre o nosso fazer docente, que pode superar um saber ingênuo proveniente somente da experiência que não aguça a curiosidade epistemológica, nos termos que o autor utiliza. Este pensar sobre o fazer a partir da teoria se confunde na minha escrita, já que é resultado de um processo histórico pessoal e expressa minhas reflexões neste momento. Não é possível descolar as reflexões, representações de um momento histórico se considero aqui uma perspectiva da pesquisadora e pesquisados como sujeitos.

Os conceitos que escolhi a partir dos autores como abordagem são formas de me aproximar e auxiliar das situações reais que aqui explicito nas reflexões, tanto provenientes do período anterior a pesquisa como das que surgiram com a prática.

Para compreender Canoas através de uma análise geográfica que considera os sujeitos jovens que estão na escola e circulam pela cidade se faz necessário apontar as perspectivas teóricas que guiam a reflexão nesta pesquisa. Embora tenha utilizado diversos autores, considero que tenham sido meus principais auxílios Massey (2009) para perspectiva de espaço, Holzer (2003, 2012) para perspectiva de lugar, Kozel (2002) e Guareschi (2000) para representações sociais, Carrano; Martins (2011) e Dayrell (2003) para perspectiva de juventude. Destaco que para o ensino de Geografia não defino uma perspectiva teórica, já que justifica esta minha busca e perpassa toda a reflexão que desenvolvi. O ensino de Geografia neste

capítulo é prioridade articulado aos conceitos que auxiliam a encontrar caminhos para o seu melhor desenvolvimento.

Início a partir da minha perspectiva sobre o ensino de Geografia para após esclarecer com o conceito-chave em Geografia, Espaço Geográfico, porém na sua relação com o Lugar, a ponto de se tornar mundo dos jovens que com ele convivem. Após relaciono esta perspectiva com o auxílio teórico das Representações Sociais, já que estão envolvidas neste processo de construção de mundo dos jovens. Finalmente, com a reflexão teórica sobre jovens e perspectivas de juventude, procuro uma reflexão sobre estes sujeitos que frequentam nossas aulas e muitas vezes se generalizam com o termo “aluno”. É este olhar mais próximo que procura neste capítulo teórico um auxílio, visando que as reflexões sejam imbricadas das práticas.

3.1 Considerar Canoas como Lugar: ensinar Geografia

Como professora de Geografia acredito que nossos conhecimentos geográficos podem auxiliar o jovem a compreender este mundo em que convive. Quando abordamos o cotidiano em sala de aula, estamos mais do que abordando “banalidades”, ou “não dando aula” como ouvimos algumas vezes, mas, sim, fazendo a Geografia, pois ela é

um pretexto para pensarmos nossa existência, uma forma de “lerpensar” filosoficamente as coisas e as relações e influências que elas tem no nosso dia-a-dia, porque “olhar as coisas” implica pensar no que os seres humanos pensam delas. (KAERCHER, 2007, p. 16)

Gostaria de auxiliar os jovens a pensarem esta existência a partir do reconhecimento das suas representações sociais do lugar, dos locais por onde circulam e que auxiliam na caracterização de Canoas como um lugar para eles. E ainda concordo com Kaercher (2007) quando propõe que na docência precisamos ser “nós mesmos”, porque envolve nossas emoções. Embora não seja tarefa fácil, sou eu canoense com minhas representações, porém também com os conhecimentos de Geografia, querendo escutar estes jovens.

Para que isso aconteça preciso me reconhecer e ao meu aluno como sujeitos em um conjunto de relações e processos que produzimos e somos produzidos concomitantemente. Com vistas a esclarecer esta questão, me utilizo da perspectiva

de Morin (2011) em que temos uma autonomia que depende de um meio ambiente biológico, cultural ou social, e também temos uma forma como indivíduo já que

Somos, portanto, produtos e produtores, ao mesmo tempo. Assim também quando se considera o fenômeno social, são as interações entre os indivíduos que produzem a sociedade; mas a sociedade com a sua cultura, suas normas, retroage sobre os indivíduos humanos e os produz enquanto indivíduos sociais dotados de uma cultura. (MORIN, 2011, p. 119)

Desta forma, Morin (2011) auxilia-me a compreender que não somos totalmente isentos na nossa representação de mundo como também não somos totalmente influenciáveis pelo que seja externo. Na sala de aula levo as minhas representações sociais de lugar que se cruzam com os jovens que experienciam, talvez, os mesmos locais, no entanto, há a possibilidade de como sujeitos em algum momento até mesmo questioná-las. Isso porque por um princípio de exclusão podemos até ser únicos, mas de forma inseparável há um princípio de inclusão ora incluindo meu “eu” em “nós”, agindo em sociedade, como ora invertendo esta situação de forma que “o sujeito oscila entre o egocentrismo absoluto e a devoção absoluta” (MORIN, 2011, p. 122). Por isso, na sala de aula as falas que encontramos devem ser consideradas nesta perspectiva dual, todavia que irá auxiliar a compreendermos o processo de aprendizagem e a relação professor aluno.

Por uma perspectiva que não considera este jovem que está na sala de aula como sujeito, costumamos atribuir a este aluno como primeiro culpado pelas dificuldades que temos no nosso trabalho. Talvez estes alunos jovens não sejam “perfeitos” porque não conseguimos na sala de aula saber das suas vivências sem estigmatizar com preconceitos, sem idealizar um aluno jovem ideal de acordo com uma perspectiva adulta de mundo. Isso exige de nós professores uma mudança radical, pois teríamos como afirma Kaercher (2011) de ter a compreensão que

Nunca existiram tais alunos que já chega(ria)m até nos sabendo tudo, seja no ponto de vista cognitivo (ler, escrever, expressar-se bem) seja do ponto de vista comportamental. Justamente por isso, por precisarem ser educados é que estão na escola. Aqui não vamos entrar na discussão tão sensata quanto pouco produtiva: sim, nossos alunos estão com uma série de deficiências que deveriam ter sido abordadas/tratadas no seio da família ou até mesmo pelos colegas professores que nos antecederam. Não quero imputar culpabilidades. Estou constatando a problemática: se os alunos apresentam carências e comportamentos não ideais, o que eu/tu professor podemos fazer? Da problemática para a... solucionática! (KAERCHER, 2011, p. 09)

Obviamente que não estou procurando soluções milagrosas, como bem argumenta Kaercher (2011), mas é necessária a procura de caminhos possíveis. Um deles seria reconhecer as experiências que os jovens possuem para que possamos compreender o que para ele é o lugar, qual mundo constroem a partir desta convivência em Canoas.

Esta busca pelo escutar com atenção é no sentido da procura de um ensino de Geografia não de descarte dos conteúdos, mas que não os possua como único objetivo. Se o conteúdo abordará o estudo do conceito de Lugar, que eu saiba primeiro como meu aluno convive com o que para ele é este espaço, afinal é para ele que eu devo ensinar. Para Costella (2012) a cumplicidade é imprescindível ao aprender e ensinar, destacando a empatia ao colocar-se na situação do aluno. Nesta perspectiva, concordo com a autora e fujo de ser uma instrutora, já que “enxerga no aluno as possibilidades de ensinar e não no conteúdo, o conteúdo é visto pelo professor como possibilidades de desenvolver potencialidades e não a potencialidade em si” (COSTELLA, 2012, p. 86).

Ante o exposto, considero que um equívoco recorrente na nossa prática é nos acharmos com um saber que deve ser transmitido aos alunos. Sim, temos um saber, mas é de como mediar para que o aluno (re)signifique uma Geografia do seu mundo. Precisamos considerar que os alunos já possuem, a partir do cotidiano, conhecimentos geográficos, assim no diálogo com Cavalcanti (2008) o que objetivamos é desenvolver o pensamento geográfico

[...] os alunos que estudam geografia já possuem conhecimentos geográficos oriundos da sua relação direta e cotidiana com o espaço vivido. O trabalho de educação geográfica ajuda os alunos a desenvolver modos de pensamento geográfico, a internalizar métodos e procedimentos de captar a realidade tendo consciência da sua espacialidade. (CAVALCANTI, 2008, p. 36)

Estes modos de pensamento geográfico que podem trazer uma consciência da sua espacialidade, defendidos pela autora, devem ser mediados pelo professor a partir dos conceitos geográficos, em que um deles seria o de Lugar. Neste sentido, vem ao encontro a argumentação de Costella (2012) de que a escola desenvolve processos de aprendizagem e de ensino a partir de uma releitura do mundo e não da ação de refletir o mundo. O objetivo é conseguirmos trabalhar com uma (re)significação destes saberes que estão no senso comum dos alunos e que constroem o seu mundo,

A função do estudo do lugar é conseguir estabelecer as relações entre o global e o local neste espaço que é compartilhado por diferentes objetos e ações, e a isso não se exclui o ensino de Geografia em sala de aula. Não é de hoje que temos na Geografia o estudo do lugar como espaço geográfico do cotidiano, onde as experiências acontecem. Também, no ensino de Geografia ninguém discordaria da importância do ensino do lugar, geralmente no currículo escolar iniciado em conjunto com a alfabetização cartográfica.

Porém, poderíamos nos questionar se este lugar na Geografia escolar pode mesmo ser aprendido por aquele aluno, mesmo com práticas criativas. Muitas vezes não percebemos que as técnicas que utilizamos em sala de aula são relacionais e, ao mesmo tempo, políticas (SOUSA NETO, 2008). Então, quando (e se) abordamos o Lugar nas aulas de Geografia, considerá-lo somente como localização ou, do contrário, considerar em conjunto qual é o lugar que o jovem convive e suas representações, são opções políticas diferentes.

Desta forma, o ensino do lugar pode ser uma demonstração de onde o aluno mora, segundo critérios de localização em nada se importando com os sentimentos deste com seu espaço de vivência. Foi este o ensino que tive sobre Canoas e é este que ainda predomina nas escolas. Do contrário, poderíamos ir além, se considerássemos que o estudo do Lugar hoje acrescenta também aspectos mais subjetivos como a identidade que surge através das experiências cotidianas. Neste caminho estaríamos questionando a compreensão de lugar dos jovens e considerando que do seu modo “já exercem sua cidadania, já conhecem seus lugares de convivência imediata, já conhecem sua cidade, já estabelecem sentido ético para suas práticas, já tem definidos direitos e deveres” (CAVALCANTI, 2011, p. 54). Cabe a nós professores reconhecer e mediar o ensino com as suas representações, de forma que auxilie na compreensão deste espaço que ele vive no seu cotidiano.

Por isso este jovem vive no lugar onde ocorrem as tensões, conflitos, experiências e formação das suas representações; porém, há, geralmente, uma negação dos saberes e das experiências espaciais que ensinam as relações espaciais informalmente. É esquecido que o subjetivo também constrói o lugar, já que em uma educação contextualizada deve-se considerar que qualquer dimensão da vivência espacial pode se tornar ensino-aprendizagem (GARRIDO, 2009).

Logo, ensinar o lugar quando consideramos os saberes subjetivos construídos neste espaço vivido já é uma aula em si. A partir do reconhecimento das experiências espaciais dos jovens em Canoas e se estas lhe auxiliam na caracterização como lugar é possível partir para outros ensinamentos já que

O Lugar torna-se conceito relevante para o pensamento, enquanto categoria de análise espacial, análise geográfica, e também uma perspectiva metodológica, na medida em que se considera que uma maneira adequada de trabalhar no ensino é partir do Lugar, considerando realidade concreta do espaço vivido dos alunos e professores (sujeitos do processo). (CAVALCANTI, 2009, p. 144)

O estudo do lugar em relação com o mundo contribui na formação da autonomia do sujeito, ao situá-lo no mundo percebendo a si na relação com os outros. Logo, ao perceber o seu lugar no mundo o aluno, a partir do estabelecimento de relações entre o local-global, pode criar dúvidas necessárias para o que está estabelecido como senso-comum.

Assim, o ensino de Geografia estaria relacionado a compreensão da dimensão espacial a partir do lugar de vivência. Em uma educação contextualizada não apenas para ensinar localizações e suas características, mas para em um primeiro momento ouvir o que para estes jovens é o lugar. Se isso dependerá da sua condição social as quais pertencem ou pela oportunidade e disponibilidade de circularem pela cidade, este é o objetivo da escuta através da pesquisa.

3.2. Canoas como Lugar no Espaço Geográfico, ou melhor, no mundo?

A cidade de Canoas como parte do Espaço Geográfico é resultado de um processo histórico e em constante transformação. Porém, ainda mais do que isso, é um espaço resultado das inter-relações, já que podemos considerar este espaço como possibilidade da existência da multiplicidade devido às diversas trajetórias que ali coexistem (MASSEY, 2009). Portanto, os jovens que agora frequentam a educação básica, convivem com uma cidade de Canoas formada por trajetórias diferentes das que eu convivi, assim como diferentes daquelas que meus pais ou meus avós conviveram, o que modificará também as experiências e representações sobre a cidade atual.

É por meio desta perspectiva de Canoas como parte do Espaço Geográfico, que podemos analisar a realidade tanto em seus aspectos fixos como nas representações criadas pela sua dinamicidade. Porém, esta dinâmica faz com que suas interpretações sejam sempre temporárias. Este espaço de Canoas é interpretado com a perspectiva de espaço em devir. De acordo com esta interpretação não importa uma previsibilidade da história no futuro (MASSEY, 2009). Por isso, não cabe aqui o discurso do desenvolvimento de Canoas em relação aos outros municípios nesta relação com os seus sujeitos, por exemplo. Não há um patamar a ser alcançado e muito menos comparado, assim como seu espaço interno à cidade. Canoas na perspectiva de um espaço como possibilidade e existência da multiplicidade de trajetórias possibilita prescindir de que sua dimensão é necessária para existência da diferença, seja dos seus sujeitos ou de suas características como cidade.

E estas mesmas trajetórias nos possibilitam repensar o que seria o espaço de Canoas para estes sujeitos. Não podemos tratar aqui o espaço, então, como algo abstrato. Pois, assim como outras ciências a Geografia trata do mundo em que vivemos, mais especificamente do espaço físico e as ações humanas que o modificam em que este mundo vivido toma sentido através do sujeito, pois este é o lugar em que se apropria do mundo.

Por isso defendo aqui que o termo mundo pode ser utilizado pela Geografia, e mais especificamente no ensino para esta pesquisa, para além de uma perspectiva de mundo como globo terrestre, comumente relacionado à temática da globalização. De acordo com Holzer (2012) com o passar dos anos a Geografia teve o termo “mundo” a partir do sujeito, substituído pelo termo “espaço”. Isso ocorreu principalmente após o positivismo, pois a Geografia sempre esteve além da ciência já que

ao referir-se obrigatoriamente ao mundo vivido do homem, ela promovia uma síntese entre muitos conhecimentos; seu objeto não podia ficar restrito, a um determinado conceito espacial como queriam os positivistas [...] Acabou por se optar pelo conceito mais abstrato, ou seja, a construção intelectual mais afastada do mundo vivido, o que aparentemente envolvia menos conhecimento existencial do mundo, ou seja, o “espaço” (HOLZER, 2012, p. 290)

A mesma autora defende que foi Dardel (2011) a partir do conceito de geograficidade, que priorizou uma diferenciação entre lugar e espaço, já que o primeiro seria geográfico e o segundo de entendimento geométrico, das ciências

como física e matemática. A geograficidade seria relacionada a existência do homem na Terra, em que ao se apropriar deste espaço terrestre construiria o seu mundo com distâncias e direções a partir do seu corpo e matéria conhecida. Após esta apropriação este espaço primitivo se tornaria lugar, definindo a relação de ser-no-mundo (HOLZER, 2003, 2012). Quando pretendemos no ensino de Geografia considerar este olhar do aluno para o seu espaço vivido, me parece que queremos auxiliar este jovem a compreender para além do seu espaço primitivo, que consiga compreender o seu lugar.

Não vejo como separar o que compreendo por espaço, do que vivo no meu cotidiano, e assim constrói o que conheço como sinônimo de mundo. Embora, Holzer (2012) se refira à fenomenologia quando defende que não seria, assim, possível separar “mundo” e “lugar” já que este último se refere ao espaço vivido, não pretendo me prender a nenhuma rotulação. Todavia, considero a argumentação válida quando me disponho a ouvir os jovens para saber das suas representações e o que é o seu lugar em Canoas. Logo me referirei nesta pesquisa a este espaço mais próximo, ao espaço do lugar, ao que, então, pode ser chamado de mundo destes jovens.

Neste sentido, quando tratamos do espaço, ou melhor, mundo, a identidade ou a identificação são termos ainda muito evocados atualmente, já que

traduz, ainda que confusamente, uma vontade de realocar em a discussão a maneira habitual de pautar a relação das sociedades e dos indivíduos com o espaço (BERDOULAY; ENTRIKIN, 2012, p. 93).

Este mundo que o sujeito constrói, não pode mais ser deixado fora da e precisa ser considerado na interação com os fenômenos que determinam a sua visão de mundo. Por exemplo, de que esta relação sujeito-espaço é atualmente caracterizada por uma fragmentação tanto deste sujeito como do espaço (BERDOULAY; ENTRIKIN, 2012). Fragmentações que podem estar relacionadas às identificações dos jovens e no modo como possuem suas representações sociais de lugar. Este contexto fragmentado promove a importância do espaço mais próximo.

Neste processo de identificação, não podemos encarar como uma perspectiva infinita, mas todas as trajetórias formam inter-relações de identidades já constituídas e as que podem ser ainda construídas, sendo espacialidades que se co-constituem, formadoras do espaço (MASSEY, 2009). Como professora de Canoas, com uma trajetória de vida relacionada a este espaço geográfico da cidade, participo com

meus alunos desta co-constituição. Tanto nesta pesquisa como no cotidiano de sala de aula reconheço situações cotidianas dos meus alunos pela cidade que também já vivenciei, como os espaços para socialização que recriam na cidade. São identidades que se cruzam, principalmente quando tratamos deste espaço mais próximo nas aulas de Geografia.

Estas aulas de Geografia, não são somente o conteúdo e nem a minha perspectiva como professora, mas principalmente, dependem da minha relação com os jovens que ali chegam com diversas experiências. O sujeito assim, não pode ser compreendido como um ser passivo diante do externo, mas como inventor de sua identidade e de sua consciência neste espaço na interação com seu contexto (BERDOULAY; ENTRIKIN, 2012). É o sujeito ativo jovem que convive em Canoas, na sua reinvenção identitária cotidiana. Isso se demonstra quando este jovem aluno me relata em sala de aula das suas dificuldades quanto ao trabalho, dos seus espaços de lazer, de situações que, geralmente, ocorrem na cidade. Ele participa da dinâmica do espaço geográfico como seu mundo, construído na relação da cidade como seu lugar.

A categoria de análise Lugar, inserida no espaço geográfico como mundo está relacionada à experiência do sujeito. É no deslocamento espacial cotidiano que experienciamos o espaço geográfico. O lugar se constitui a partir da vivência, o que “só pode ser compreendido em suas referências, que não são específicas de uma função ou de uma forma, mas produzidos por um conjunto de sentidos, impressos pelo uso.” (CARLOS, 2007, p.18). Este uso em que atribuímos sentidos é a nossa interpretação do espaço Geográfico no cotidiano. Ao circular por Canoas estamos interpretando as ações e formas da cidade, porém, mais do que isso, é a experiência dos nossos sentidos que a transforma em lugar. É neste processo que relacionamos nossos sentidos às representações que necessitamos criar para entendermos o mundo.

Esta prática geográfica que necessitamos diariamente muito se relaciona em como nos tornamos sujeitos. A experiência com o espaço constitui a nossa formação e compreensão do que está ao nosso redor. Assim, estará relacionada nossa interpretação ao espaço com o qual convivemos, conseqüentemente influenciando em como nos relacionamos com este lugar. Por isso, se consideramos os jovens como sujeitos, com uma história, origem e cultura específica, serão diferentes os modos como se relacionam com Canoas como Lugar.

Ao considerarmos esta relação do sujeito com o espaço, denominando de Lugar podemos partir da perspectiva de que a Geografia em si se faz através do que observamos, e sintetizamos como interpretação. Nossos passeios, deslocamentos cotidianos já são Geografia. Quando geografamos não estamos apenas descrevendo, mas este processo está envolvido por experiências que contribuem no entendimento do que nos rodeia, do espaço e - por que não? - de nós mesmos. Um dos precursores deste entendimento humanista foi Sauer quando, por exemplo, considera que

[...] a Geografia é primeiramente todo conhecimento que se obtém por meio da observação, aquele que é coordenado pela reflexão e por um novo exame das coisas que as pessoas têm visto, e aquele que a pessoa experimentou a partir do seu contato pessoal a partir da comparação e da síntese (SAUER, 2000, p. 146)

Por isso, conviver com a cidade de Canoas desde criança fez-me ter um tipo de observação que após anos de estudo acadêmico em Geografia pode ter se modificado, porque exigiu uma reflexão e exame do meu cotidiano. Os jovens em Canoas podem ter a oportunidade de reflexão, sobre este lugar do cotidiano através do ensino de Geografia, se isso lhes for proporcionado e se o escutarmos como jovens.

A partir das relações estabelecidas no lugar são criadas representações relacionadas aos modos de vida, à afetividade e familiaridade com esta porção do espaço (CARLOS, 2007). No nosso deslocamento cotidiano vamos apreendendo e resignificando as formas espaciais, e isso deveria ser estimulado nas aulas de Geografia. Nossa subjetividade se relaciona diretamente com olhar que temos do espaço por onde nos deslocamos em que poderíamos lembrar-nos de momentos em que passamos por certo local e sentimos desconforto, ou pelo contrário, tão confortáveis que ficaríamos por mais tempo se pudéssemos. Este encontro com outros espaços se faz a partir da relação que podemos realizar nas nossas aulas, ao instigar a observação do cotidiano dos nossos alunos pela cidade e instigar semelhanças ou diferenças.

Contudo, mesmo com a mais aguçada das observações ao nos deslocarmos pela cidade também fazemos escolhas. Há locais que não são favoráveis ao nosso bem-estar e outros onde nos sentimos à vontade. É nesta interação que criamos o sentimento de pertencimento com o espaço, de forma que este lugar participe da nossa construção de mundo. Os fatores para estes sentimentos estarão

relacionados ao sujeito, mas poderíamos pensar que também haverá diversas concepções de lugar, conforme os lugares por onde os jovens sujeitos se deslocam em Canoas.

A construção do lugar como realidade se faz em um contínuo aprendizado a partir de nossas interações que criam modos de pensar. Desta forma a experiência é que nos proporcionará a percepção do lugar, e por isso, ela somente acontece quando faz sentido para o sujeito.

a experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência. Experienciar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele. O dado não pode ser conhecido em sua essência. O que pode ser conhecido é uma realidade que é constructo da experiência, uma criação de sentimento e pensamento. (TUAN, 2013, p. 18)

Este lugar é o mundo vivido através das experiências que sejam realmente significativas para o sujeito que a vivencia, não apenas provenientes dos sentimentos, mas relacionadas aos aspectos cognitivos. Esta análise é diferente do Lugar como somente localização, e de acordo com Holzer (2012) Tuan ao compreender o lugar como experiência de mundo, inverte esta análise positivista do Lugar. Poderíamos pensar que os jovens em Canoas conhecem a cidade a partir de suas experiências construídas a partir do que sentem e pensam sobre o deslocamento, sobre as vivências do seu cotidiano. Então para a cidade tornar-se um lugar compreendido deverá existir a relação com o sujeito integralmente, em que possa sentir e refletir sobre o que esta vivenciando (TUAN, 2013). Somente experienciamos o que é ressignificado a partir de um olhar externo para tornar em um momento seguinte familiar. Aqui a aprendizagem do espaço no cotidiano se inscreve não somente na característica individual de interpretação, mas considerando que somos sujeitos sociais inseridos em um grupo em determinado espaço. Assim, a possibilidade destes jovens de circular por alguns lugares na cidade, assim como o grupo e a cultura com a qual convivem, por exemplo, influencia em como entendem e se relacionam com o lugar de vivência.

Se considerarmos o Lugar como interação com a nossa experiência, teremos outra perspectiva em relação às influências do global no local. Há, sim, contradições que caracterizam o espaço geográfico mais bem apreendidas no lugar e que, às vezes, passa uma falsa ideia de lugares iguais, cidades iguais, enfim, espaços urbanos generalistas. Esta tentativa, de uma homogeneização a partir das redes globais, manipula a concepção de um espaço produzido pelos sentidos, como a

perspectiva aqui apresentada. Canoas pode parecer mais uma cidade, periferia de uma capital, sede de indústrias multinacionais. No entanto, é no cotidiano que percebemos a tensão destas concepções, ao confrontar com as particularidades existentes no lugar, pois possuem uma configuração única e estática que se modifica para os sujeitos que experienciam esta cidade como Lugar.

3.3. Lugar e as Representações Sociais

Sendo o lugar no espaço geográfico, percebido pelo sujeito a partir de suas experiências, torna-se importante considerarmos as representações na sua compreensão. A abordagem das representações já poderia ser encontrada nos estudos de Platão na Grécia Antiga, e com o decorrer do seu desenvolvimento teórico estagnou por muito tempo sendo considerada como consequência da história pessoal em conjunto com experiências pessoais de vida. Neste caminho as representações agregaram uma grande diversidade de conceitos; entretanto, interessa para Geografia a partir da década de 1980 quando inicia uma perspectiva das representações como possibilidade de compreensão da consciência espacial, a partir da língua, cultura e sociedade (KOZEL, 2002).

Neste sentido Kozel (2002) reitera que foi o artigo de Audigier (1986) que primeiramente apresentou, dentre outros, a possibilidade do uso das representações em Geografia, e neste o autor defende o conhecimento proveniente do senso comum como digno de pesquisa. Considero que é esta a valorização pretendida nesta pesquisa, já que é neste âmbito que lidamos na sala de aula. O conhecimento científico para o autor já seria uma “*représentation de la représentation*” (AUDIGIER, 1986). Ao valorizar as representações estamos dando voz aos saberes do jovem na escola e outros que não são comumente tratados como científicos, mesmo reconhecendo que a minha análise pode ser parcial.

Da psicologia social trago a perspectiva das representações sociais compreendidas como entidades em si mesmas (MOSCOVICI, 1961), em que não são produzidas apenas a partir do sujeito nem somente em sociedade, mas, sim na relação existente entre sujeito-objeto-outro. Nesta linha de pensamento ganha relevância o campo sociocultural em que a análise pode mostrar que existe nas

representações sociais “uma síntese entre os fenômenos cognitivos, afetivos e sociais, que na realidade estão completamente interligados, permitindo a incorporação de análises ideológicas, dos saberes populares e do senso comum” (KOZEL, 2002, p. 227). Tento assim, fugir de um pensamento mais realista, em que as representações estariam somente centradas na percepção do jovem como sujeito que convive em Canoas sem as interferências afetivas e do meio social. Porém, também desvio de um caminho idealista em que as representações seriam criadas pelo sujeito como substituição ao que poderia ou deveria ser realmente conhecido.

Esta compreensão sociocultural, a partir da psicologia social, se refere a como a realidade social é transformada pelos sujeitos a partir de definições que surgem no seu convívio em sociedade, com uma possibilidade de sofrerem modificações lentamente. Logo, com esta melhor adequação é facilitada a compreensão das relações entre sociedade e mundo, em que a representação que temos do Lugar pode não ser somente individual, visto que o sujeito apesar da sua liberdade de escolha intelectual possui uma parte submissa. Sobre isso Morin (2011) nos auxilia, argumentando que não temos como saber o quanto realmente somos livres já que

Nunca se sabe até que ponto “Eu” falo, até que ponto “Eu” faço um discurso pessoal e autônomo, ou até que ponto, sob a aparência que acredito ser pessoal e autônoma, não faço mais que repetir ideias impressas em mim (MORIN, 2011, p. 127)

Isso porque o sujeito sempre está oscilando entre o egoísmo e o altruísmo, ora ouvindo somente a si e ora esquecendo-se de si pelos outros (MORIN, 2011). Nesse sentido, a representação social esta relacionada tanto ao sujeito, ser individual, como ao coletivo, o social. É ao mesmo tempo interna e externa. Quando ouvimos as representações destes jovens sobre a cidade é difícil discernir o que é particular a eles ou o que provem do contexto com o qual convivem. Assim, é necessária tanto a influência particular a cada sujeito para surgir uma representação como considerar que socialmente estão dentro de um nível de consenso social temporário.

As RS [Representações Sociais] existem tanto na cultura como na mente das pessoas. Elas não poderiam existir sem ser coletivamente percebidas e sentidas. Elas expressam e estruturam tanto a identidade, como as condições sociais dos atores que a reproduzem e a transformam.(GUARESCHI, 2000, p. 251)

Neste sentido, Guareschi (2000) auxilia a compreender que as representações sociais não são estáticas, elas se transformam em conjunto com os sujeitos que as reproduzem. As representações estão diretamente relacionadas com as ações e experiências do ser humano de forma que estruturam a identidade podemos considerar que participam no modo como nos interpretamos o Lugar em que convivemos. Se pretendemos na sala de aula pesquisar o mundo que este meu aluno conhece, as representações sociais tornam-se uma peça-chave neste caminho. Nesta linha de pensamento Kozel (2002) mais uma vez me auxilia ao corroborar defendendo que

Compreender as subjetividades dos atores passa principalmente pelo estudo das representações de mundo construído por eles. Assim, as representações passarão a ser analisadas como fundamento de uma ação que pressupõe um conhecimento e não apenas um processo cognitivo (KOZEL, 2002, p. 228)

Poderíamos então considerar que o lugar envolve diversas representações dos sujeitos, que são o seu conhecimento de mundo. Não há como separá-las no aspecto cognitivo individual de uma perspectiva sociocultural em que na convivência em sociedade podem influenciar na compreensão do que é o lugar, na troca entre indivíduo-sociedade. Para além do cognitivo são conhecimentos construídos através da experiência de mundo deste jovem.

Esta consideração das representações sociais torna a experiência do jovem não apenas individual, mas coletiva. O grupo com o qual compartilha representações tanto influencia como é influenciado na formação de uma concepção de lugar. As representações sociais são um conjunto articulado de saberes, preconceitos, conhecimentos em que um indivíduo nasce e singulariza para si. Como moradores de Canoas, tanto eu como professora como os jovens, já nascemos convivendo com representações sociais sobre a cidade anteriores a nossa existência e que de certa forma, nos constituem. Porém o fato de já estarem presentes, não impossibilita o modificar-se de forma lenta e gradual, pois são saberes que de certa forma se cristalizam por determinado tempo em um grupo. Nesta pesquisa, não pretendo modificar representações, mas compreendê-las neste tempo presente, com a perspectiva de que são historicamente construídas e passíveis de mudança.

Ante o exposto, reafirmo que o lugar é a reinvenção do cotidiano, onde nos identificamos e pertencemos e que reúne significados e experiências. Por isso, é a

partir dele que nos formamos como sujeitos em nossas representações influenciadas pelas representações sociais com as quais convivemos e terminam por constituir o que consideramos como mundo. Não posso deixar de considerar que o externo também o influencia, com processos de comunicação global-local, que influenciam os sujeitos que convivem com este espaço. Diante disso, torna-se importante uma busca por compreender os jovens e qual é este seu mundo com suas representações sociais, para auxiliar o ensino de Geografia.

3.4. Jovens: sujeitos que circulam por Canoas

Na Geografia, as pesquisas relacionadas ao ensino muitas vezes buscam dissertar sobre os alunos atendidos na educação básica e sua relação com o espaço. Assim, nesta pesquisa, os estudos anteriores que me inspiram são sobre a relação destes com o espaço de convívio, como os de Herechuk (2011), Dias (2012) e Martinez (2012). O primeiro discorre sobre a identidade territorial dos alunos na cidade de Alvorada, também na Região Metropolitana de Porto Alegre, assim como Canoas, e o modo como convergem ou divergem de alguns discursos hegemônicos sobre a cidade. O segundo reflete sobre a relação que os alunos estudantes no bairro Centro da capital Porto Alegre possuem com este espaço cotidiano e o modo como os professores poderiam utilizar em suas aulas este processo de lugarização. Já no terceiro, Martinez (2012) apresenta a possibilidade de um currículo a partir do cotidiano vivido por jovens em vulnerabilidade social. Porém, inspirada nestes estudos acrescento a dimensão da valorização de uma perspectiva de juventude e suas representações para contribuir com a pesquisa sobre o ensino de Geografia.

Para compreender o jovem que está na sala de aula é necessário contextualizar a sua condição da sociedade contemporânea. Do contrário não será possível compreender como suas ações e comportamentos podem ser também influenciados por um contexto maior que o seu lugar de vivência.

Podemos assim definir que, de forma macro, a concepção de juventude distingue-se ao consideramos a sua perspectiva institucional ou cultural. Na perspectiva institucional jovem é aquele com idade entre 15 e 29 anos no Brasil (Conselho Nacional de Juventudes) ou entre 15 e 24 anos em uma perspectiva planetária (ONU – Organização das Nações Unidas). Esta institucionalização visa o

planejamento de políticas específicas para esta faixa etária. No caso de Canoas, corresponderia ao percentual de 16,56% da população absoluta². Entretanto, se considerarmos no Brasil, a tendência é da questão juvenil antecipar os 15 anos de idade, visto que para população com menor renda é, muitas vezes, nesta época que a autonomia e inserção no mundo do trabalho se efetiva, característica que provoca uma transição da fase infantil para fase adulta (SPOSITO, 1997). Como a disciplina de Geografia atende idade inferior a 15 anos, não podemos nos prender a uma faixa etária específica quando pretendo compreender o jovem que constrói o seu mundo em Canoas.

A minha atuação como professora da disciplina de Geografia na educação básica é, na maioria, com alunos que podem ser considerados culturalmente jovens, portanto é a partir deste olhar que os compreenderei. Os que participam desta pesquisa tinham a característica comum de estar cursando o último ano do ensino fundamental, porém havia distintas idades e, principalmente, diversos contextos de vida. Isso corrobora para o que já sabemos: na prática da sala de aula nenhum jovem aluno pode ser comparado ao outro, traçando uma arbitrariedade sobre as seu aspecto individual como sujeito.

Assim, culturalmente, ao evocar o termo jovem associamos costumeiramente a um período da vida, a juventude, que carrega consigo atribuições como a possibilidade de descumprir as regras, de ousadia, de provocar mudanças, um período de indefinições e decisões para uma vida adulta que está no futuro. Por isso, com auxílio de Dayrell (2007), pretendo destacar algumas representações do que seria juventude.

A mais popular é o jovem que está se preparando para o futuro, o “vir a ser”, em que o presente não existe como sua formação. É o caráter transitório de juventude, como se não existisse como sujeito de opiniões e vivência (DAYRELL, 2007). Lembro aqui do quanto na escola em uma perspectiva de preparação para o trabalho podemos reforçar esta imagem, pois estamos preparando alguém para um amanhã, que não merece ser ouvido no presente. Tenho a impressão de que muitas vezes isso é internalizado mesmo pelos jovens, quando na sala de aula insistimos para que escrevam as suas conclusões e insistem em apenas repetir o que o material didático ou outras fontes reproduzem. Nas práticas desta pesquisa isso

² Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Censo 2010

ficou explícito na dificuldade de instigar a autoria no momento da confecção dos fanzines em sala de aula.

Temos também a visão romântica de juventude, que se formou a partir da década de 1960. Está atrelada ao surgimento da indústria cultural e de um mercado de consumo dirigido aos jovens, já que eles estariam em uma fase mais libertária quanto às regras da sociedade. Quanto a esta imagem, Dayrell (2007) alerta que atualmente isso se traduz ao relacionarmos os jovens sempre com a cultura, como se a condição juvenil fosse somente manifestada em relação às atividades culturais. Considero que esta é a imagem discursiva que mais se destaca tanto para uma definição pela sociedade do que é ser jovem, quanto na sua constituição. Na sala de aula alguns internalizam e cobram-se mutuamente a necessidade do celular mais tecnológico, do jogo de videogame. Isso geralmente provoca as discussões que muitas vezes, em sala de aula, desprezamos ao invés de questionar a repensarem estas necessidades culturais impostas. Com os jovens que pesquisei foi clara uma representação nos fanzines e, para alguns, quando relataram locais que frequentam na cidade, como a ideia do que os identifica como jovem. Há atividades culturais que como jovem devem praticar, frequentar como, por exemplo, ir ao shopping.

Ainda Dayrell (2007) destaca a juventude como época de rebeldia, em que os conflitos jovens de auto-estima e personalidade também estariam relacionados ao seu afastamento da família. Neste caminho Schmidt (2006) aborda como a mídia e os próprios jovens caracterizam esta fase como o momento para se “ter atitude”. Porém, para a autora, embora o discurso dos jovens seja no sentido do sinônimo de atitudes de solidariedade, respeito às diferenças ou posicionamento político, o que a mídia define como ter atitude se desvia um pouco desta interpretação.

Para a autora, a mídia reproduz o que a contemporaneidade, caracterizada por uma intensificação do processo de globalização, entende por “ter atitude”. Assim, para os jovens este “ter atitude” é influenciado e torna-se uma “singularidade que pretende tirar o sujeito do geral e trazê-lo para o particular, a partir de suas características, comportamentos, hábitos, modos de vestir” (SCHIMIDT, 2006. p. 115). Ou seja, para ser jovem com atitude, terei de consumir produtos que se tornam simbólicos, quase sinônimos para este período de juventude, como por exemplo, participar de campanhas em redes sociais. Percebi isso nas críticas que os jovens realizaram nos fanzines quanto a alguns problemas sociais, em que suas ações ao

contrário de atitudes mais solidárias, são planejadas individualmente. Há todo um contexto que estimula a singularidade nas atitudes destes jovens.

É neste sentido que Carrano; Martins (2011) também argumentam que na sociedade os jovens são mesmo vistos como rebeldes, porém atualmente também vistos como receptores passivos da cultura dominante. Jovem é aquele sem uma opinião formada, que facilmente se deixaria levar por tendências externas. Porém, contrariamente a esta definição, a questão da juventude é também um modelo cultural, quando se trata das identidades reproduzidas para quem se considera jovem. Temos pais, professores que utilizam e praticam os mesmos símbolos ditados pelo mercado como pertencentes ao período da juventude.

Esse tempo de contradições, em que o jovem constrói múltiplas identificações, torna difusa a representação que temos destes na escola. Como jovem às vezes é o que deve se preparar para o futuro, outras vezes o que é rebelde e tantas outras é o modelo cultural que o mundo adulto quer adotar.

Poderíamos sim, com um olhar mais sensível, considerar o contexto da juventude atual, em que convivem com uma fragilização das instituições e grande desigualdade de oportunidades o que provoca riscos e incertezas a sua condição (NOVAES, 2006. CARRANO; MARTINS, 2011). Portanto, o jovem que no passado tinha como base da sua construção de valores – por exemplo, família, emprego, espaços de convivência – atualmente possui outras configurações e funções que indeterminam sua formação para vida adulta. Neste contexto, podemos relacionar juventude e escola, já que a instabilidade de inserção no mercado de trabalho contribui com a incerteza das suas perspectivas quanto ao futuro, quanto à necessidade de estudar.

Percebo na sala de aula o desinteresse de alguns jovens com esta escola, como se estivessem ali para passar o tempo. É um desafio diário promover o sentido da Geografia para a vida deles. Todavia, também constato que é no momento que relaciono com o espaço mais próximo que consigo o despertar para que ele me demonstre elementos da sua vivência e assim possamos procurar os conceitos geográficos. A escola pode não ter mais a mesma função por uma indeterminação da sua vida adulta, mas a relação professor-aluno e a deste jovem com a escola precisam ser consideradas. Não podemos deixar de considerar que este é um contexto geral que participa da produção de suas subjetividades.

3.4.1 Jovens, escola e nós professores

O professor em sala de aula, ao ter o interesse de escutar o diálogo com os alunos pode iniciar outra compreensão para com o jovem na sociedade. Há todo um contexto escolar que contribui para a imagem do professor como aquele que possui a verdade – o adulto – diante dos jovens que insistem em contestar esta verdade, o que gera os conflitos desgastantes para ambos. Talvez, sejam por estas imagens negativas de juventude que a nossa relação com o jovem em sala de aula possa, às vezes, ser tão conflituosa.

As ideias que temos sobre os jovens, não são algo externo ao que lhes define, mas influenciam na sua constituição e participam também da sua construção de mundo. De certa forma, temos uma representação de juventude através dos discursos, das imagens, dos valores e das responsabilidades que lhe são atribuídas no contexto sociocultural atual.

Diante de exposto, pretendo com esta pesquisa tentar olhar os jovens como sujeitos, obviamente inseridos neste contexto contemporâneo de sociedade, mas alerta para o perigo das definições fechadas do que seria a juventude. Concordo com Pais (2008), que existe acerca do conceito de juventude uma mascarada ideia de homogeneização com as construções sociais que sempre se relacionam a esse assunto como, por exemplo, idade, grupos, tribos que teriam idênticas percepções, consumos, expectativas. Poderemos com uma homogeneização reforçar preconceitos, pois

Os jovens são o que são, mas também são (sem que o sejam) o que deles se pensa, os mitos que sobre eles se criam. Esses mitos não reflectem apenas a realidade, ajudam-na também a instituir-se como uma idealização ou ficção social.[...] É que, como disse, as palavras, por vezes, mascaram a realidade, ou melhor, constroem-na à imagem das máscaras que usam para a representar. Aliás, as fases de vida e a própria idade são construções sociais. (PAIS, 2008, p. 08)

Esta idealização ou ficção social atrapalha o nosso trabalho em sala de aula. Estamos ali muitas vezes, em uma sala lotada de jovens e muito pouco sabemos da realidade que trazem por trás das máscaras com as quais os representamos. Muitas vezes no contexto escolar ouvi sobre os alunos comentários que demonstram

práticas preconceituosas e homogeneizantes, por exemplo, ao considerar que os jovens hoje não querem mais “nada com nada”. Será que realmente é realidade ou nos deixamos levar por máscaras sobre a juventude que influenciam o modo como nos relacionamos com nossos alunos?

Conforme, Meinerz (2005) ainda é difícil para nós professores considerarmos as trajetórias dos alunos na criação de propostas pedagógicas. Com isso vem a perda do “respeito” e a nossa visão destes jovens a partir de uma perspectiva adulta de mundo. Deveríamos considerar que a escola como uma instituição criada no século XIX ao passar por um processo de adaptação assim como modernidade, demonstra atualmente novos fenômenos sociais como a desconstituição das relações de poder (MEINERZ, 2005). Estes jovens preferem algumas vezes estar no pátio da escola a permanecerem nas salas de aula, para Meinerz (2005) se mostrando mais como um local de “práticas de sociabilidade”.

Acrescenta-se que a escola se modificou muito nos últimos anos com as políticas de inserção de sujeitos que antes não a frequentavam, o que faz com que este nosso espaço de trabalho necessite ainda mais considerar a compreensão das diferentes juventudes. A escola agrega diferentes jovens, porém ainda predomina uma homogeneização de suas diferenças quando apenas os consideramos como alunos, isso porque, infelizmente, parte-se de uma ideia de um aluno ideal (LEÃO, 2011). Queremos um aluno que sirva a escola originária do século XIX na segunda década do século XXI.

Outros contextos também influenciam nesta relação com a escola, para eles, embora, o bom desempenho escolar não seja garantia de uma carreira profissional imediata e muitas vezes estes jovens não possuem na família o apoio que necessitaria para persistir (NOVAES, 2006). No sentido de contribuir com uma perspectiva que reverta esta situação é necessário ouvi-los, mas na procura de orientar, auxiliar com o conhecimento buscando contribuir na formação de valores e na escolha das suas trajetórias pessoais. Como professores um caminho seria encontrar formas de argumentar que neste país a maior escolaridade, se não garante uma vida confortável, ainda é requisito para maiores remunerações. Da nossa parte, portanto, ignorar o contexto social do jovem pode gerar uma saída prematura da escola, e promover exclusão social.

Por isso, quando considero que os jovens que frequentam a educação básica em Canoas possuem uma representação de lugar que deve ser pesquisada pelo

professor de Geografia, é porque priorizo as suas experiências para o aprendizado. Como professores, é urgente considerar os jovens desmascaradamente (PAIS, 2008) como sujeito com singularidades, muitas vezes deixadas de lado por coerção de um mundo que valoriza as ideias adultas e apenas o vangloria quando interessa a uma cultura de consumo.

Ante o exposto, se não é mais possível considerar juventude como uma conceituação fechada, um dos fatores que especifica a sua diversidade é a diferenciação na apropriação de bens materiais e simbólicos (CARRANO; MARTINS, 2011). Eles se diferenciarão quanto à classe social, às referências culturais, às relações familiares e ao contexto do lugar com o qual convivem. Também não é possível deixar de considerar que na contemporaneidade temos a formação de grupos criados através do consumo, da facilidade de troca de informações e estes não necessitam mais conviver no mesmo lugar. Este contexto modificou as representações criadas culturalmente, temos nestes jovens uma geração net em que o ambiente da realidade virtual possibilita a criação de tantas identidades quanto forem necessárias para se inserirem no grupo, tornando-se um laboratório de experiências (GARBIN, 2009).

Neste sentido, os jovens podem ser influenciados pela mídia, pertencer a tribos, mas também, serem rebeldes, militantes, voluntários, estudantes, pais de família, ou seja, múltiplas identificações (HALL, 2000). Neste contexto podemos considerar que, com a pluralidade de culturas que os jovens convivem, as representações sociais que possuem são fruto também de suas identidades partilhadas (HALL, 2000).

Unindo esta diferenciação na apropriação de bens materiais e simbólicos, que se relaciona com as diferentes identificações com a facilidade atual na troca de informações, é na escola que isso se torna mais latente. No momento da busca de informações, a primeira opção não é a escola, o professor ou os livros impressos, mas, sim, cada vez mais os ambientes virtuais. Então, mesmo os jovens mais carentes, frequentam lan house, já que nem todos possuem acesso à internet na sua residência ou telefones móveis com este tipo de acesso. Isso muda a nossa relação como professores com este jovem e modifica também a função da escola, sendo um dos lugares onde estas múltiplas identidades juvenis se encontram.

Desta forma, concordo com Dayrell (2007) que os jovens constroem modos de ser jovem baseados no seu cotidiano. Foram diferentes tipos de jovens que

encontrei nas escolas, mesmo partilhando um mesmo espaço. Desta forma, sou contra uma estigmatização de que todos jovens são rebeldes, ou todos jovens são influenciados do mesmo modo pela mídia. Ser jovem será definido pelo seu contexto social e este está diretamente relacionado em como utilizará, interpretará o seu espaço mais próximo, o seu lugar, o seu mundo. O contexto da pesquisa, com uma escola na área central e outra mais periférica, procurou diferentes jovens para transparecer estas questões.

Assim, há relação das identificações dos jovens com o espaço, construindo o seu mundo, pois muitas vezes ignoramos na escola que os jovens territorializam espaços, que podem ser até mesmo o ambiente escolar, ou não. Na cidade diversas manifestações culturais, que não possuem espaço no ambiente escolar, possuem os jovens como protagonistas. Estes espaços juvenis demarcados contribuem na formação das suas identificações e de grupos que possuem interesses comuns (CARRANO; MARTINS, 2011). Estas territorializações podem influenciar na sua relação com a cidade como lugar, sejam elas em meios físicos ou virtuais, como, por exemplo, os locais de encontro. No caso de Canoas, o único shopping da cidade ou os raros locais de lazer públicos nos bairros se mostram nesta pesquisa como ilustração destes espaços.

De forma que, a relação do jovem com a cidade é uma troca em que a cidade interfere nas manifestações culturais, e os grupos que nela convivem a interferem com a multiplicidade dos seus olhares (CARRANO; MARTINS, 2011). Este é um movimento dinâmico, que forma a cultura urbana como síntese instável de constantes movimentos entre cidade, urbano e grupos sociais, aqui representados pelos jovens. Há locais na cidade criados para os jovens e outros reelaborados pelos jovens, conforme a sua possibilidade de circular e frequentar estes espaços. A escola e nós professores, sobretudo no ensino de Geografia, não podemos nos abster deste contexto.

Assim, o que temos além dos espaços onde estes jovens frequentam, são diferentes tempos, culturas para semelhante faixa etária. Quando pesquisamos escolas em localizações distantes, porém no mesmo contexto de uma cidade no que se refere aos seus limites, estamos procurando abranger as diferenciações destes jovens. Este necessita com enorme importância, trabalharmos o lugar na escola, e a Geografia com o espaço geográfico pode ser a porta de entrada para a (re)significação das suas percepções.

As identificações dos jovens na contemporaneidade possuem relações que se traduzem no espaço de convivência, e em Canoas não poderia ser diferente. Os jovens da pesquisa constroem uma identificação através da sua convivência em sociedade, aqui geograficamente considerando o Lugar, e também de uma capacidade autônoma que inicia sua formação para vida adulta. Estes sujeitos, que são extremamente inseridos na atualidade e procuram com todas suas forças se diferenciar, dependem das instituições como família e escola para lhe mostrar os caminhos para uma vida autônoma adulta. As relações com o lugar de vivência, com a família e com a escola se mesclam com uma autonomia do sujeito que se constitui neste momento da vida. Então, as reflexões sobre o ensino de Geografia, através da escuta das representações sobre o lugar para estes jovens, podem auxiliar nós professores a conhecermos melhor o seu cotidiano no lugar e procurarmos inserir este no currículo da disciplina.

4. A PROCURA DE ATALHOS: COMO OUVIR OS JOVENS

Não é à toa que entendo os que buscam caminho. Como busquei arduamente o meu! E como hoje busco com sofreguidão e aspereza o meu melhor modo de ser, o meu atalho, já que não ousa mais falar em caminho. Eu que tinha querido tanto. O Caminho, com letra maiúscula, hoje me agarro ferozmente à procura de um modo de andar, de um passo certo. Mas o atalho com sombras refrescantes e reflexo de luz entre as árvores, o atalho onde eu seja finalmente eu, é outro, é os outros. Quando eu puder sentir plenamente o outro estarei salva e pensarei: eis o meu porto de chegada. (Clarice Lispector)

Queria que nesta pesquisa as minhas dúvidas encontrassem alguns caminhos. Também, não gostaria que fossem caminhos fechados, destes que, geralmente, buscam respostas que tenham a pretensão das verdades irrefutáveis. Por isso, me encontro com Lispector neste sentido de chamar de atalho o momento em que pude me encontrar com o outro. Optei nesta pesquisa com o auxílio de Morin (2010) por uma perspectiva ética da necessidade de um “conhecimento desinteressado” já que “conhecer para conhecer é que deve triunfar, para o conhecimento, sobre todas as proibições, tabus, que o limitam” (MORIN, 2010, p. 121). Neste conhecimento desinteressado me encontrei com jovens em Canoas por atalhos que surgiram no caminho desta pesquisa e me proporcionaram mais do que um caminho para os objetivos, mas, sim, atalhos para o encontro com o outro que, conseqüentemente, trouxeram um encontro comigo mesma.

Acima de tudo esta pesquisa é movida por meus questionamentos que desejam conhecer o aluno. Porém esta ação pode acontecer no desinteresse do convívio em sala de aula, em que podemos considerá-los como jovens. Dessa forma podemos neste processo nos descobrirmos mutuamente na relação professor-aluno, sem a pretensão da construção de uma escrita que encontre definições. Não consigo distanciar a prática desta pesquisa do que entendo por uma prática interessada na sala de aula, exceto pela maior dedicação a um tema, porque quando planejamos nossas atividades cotidianas docentes, estamos sempre pesquisando como auxiliar o aprendizado do aluno. Trago aqui minhas inquietações docentes, necessárias e infundáveis. Embora esta pesquisa não se dedique de forma direta aos processos de aprendizagem, parte do pressuposto da necessidade de conhecer o aluno para este fim.

Esclareço que a prática foi guiada pelas premissas e pressupostos que auxiliam a construir o caminho desta pesquisa. As premissas como fundamento das ideias são desenvolvidas a partir da compreensão do contexto da juventude, particularmente na cidade de Canoas como recorte do Espaço Geográfico e possível lugar para estes jovens a partir do conhecimento de suas experiências e representações. Estas premissas nasceram a partir dos pressupostos como, por exemplo, de que os jovens convivem diariamente com o lugar e que é a partir deste que conhecem o mundo, para mim o objetivo maior no ensino de Geografia. Também de que nós, professores, precisamos pesquisar o sujeito com o qual trabalhamos, e para o ensino de Geografia, um caminho é saber das suas experiências e representações sobre o lugar.

Assim, como professora os meus questionamentos e problemas que estão nesta pesquisa foram, em parte esclarecendo-se, porém também se refazendo. Por isso, mais do que a busca de respostas, acredito que no modo como se estruturou esta pesquisa na sua prática, minha intenção é de que seja uma contribuição para o ensino, com o que acontece na sala de aula e para nos constituirmos na docência.

Sobre este aspecto, esta pesquisa envolve questões minhas como professora pesquisadora na cidade com a qual sempre convivi. Por isso, a escolha metodológica está imbricada do meu olhar como observadora da cidade. Não optei de forma estanque por um método ou caminho de pesquisa, mas, sim, pelo que faria sentido, já que envolve questões pessoais históricas com a cidade que nasci e com a profissão que escolhi. De forma que a linguagem utilizada na minha análise não consegue ser nada isenta, já que o que me cerca termina por me constituir e definir as minhas dúvidas e pensamentos.

No passado, e ainda hoje em algumas pesquisas, para um processo a partir da racionalidade esta minha posição poderia ser um problema, já que há uma procura nesta concepção de ciência por reduzir os conhecimentos à manipulação pela técnica com diversos experimentos. No entanto, é novamente com auxílio de Morin (2010) que encontro a justificativa de que em uma atual crise do princípio de explicação da ciência clássica, passa-se a considerar que o meu ponto de vista como observadora é parcial e relativo e que exige “o sujeito se reintroduza de forma autocrítica e autorreflexiva em seu conhecimento dos objetos” (MORIN, 2010, p. 30). Seria impossível não assumir esta condição com o recorte espacial que envolveu esta pesquisa.

Neste andar por meus questionamentos, planejei um percurso mesmo sabendo que o caminho é algo que se modifica pelos atalhos que surgem quando começamos a trilhá-lo. Assim com uma abordagem qualitativa, em muitos momentos vi meu planejamento não condizente com a estrada que encontrei. Nesses momentos, que de início pareciam um fim para o que eu previa, na realidade, mostraram-me que os atalhos se abriam somente se eu aceitasse achar explicações durante o trajeto.

Uma das explicações para esses atalhos foram os jovens com os quais pesquisei nas escolas. Inicialmente consegui o Professor de Geografia e História da Escola 1 disposto a me auxiliar, após a tentativa sem sucesso em outras escolas do bairro. Na organização dos seus horários com os meus, se mostraram como melhor opção as turmas de 8ª série no turno da manhã. Inicialmente, participei da primeira aula como observadora em cada uma das três turmas, por sugestão do Professor, a fim de que eu escolhesse a melhor. No entanto, ali o atalho abria-se, porque percebi que a pesquisa enriqueceria mais se eu me envolvesse tanto com as turmas em que os alunos continham a idade ideal em maioria quanto daquelas turmas que tinham alunos já marcados pela repetência, já que eram turmas de no máximo 28 alunos e com muita rotatividade, pois vários faltavam e estavam planejadas muitas atividades extraclasse na escola, que alteravam ainda mais a possível rotina.

A partir deste atalho que encontrei na Escola 1, também procurei as turmas de 8ª série na Escola 2 e, novamente, por uma organização de horários, surgiu a Professora de Português como disposta a me auxiliar com a pesquisa. Neste caso a maioria estava na idade ideal, porém a diferença era a quantidade de alunos em sala (41 ao total). Assim, as atividades foram realizadas no mesmo turno das aulas, pois não havia espaço disponível nas escolas para atividades no contraturno. Ambos os Professores cederam-me alguns períodos de aula, durante um período de quatro meses de revezamento entre as duas escolas.

Procurei ser uma mediadora em sala de aula, quando pretendi instigar este aluno a descrever qual era o seu Lugar na presença dos seus colegas de grupo. Porém, não consegui me distanciar a ponto de não explicar quem eu era, ou de onde eu vim, pois senti a necessidade, principalmente por me identificar com aqueles jovens ao relembrar as minhas aulas de Geografia e os espaços comuns que também contribuíram para a minha construção de mundo. Considero que ter utilizado os períodos de aula de Geografia e História na Escola 1 ou de Português

na Escola 2 não interferiu na minha relação com os alunos, já que me coloquei como mais do que uma professora, mas alguém que estava disposta a compreender o mundo com o qual eles convivem.

Como utilizei a atividade dos fanzines e das entrevistas semi-estruturadas, é necessário explicitar como compreendo e de que forma utilizei estes instrumentos de pesquisa. Assim, faço uma breve explanação do que são os fanzines e sua utilidade no ensino, assim como do processo de planejamento em conjunto com as entrevistas.

4.1. Fanzine como prática de atalho

Para esta pesquisa fui à procura de formas metodológicas que conseguissem se aproximar de uma abordagem sobre as representações do jovem sobre o Lugar. No entanto, como professora pesquisadora de jovens que estão na escola, gostaria de encontrar uma prática que pudesse fazer parte deste contexto de sala de aula. O meu foco era atrair estes jovens a demonstrarem suas representações e isso não aconteceria, em um primeiro momento, através de práticas com certo distanciamento, por exemplo, somente solicitar um texto ou preencher questionários. Foi nesta busca que encontrei como caminho, a elaboração dos fanzines.

Em um primeiro momento o visual do fanzine pareceu semelhante aos jornais internos à escola, geralmente produzidos pelos alunos. Todavia, com uma busca mais aprofundada descobri que os fanzines poderiam ser não somente um instrumento para minha pesquisa, mas uma sugestão de atividade que poderia ser adotada por estes jovens posteriormente. Descobri que se caracterizam tecnicamente como “revistas artesanais onde todo o processo, desde a produção até a distribuição, é realizado pelo seu autor” (MARANHÃO, 2012, p. 41). Ante o exposto, não possuem uma forma definida e ainda tem uma continuidade na elaboração de edições. Entendi que era este instrumento que procurava, por possibilitar a análise a partir da liberdade de manifestações dos jovens. Poderia analisar o que consideravam como Lugar, além de incentivar a sua autoria buscando o protagonismo dos jovens.

Pesquisando sobre a origem do fanzine, a palavra provém da contração das palavras *Fanatic Magazine* (Revista de fã) e seu surgimento costuma ser associado à criação por fãs de ficção científica da revista estadunidense *The Comet*, em 1930. Posteriormente, visava divulgar ações do movimento punk na Inglaterra, a partir da década de 1970 e concomitantemente se intensificou também na França, onde foi instalada a primeira fanzinoteca da Europa (MARANHÃO, 2012). A prática da confecção, divulgação e fanzinotecas atualmente é mundial.

No Brasil, antes da década de 1970, eram conhecidos como boletins informativos, e possuem os primeiros registros na década de 1960, também entre fãs de ficção científica. Nas próximas duas décadas, o fanzine se difundiu principalmente como divulgação de Histórias em Quadrinhos e publicações que clandestinamente procuravam divulgar o que o regime político brasileiro na época censurava (MAGALHÃES, 2003). Após esta geração com a reprodução por mimeógrafos, os fotocopiadoras facilitaram a reprodução, tornando a década de 1980 o auge da produção de fanzines impressos no Brasil.

Finalmente, com o avanço da informática, o uso de computadores melhorou o design gráfico das publicações. Posteriormente, o advento da internet possibilitou outras formas de divulgação, sem perder a marca de produção independente. Porém, como salienta Magalhães (2003), a leitura na tela com textos extensos provoca fadiga, o que exigiu uma readaptação para os fanzines que começaram a ser publicados também de modo virtual.

Embora atualmente existam incontáveis e-zines (fanzines divulgados na internet), no momento em que apresentei a proposta de fanzine aos jovens, fiz questão de diferenciar da elaboração de blogs (diários virtuais), por exemplo. Os fanzines, de forma opcional, continuam não precisando do uso de computadores e internet, uma necessidade que muitas vezes na escola pública é dificultada por inexistência ou má manutenção dos laboratórios de informática.

Como possibilidade do uso escolar do fanzine, o estímulo à escrita autoral pode trazer uma riqueza de subjetividades na sala de aula. De forma que, concordo com Maranhão (2012)

Uma das coisas que me intriga nos zines é o fato de que a partir deles, há a possibilidade de democratização da palavra escrita. Uma pessoa comum pode narrar qualquer história do modo como escolher (MARANHÃO, 2012, p. 44)

Está evidente que na escola o fanzine é, portanto, uma possibilidade de autoria do aluno, pois este pode informar e não somente receber informações. Em outros termos é um incentivo à reflexão no momento da escolha sobre o que irá divulgar. Refletindo a partir desta argumentação pensei que seria possível considerar em como utilizar os fanzines no ensino de Geografia para mostrarem o espaço que estes alunos convivem, o seu cotidiano no lugar. Por exemplo, para demonstrar o Lugar com o qual convive o aluno teria que relembrar o que é mais significativo para representar este espaço cotidiano.

Também, os fanzines podem causar o estranhamento de trazer para os assuntos tradicionais da sala de aula, as perspectivas do aluno. Entretanto, isso também dependerá de como a sua elaboração pode ser interpretada pelo professor, de forma aberta para incentivar a criatividade do aluno ou como um formato diferente para os tradicionais trabalhos escolares que costumeiramente são corrigidos e arquivados. O fanzine exige liberdade de criação, pois o artesanal é a sua principal característica, de modo que deve ser com o mais leve direcionamento possível para ter a sua real função na sala de aula.

Com o uso do fanzines, esta era a minha intenção, deixar os jovens livres para descreverem, narrarem, desenharem o lugar com o qual convivem. Mais do que somente nas entrevistas que já pretendia fazer, encontrei nos fanzines uma atividade desenvolvida em sala de aula que poderia inverter o costume do professor como o adulto que possui a verdade e o aluno como o jovem que apenas está em um período de preparação para uma vida adulta. Também ele me possibilitaria criar sobre a sua forma como prática de pesquisa. Este material se mostra de extrema riqueza, pois “remetem a experiências, práticas, temporalidades, sociabilidades, circulação de saberes, de técnicas, de conteúdos, de maneiras de viver e de interpretações de mundo” (MARANHÃO, 2012, p. 49).

No ano de 2011 foi lançado o documentário “Fanzineiros do Século Passado – Capítulo 1: As dificuldades para botar o bloco na rua e a rede social analógica” (2011). Neste alguns fanzineiros de vários locais no Brasil narram o modo como criavam e distribuíam seus fanzines. A grande empolgação dos entrevistados no documentário era a possibilidade da troca dos fanzines com outros fanzineiros, muitas vezes, de locais distantes. Esta característica da criação de redes de sociabilidade é uma marca dos fanzines, já que o elaborador o cria tanto para divulgar o que achar necessário, como na expectativa da resposta dos leitores. Com

esta possibilidade encontrei uma forma de criar sobre esta prática, ao me questionar o porquê não propor uma conexão entre os jovens das duas escolas? Pensei que desta forma poderiam trocar os seus fanzines após a finalização das atividades, assim como utilizar o documentário para incentivá-los.

Ainda, como muitos fanzines já são totalmente virtuais, outros possuem somente a capa virtual como catálogo, considerei esta possibilidade como alternativa para o contato entre os jovens das escolas. Com finalização das atividades, todos os fanzines e comentários produzidos foram digitalizados e inseridos em um blog³ virtual para que estes jovens tivessem acesso à resposta dos jovens da outra escola após o término das práticas da pesquisa.

4.1.1. Elaboração dos fanzines

A elaboração dos fanzines foi orientada a partir de um planejamento, visto que seria por um período determinado e algo que era novidade para os jovens das duas escolas. Logo para sala de aula foi necessário levar revistas, jornais, cola, tesoura, cópias do direcionamento das atividades para os alunos e um projetor digital, para que os jovens assistissem os primeiros 13 minutos do documentário “Fanzineiros do Século Passado – Capítulo 1: As dificuldades para botar o bloco na rua e a rede social analógica” (2011), para mostrar como se desenvolvia a elaboração e distribuição de fanzines no passado.

Após uma breve introdução de como se desenvolveria a atividade, foram distribuídas as folhas com as orientações. Nesta havia dados e um pequeno comentário sobre o vídeo, mas também um espaço para anotarem ideias sobre como elaborar um fanzine enquanto assistiam ao documentário⁴

Na sequência foi explicado que este fanzine iria tratar do cotidiano destes jovens na cidade, visto que, de alguma forma, era necessário situar o tema para atingir o objetivo da pesquisa. Todavia, foi esclarecido que este era o tema mais

³ lugaremzines.blogspot.com

⁴ Ver página 1 do Apêndice A

abrangente e que nos grupos de no máximo oito jovens, isso seria discutido de forma flexível. Assim, havia a questão com espaço para preenchimento: “*O que queremos mostrar do lugar onde convivemos? Listar algumas ideias, palavras:*”.

E como seria elaborado em grupo, para que todos participassem e para facilitar a análise, havia um espaço⁵ que solicitava que distribuíssem uma sessão do fanzine para cada integrante, com ilimitado número de páginas e liberdade para as formas de expressão.

Foram produzidos 11 fanzines na Escola 1 nas três turmas, já na Escola 2 foram 6 fanzines. Embora exista esta diferença quantitativa, nesta pesquisa considero que não há relevância, pois, para análise, a quantidade de fanzines não era objetivo para os resultados. Muito pelo contrário, pretendi analisar as representações de mundo destes jovens a partir do conteúdo dos fanzines, de forma a permitir a minha análise com auxílio da teoria escolhida.

Nesta busca, mesmo na instrução para atividade de elaboração do fanzines, já havia escrito que teríamos uma segunda fase da sua montagem. A finalização ocorreu com a reprodução por fotocópias para distribuir na turma da outra escola em que estava sendo desenvolvida a pesquisa e entre os colegas da turma. Solicitei quando receberam o fanzine da outra escola que elaborassem um comentário, semelhante ao de um blog virtual, a partir de algumas questões para que demonstrassem as semelhanças ou diferenças em relação aos seus fanzines.

— *Há diferenças em relação ao fanzine que vocês produziram?*

— *Vocês escreveriam sobre os mesmos assuntos no seu fanzine ou não? Por quê?*

— *Esta vivência dos jovens na cidade é semelhante a sua ou não? Por quê?*

Estes comentários foram posteriormente inseridos como postagem em um blog virtual (FIGURA 4).

⁵ Ver página 2 do Apêndice A

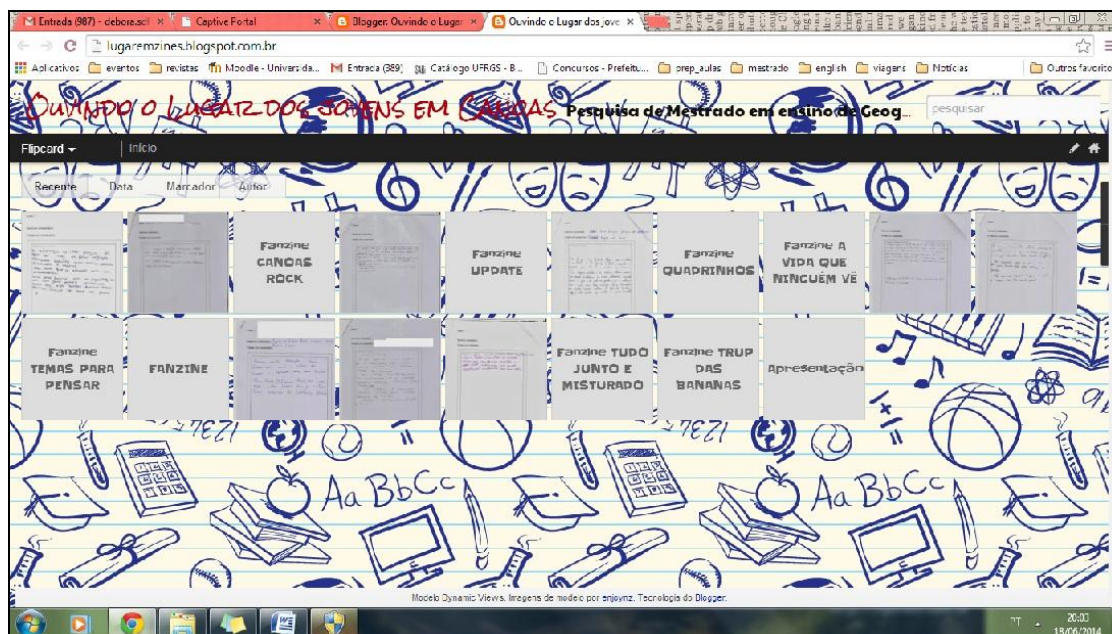


FIGURA 4 – Blog com os Fanzines e Comentários dos Alunos, Digitalizados.
Fonte: Blog OUVINDO O LUGAR DOS JOVENS EM CANOAS⁶

Ressalto que o ambiente virtual dos fanzines foi criado mais para os jovens terem contato com o resultado do trabalho, mas não foi possível realizar atividades na escola neste sentido, apenas foi divulgado o endereço do blog durante a atividade de escrita dos comentários. Esclareço que as atividades nas escolas encerraram já no final do ano letivo, o que dificultou postergar esta fase final do trabalho, visto que os alunos se dispersaram no período pré-férias escolares. Principalmente com esta atividade dos fanzines, pude relacionar com os atalhos, porque assim como na sala de aula não há um caminho com final pré-determinado, já que até mesmo um blog tive de construir. O blog possui o endereço para um álbum de fotografias virtual com os fanzines e os comentários realizados pelos jovens das escola também digitalizados. Esta atividade da elaboração e posterior troca dos fanzines chamou atenção dos jovens.

4.2. Da entrevista à conversa informal: os atalhos ampliam-se

Durante o desenvolvimento da atividade de elaboração dos fanzines procurei estabelecer através de questionamentos nos diálogos alguma relação de interesse

⁶ Disponível em: <lugaremzines.blogspot.com> Acesso em: jun. 2014.

sobre o Lugar que vivem estes jovens de forma atenta para que pudesse perceber as suas representações. No entanto, as conversas muitas vezes como forma de instigar a motivação para o desenvolvimento da atividade traziam a demanda de ouvir de forma mais atenta estes jovens. Por isso, priorizei ainda mais a necessidade de desenvolver as entrevistas, já que tem o objetivo de uma maior aproximação para explorar em profundidade a vivência do entrevistado, embora as representações das experiências individuais sejam provenientes dos processos sociais (GASKELL, 2008). Desta forma, a entrevista possibilitaria perceber o que não foi possível na elaboração dos fanzines.

Cabe salientar que, embora eu estivesse na condição de pesquisadora, gravando a entrevista e realizando muitos questionamentos, com alguns jovens a entrevista pareceu mais uma conversa informal. Senti isso principalmente com os jovens da escola que é situada no bairro onde moro. Atribuo este fato a eles saberem que eu sou moradora de uma mesma realidade do que a do seu convívio diário. Mas também não senti em nenhum momento recusa ao que estava propondo por parte de algum jovem nas duas escolas. Foi um aprendizado que ocorreu como processo no desenvolvimento da pesquisa. Este se fortaleceu no convívio com estes jovens pesquisados quando mais atentamente pude ouvi-los.

Na fase de planejamento da entrevista não tinha definido o critério que iria utilizar para selecionar os jovens, muito por considerar a flexibilidade que necessitaria com os primeiros resultados a partir dos fanzines. Durante as primeiras atividades, já previa pelas dúvidas e comentários de alguns jovens que a temática abordada por estes seria interessante, como quando me questionavam se poderiam mostrar Porto Alegre ou quando alguns reclamavam que não tinham cotidiano para além da sua casa e da escola. Também me chamou a atenção quando recebi os fanzines, já que alguns mostravam espaços da cidade de forma mais íntima de forma positiva ou negativa, ou pelo contrário, totalmente distanciados. Percebi que os rumos da pesquisa estavam se mostrando a partir destas minhas percepções e foi com base nelas que escolhi os entrevistados, tornando-se já análises da pesquisa.

As entrevistas ocorreram após eu receber os fanzines e geralmente durante o intervalo de aula, em que após convidar o entrevistado, a conversa era gravada. Mesmo com estas condições de intervalo de aula, ou quando algum professor permitia a ausência, as entrevistas desenvolveram-se com alguns jovens como uma

conversa entre professor e aluno, o que gerou respostas para além do que estava sendo indagado. Tive a oportunidade de conversar com aqueles jovens que encontrava na escola, partindo das possibilidades que surgiam dentro da minha seleção prévia.

Neste sentido, a maior preocupação de uma pesquisa está em abranger os seus objetivos e comigo não seria diferente. Visto que, em parte procurava os abranger com as entrevistas, a quantidade de jovens era algo que me inquietava. Mas logo compreendi a partir de Gaskell (2008) que

A finalidade real da pesquisa qualitativa não é contar opiniões ou pessoas, mas ao contrário, explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão (GASKELL, 2008, p. 68)

Somado ao que já estava percebendo no desenvolvimento das atividades, essa afirmação somente corroborou para afirmar que não importa a quantidade de jovens que eu iria selecionar para a pesquisa de forma quantitativa. Porém, importava o quão representativo poderia ser a análise das suas manifestações nos fanzines em consonância com o objetivo da pesquisa. Mais do que jovens entre 14 e 16 anos, eles estavam ali como sujeitos que mereciam ser considerados a partir das suas falas. Assim, denominei-os de Victor, Venâncio, Sandro, Lucindo, Daiana e Patrícia na Escola 1, além de Leandro, Laura, Carolina e Caio, na Escola 2. Escolhi estes nomes porque conforme estabelecido no termo de autorização para os responsáveis, teriam na divulgação da pesquisa os nomes modificados por questão de sigilo.

Com esses jovens utilizei um tópico guia (Quadro 1), para auxiliar no direcionamento da conversa, embora algumas vezes eu pudesse inverter ou modificar a questão conforme a conversa fosse desenvolvida. Todavia, a minha prioridade era saber deste Lugar dos jovens e com essa finalidade, no início da entrevista o objetivo era saber sobre as experiências dos jovens no cotidiano em Canoas, então eu questioneei por onde circulavam quando não estavam na escola, os locais de lazer, os locais que gostariam de ir e os locais que frequentam no bairro. Já na segunda parte, o objetivo era perceber as representações sociais que possuem em relação ao Lugar que convivem. Logo, solicitei que falassem sobre espaços mais próximos tais como a rua, a escola, o bairro, tanto em uma descrição pessoal quanto para tomar um posicionamento em relação ao que outras pessoas

poderiam descrever. Também foi neste momento que pude conversar sobre a cidade de Canoas e suas diferenças entre os bairros e sobre as representações destes jovens.

Você costuma fazer o que pela cidade/bairro quando não está na escola?
Quais locais de lazer você frequentou na última semana em Canoas? O que você foi fazer lá?
Quais locais você gostaria ou gosta de ir em Canoas?
Algum local mais que você frequenta no bairro?
Pense em uma frase para definir a <ul style="list-style-type: none"> A) sua rua. Por quê? B) sua escola. Por quê? C) seu bairro. Por quê? D) Canoas. Por quê?
O que você acha que as pessoas pensam do local onde você mora? Você concorda? Qual ideia lhe vem ao ouvir isso?
Você percebe alguma divisão em Canoas? Em relação à BR 116 ou ao Trem? Isso influencia no teu cotidiano? Quais bairros que tu costuma circular em Canoas?

QUADRO 1 – Tópico Guia Utilizado na Entrevista

Fonte: Elaborado pela autora

4.3. Analisando os atalhos

No processo de análise do material das entrevistas, priorizei o conteúdo como forma de sistematizar as categorias por similaridades que se adequavam aos objetivos da pesquisa, por uma questão de organização, mas também para facilitar o

entendimento do leitor. Porém, procurei fazer com que em nenhum momento uma estrutura fixa se sobrepusesse à fala destes jovens, que são a prioridade da escuta nesta pesquisa.

Sendo assim, ao optar por uma análise de conteúdo deixo claro que o texto não será julgado como verdadeiro na sua interpretação, mas o quanto esta compreensão está articulada com a teoria e objetivo da pesquisa (BAUER, 2008). Nesta pesquisa o material dos fanzines e entrevistas enriquece a análise porque pode ser realizada de modo trans-seccional (BAUER, 2008), ou um conjunto de técnicas (TRIVIÑOS, 2011). Ao avaliar a semântica do texto, ao contrário de uma análise sintática por frequência ou estilo de palavras, pude priorizar o que é dito em torno do tema da pesquisa. Desta forma, segundo Bauer (2008), em uma análise de conteúdo são as palavras, sentenças e unidades do texto que podem ser o exemplo dos temas predefinidos na teoria e que auxiliarão na codificação dos resultados. Procurei da melhor forma possível relacionar a teoria com a prática, para que os textos dos jovens (entrevistas e fanzines) proporcionassem-me um desabrochar da compreensão através da teoria.

Da mesma maneira, Triviños (2011), baseado em Bardin⁷ (1977), classifica três etapas para a análise de conteúdo: a) a pré-análise; b) a descrição analítica e c) a interpretação referencial. Descrever essas etapas é uma forma de esclarecer os meus procedimentos para análise dos resultados deste trabalho. Assim, a pré-análise se deu quando agrupei o que seria analisado – os fanzines digitalizados e a transcrição das entrevistas – de forma que a leitura inicial proporcionou-me identificar o que eu iria analisar e também a necessidade das entrevistas. Por isso, a segunda etapa, de descrição analítica, já vai se delineando nessa primeira leitura, pois reconheci características juvenis, tanto comuns aos jovens pesquisados como suas representações sociais sobre o Lugar. Esta segunda etapa exigiu uma classificação nos quadros de referência que elaborei como o mundo dos jovens em Canoas através dos seus modos de ser, as experiências nos espaços da cidade e suas representações sobre a cidade. Por último, a interpretação referencial, é a junção da interpretação teórica com a realidade mais ampla, que aqui insiro como a minha experiência de vida e prática docente. As propostas de compreensão das representações sociais dos jovens sobre Canoas como um Lugar, que com o

⁷ Obra *L'analyse de contenu* (BARDIN,1977)

decorrer da análise foram se delineando, estão intrinsecamente relacionadas a minha experiência de vida e às teorias que me auxiliam nesta pesquisa. Com auxílio de Triviños (2011), concluo que eu parti da compreensão de que o pesquisador não

detenha sua atenção exclusivamente no *conteúdo manifesto* dos documentos. Ele deve aprofundar sua análise tratando de desvendar o *conteúdo latente* que eles possuem. O primeiro pode orientar para conclusões apoiadas em dados quantitativos, numa visão estática e a nível, no melhor dos casos, de simples denúncia de realidades negativas para o indivíduo e a sociedade; o segundo abre perspectivas, sem excluir informação estatística, muitas vezes para descobrir ideologias, tendências, etc. das características dos fenômenos sociais que analisam e, ao contrário da análise apenas do conteúdo manifesto, é dinâmico, estrutural e histórico. (TRIVIÑOS, 2011, p. 162)

O *conteúdo latente* a que se refere Triviños (2011) pode ser compreendido nesta pesquisa como a minha procura pelas representações sociais dos jovens em relação ao Lugar inseridos na sua condição juvenil. Assim, não é apenas uma questão de explicitar como os jovens demonstraram o seu lugar, mas de analisar quais representações ali se manifestam, bem como o contexto com o qual convivem.

Portanto, no presente estudo aproximei-me dos jovens através de meios que comumente podemos utilizar em sala de aula – como a prática de elaboração de fanzines –, porém com a contribuição de entrevistas semiestruturadas. Como professora pesquisadora, tudo parecia muito familiar, de forma que no momento da análise dos resultados o que procuro é aprender com a reflexão. O que me ilumina neste caminho é, além da minha experiência pessoal, a teoria que escolhi para estruturar uma linha de pensamento que contribua com o ensino de Geografia a partir da consideração do Lugar destes jovens em Canoas.

5. AS REPRESENTAÇÕES DE MUNDO QUE ENCONTREI

Não enxergam além. Num lugar de violência sempre tem um lugar calmo. Não existe só violência. Existe violência, mas é só a pessoa fazer o lugar.

(Daiana, em entrevista 2014)

Na convivência diária com o Lugar, não só somos sujeitos a esse espaço como também sujeitos desse espaço, como relata a jovem Daiana. Posso morar em um grande ambiente urbano e inseguro por estar sujeito às situações de violência, por exemplo, como, mesmo assim, posso achar impossível me imaginar residindo em um ambiente rural. Pertencço a esta atmosfera urbana, com suas dificuldades e facilidades, diversidade e especificidades. Isso em uma relação recíproca em que, ao fazer o lugar com a minha representação de mundo, também sou permanentemente influenciado pelas condições que este lugar oferece-me.

Mas, sim, o meu mundo é determinado por elementos que parecem que somente quem os experiencia é capaz de determinar as suas dimensões, está capacitado para caracterizá-lo. O mundo, aqui como sinônimo de espaço geográfico, por estar relacionado ao vivido, não consegue separar-se do termo lugar (HOLZER, 2012). Ao encontro desta discussão geográfica, foi dessa forma que encontrei o mundo dos jovens nas escolas desta pesquisa. Uma vez que, tanto na elaboração dos fanzines quanto nas entrevistas referiram-se ao seu lugar através do termo mundo, como se isso estivesse extramente relacionado à formação das suas identificações para se diferenciar do outro sujeito que não compartilha de suas experiências cotidianas no espaço, no seu Lugar.

Porém, considero que são jovens que constroem modos de ser jovem com especificidades, apresentam diversas formas conforme a disponibilidade da qualidade de troca que possuem no seu lugar (DAYRELL, 2007). As suas experiências definem a sua compreensão de mundo e a construção das suas representações sociais. Isso porque convivem em sociedade e em uma análise geográfica intrinsecamente desenvolvida na relação com o espaço; por isso, com auxílio de Dayrell (2007), acredito também que

Quando cada um destes jovens nasceu, a sociedade já tinha uma existência prévia, histórica, cuja estrutura não dependeu desse sujeito, portanto, não foi produzida por ele. [...] são dimensões que vão interferir na produção de cada um deles como sujeito social, independentemente da ação de cada

um. Ao mesmo tempo, na vida cotidiana, entram em um conjunto de relações e processos que constituem um sistema de sentidos, que dizem quem ele é quem é o mundo, quem são os outros. (DAYRELL, 2007, p. 160)

De forma que o mundo a partir do Lugar destes jovens que encontrei em Canoas, é particular a cada jovem, porém também é construído em articulação com esse sistema de sentidos, compreendido aqui como as representações sociais com as quais convivem já que são sujeitos históricos e sociais.

Neste momento de reflexão proporcionado pela escrita, procuro ouvi-los de forma atenta, em articulação com a teoria escolhida e método, a sua construção de mundo através do lugar de vivência, – embora tenha a convicção de que não encontrarei todas as palavras que possam dar conta da convivência com estes jovens. Pretendo demonstrar aqui falas que possam nos auxiliar a refletir sobre caminhos para o ensino de Geografia quando consideramos os alunos dentro de uma perspectiva de juventude com suas representações sociais sobre o lugar.

Junto a essa reflexão, pretendo mostrar o mundo destes jovens como lugar de pertencimento em que as análises partem dos resultados a partir dos fanzines e entrevistas. Os fanzines tiveram o complemento das entrevistas para compreender melhor estes modos de ser de alguns jovens em Canoas, porque esta pesquisa desenvolveu-se baseada na minha experiência da sala de aula. Seguiu-se como quando a Professora acha interessante uma escrita do aluno e procura conversar com ele para entender melhor a sua escrita. Tentei realizar esta prática com os jovens participantes da pesquisa e essas falas são analisadas como se pudessem dar maior luz àquilo que previamente só estava escrito, embora sem a pretensão da minha total não intervenção como pesquisadora.

Contudo, é importante ressaltar que, ao conversar com os jovens durante as entrevistas, procurei não me referir diretamente ao que foi representado no fanzine, salvo algumas exceções. Reforcei este cuidado, visto que, o meu objetivo era justamente captar as representações sociais, por isso deveria ser mínima a minha intervenção.

Assim, percebi uma forma muitas vezes implícita de revelar suas experiências e representações sobre o que é o Lugar Canoas. Isso porque, para conseguir mostrar seus fanzines e entrevistas de forma conectada com os objetivos desta pesquisa, foi preciso um olhar delicado, sensível a cada palavra, de forma a conseguir extrair o conteúdo latente (TRIVIÑOS, 2011).

Primeiramente, apresento uma introdução à análise propondo-nos questionamentos sobre o que é o mundo destes jovens a partir de alguns modos de ser que explicitaram conforme o contexto em que convivem. Após, em relação ao seu conhecimento de mundo, eles demonstram como experienciam esta cidade de Canoas. Nesse sentido, após conhecermos este mundo a partir de suas experiências, as suas representações sobre locais na cidade foram enfatizadas. E, por último, analiso os comentários que eles produziram quando houve a troca dos fanzines entre as duas escolas e suas representações neste encontro com o outro.

5.1. Modo de ser jovem em que não virá a ser. Ele é hoje no seu mundo

Ao procurar analisar os fanzines e entrevistas nas duas escolas consegui identificar alguns modos de ser jovem (DAYRELL, 2007) e que participam das relações com o espaço de Canoas como Lugar, como mundo destes jovens. Meu interesse em apresentar essa análise com este olhar é a preocupação de como na posição de professores, ou de adultos em si, encaramos estes jovens? Apenas como aquele que se interessa por assuntos de jovens? Ou quanto à vontade de mudança dos jovens: encaramos como falta de vontade ou uma rebeldia só “da boca para fora”? Gostaria que pudéssemos refletir sobre o que poderíamos realizar na sala de aula sabendo desta vontade de mudança com estes jovens? E ainda mais: quando nos apresenta o seu Lugar, o seu mundo, o que poderíamos realizar no ensino de Geografia? Precisamos considerar as diferentes condições juvenis que se desenvolvem em cada contexto.

Em um primeiro momento destaco que em alguns fanzines poderíamos ter a representação do jovem como aquela expectativa do sujeito que ainda “virá a ser”, que está em um tempo de passagem e espera pela vida adulta. Isso porque é a visão mais generalista que costumamos ter em relação aos jovens e, principalmente, na escola. Afirmo isso porque costumamos achar que os jovens se interessam muito por videogames, revistas, somente. Porém, poderíamos entender que essas são, de certa forma, identificações necessárias para sua condição juvenil. Como nos ensinam Garbin e Tonini (2012)

Observe que alguns jovens em sua sala de aula usam um tipo de roupa que corresponde a um estilo musical que vêm consumindo neste momento, assim como outros dão seus sinais de identidade através de piercings, brincos, tatuagens e outros tipos de marcas corporais, buscando afirmar uma singularidade que já não indica uma forma de dissidência ou inconformismo social, e, sim, mais uma prática que simplesmente significa “estar na moda”, “ser do grupo”, e não “protesto contra o sistema capitalista”, ou “protesto contra as regras hipócritas do mundo adulto”. (GARBIN; TONINI, 2012, p. 15)

Isso demonstra que são realmente múltiplas as suas identificações, impedindo uma representação homogeneizada de juventude. Nos fanzines produzidos pelas duas escolas apareceram estes costumes culturais de forma muito semelhante, principalmente quanto ao tema música. Se estes jovens precisam da música, e esta é uma forma de identificação porque se diferenciam através das suas preferências, como o mundo destes jovens pode se manifestar através da música que preferem? Na confecção de 4 fanzines no mínimo uma das páginas foi dedicada ao tema música, sendo que 2 destes fanzines foram inteiramente sobre este tema.

Contabilizando estas identificações sem querer comparar, mas, sim, no intuito de ressaltar, em dois fanzines apareceram como páginas de indicações de jogos de vídeo game, em outros dois fanzines algumas indicações de filmes, e em apenas um fanzine houve uma página dedicada ao uso de internet e redes sociais. Considero que foram poucas abordagens, dentro do esperado, já que conforme Garbin (2009) na sua geração utilizam estas tecnologias sem fronteiras entre comunicação e lazer, efemeridade e comunicação simultânea. Esperava que demonstrassem mais os seus celulares com internet, as suas redes sociais, como tanto percebo na minha sala de aula de uma escola privada. No entanto, apesar de alguns durante a prática do fanzine manterem presente o celular sobre a mesa, isso não se mostrou como sinônimo de cotidiano no seu mundo.

Provavelmente a forma de divulgação impressa e a elaboração artesanal do fanzine permitiu mostrar as preferências dos jovens para além das tecnologias no seu cotidiano, embora estas de forma instrumental tenham sido utilizadas. Afirmando isso, por exemplo, porque alguns grupos elaboraram de forma digital o fanzine, para posteriormente imprimir ou até mesmo recortar e colar. Senti que para alguns era impossível demonstrar o seu mundo apenas através de palavras recortadas e da criação da sua escrita, eles precisavam da posterior consulta em uma lan house ou imprimir algo na biblioteca da escola – já que muitos, principalmente na escola 1, demonstraram não ter acesso à internet na sua residência. Tal situação fez-me

refletir sobre como podemos querer ensinar um Lugar que se diz globalizado em Geografia, principalmente pelo fácil acesso à comunicação se mesmo com a noção de que ela é necessária, muitos destes jovens não podem se inserir nesta velocidade das informações? As múltiplas identificações destes jovens também estão relacionadas ao como conseguem se inserir neste processo de globalização.

Estas múltiplas identificações também tornam difuso o seu posicionamento político, no sentido da discussão de como isso se relaciona com o seu cotidiano. Em um dos fanzines da Escola 2, alguns jovens procuraram retratar a “política” do país em uma seção, mas com um texto não autoral, como se não se permitissem argumentar sobre este assunto (FIGURA 05). Esta é uma ilustração que poderia nos levar a pensar o jovem como aquele que é o receptor de uma cultura dominante, sem uma opinião formada (CARRANO; MARTINS, 2011).

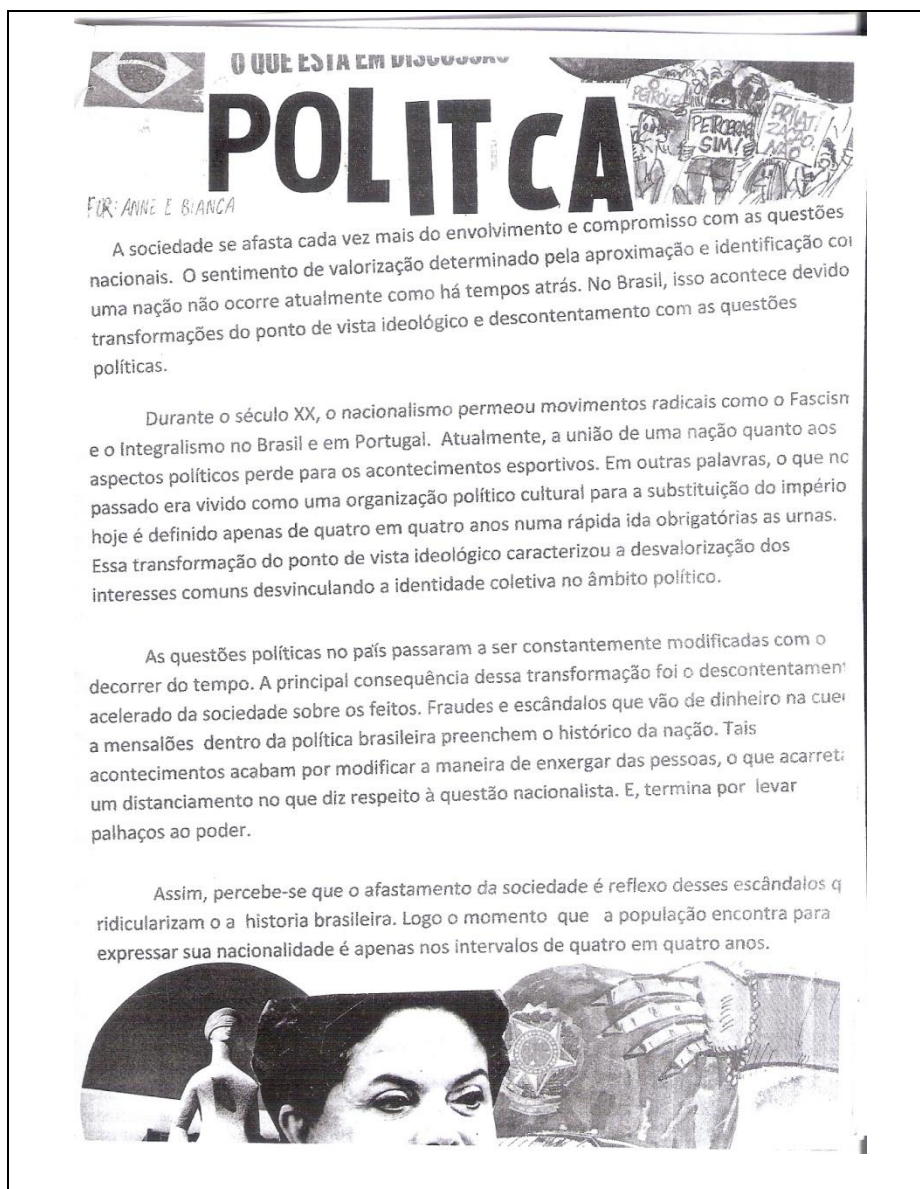


FIGURA 5 – Fanzine “Caneta na Goela”, Escola 2

Fonte: arquivos da autora

Fica aparente que estes jovens querem argumentar sobre o que consideram errado na gestão do país, embora não se autorizem na escrita. Este modo de não autorizar-se a mostrar como se pensa, acredito que seja pelo “vício” das nossas práticas em sala de aula, em que dificilmente propomos atividades que possam ouvir opiniões dos nossos alunos. Mesmo com a escrita livre do fanzine, estes jovens interpretaram a colagem de uma reportagem como ilustração do seu cotidiano, como se falasse por si sobre o que pensam.

Porém, isso não pode ser homogêneo, pois outros jovens utilizaram as reportagens sobre a gestão do país para relatar como isso atinge a sua vida. Esta possibilidade de ouvir através dos fanzines em sala de aula pode ser um canal de

comunicação para que mostrem o seu mundo. Eles conseguiram relatar suas dificuldades com a inscrição em políticas públicas de qualificação para o trabalho, ou, até mesmo, o alistamento militar, visto que alguns já estavam na faixa etária necessária, ainda que fossem alunos de uma 8ª série. São fatos que dificultam este período de sua vida e que apresentam parte dos seus modos de ser neste contexto em que convivem. Uma das jovens da Escola 1 ficou responsável pela seção denominada “política” que criaram no fanzine do seu grupo, e o que começou com a colagem de uma reportagem de jornal sobre a presidência da República na primeira página, se tornou uma reclamação sobre o descaso com a necessidade de qualificação para o trabalho (FIGURA 06).

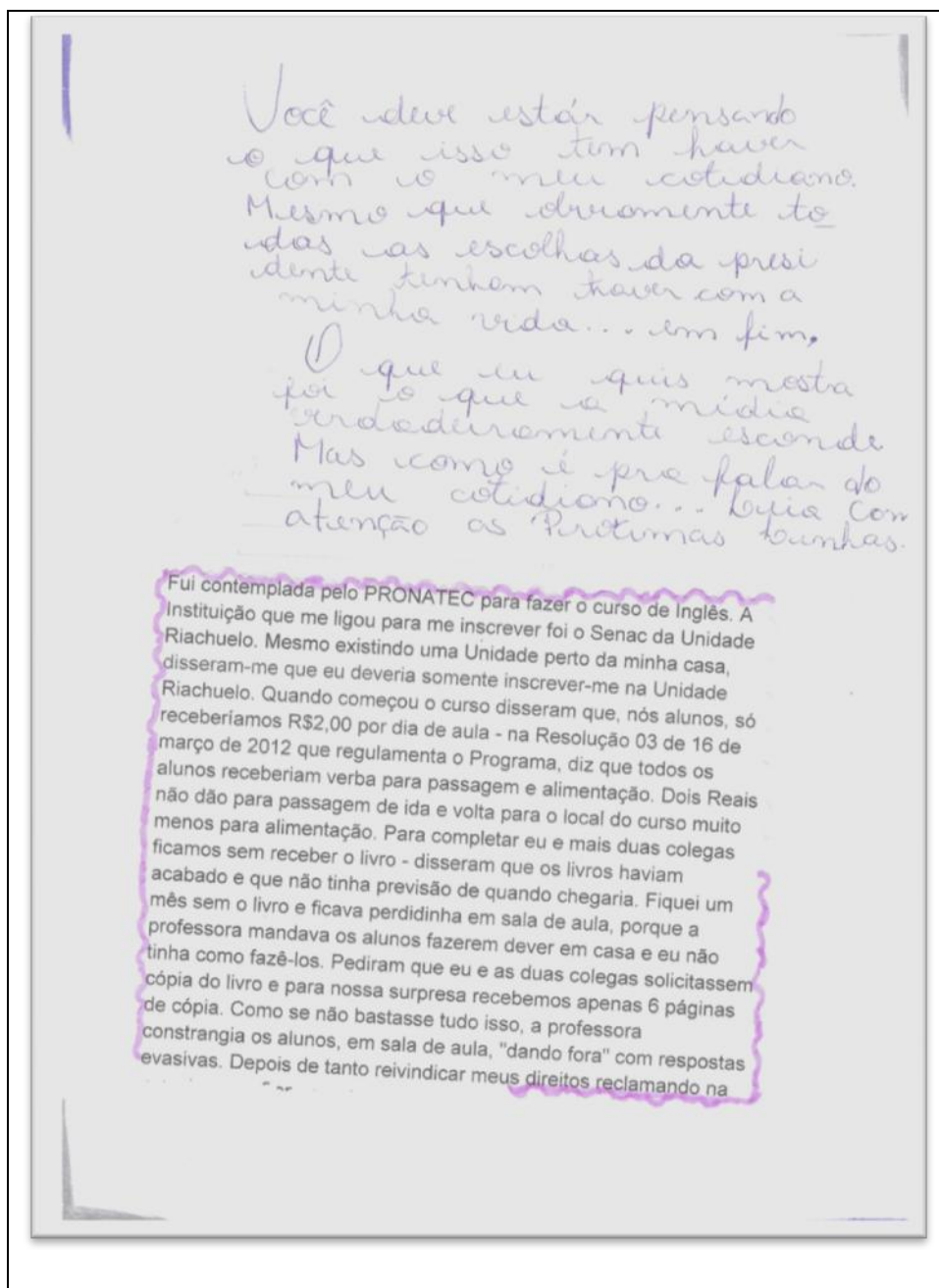


FIGURA 6 – Fanzine Nosso mundo visto com outros olhos, Escola 1

Fonte: Arquivos da autora

Destaco que a jovem para explicitar o seu cotidiano tem que mostrar o “que a mídia verdadeiramente esconde” (Figura 06). Essa fala demonstra que esta jovem percebe que mesmo com as representações criadas pela mídia sobre algumas políticas públicas de capacitação para o mercado de trabalho, na prática do seu cotidiano tal ação não se reproduz como divulgado. A estudante prefere demonstrar como se desenvolvem na prática tais políticas públicas de modo ineficaz já que teve que se inscrever em uma sede do curso na “Riachuelo”, na cidade vizinha Porto Alegre e lhe disponibilizavam um auxílio financeiro diário que “não dão para

passagem de ida e volta para o local do curso, quanto mais para alimentação”. A jovem precisa mostrar isso, pede a nossa “atenção nas próximas linhas” e fala em “reivindicar meus direitos”.

Essa inserção inicial no mercado de trabalho para estes jovens pode ser bem distante de uma ideia homogeneizada que temos sobre juventude. Não é somente capacitação que buscam, há alguns que já trabalham. Nas entrevistas, tanto o Lucindo da Escola 1 quanto o Leandro da Escola 2, relataram que trabalham sem grandes deslocamentos na cidade, no próprio bairro de moradia. Eu os convidei para a entrevista porque abordaram temas como preconceito e música no fanzine, entretanto os descobri trabalhadores.

Temos que levar em conta que essa característica já influencia na sua relação com a escola, com o bairro. Este jovem, mesmo antes do ensino médio, já possui a obrigação do trabalho com horário estipulado, administrando a sua renda e nós muitas vezes em sala de aula os preparando para o mercado de trabalho ou querendo que escolham uma profissão. Não que esta não seja a nossa função, muito pelo contrário. No entanto, um jovem como o Lucindo, que me relatou ter medo de ser assaltado na sua rua com certo orgulho dos aparelhos eletrônicos que comprou com os rendimentos do seu trabalho, tem uma relação diferente com o Lugar comparado a outro jovem que ainda não tem esta responsabilidade. Este é um dos exemplos que Carrano (2009) auxilia-nos a compreender, pois há diferentes “condições juvenis” quando ouvimos atentamente os jovens, já que as responsabilidades da vida adulta não precisam necessariamente vir após um período de vivência da juventude.

Essas características juvenis, geralmente banalizadas e, até mesmo, culpabilizadas pelo desinteresse do jovem pela escola, não seriam condizente de se negar em uma sala de aula. Muito menos nas aulas de Geografia! Quando estamos na perspectiva de considerar o Lugar como espaço de pertencimento, deveríamos considerá-lo imbricado com os assuntos que tratamos, geralmente, de forma tão descontextualizada nas nossas aulas: globalização, economia, mercado de trabalho, entre outros. A nossa aula de Geografia deveria servir, sim, para que compreendessem as suas condições juvenis.

É importante registrar que o fanzine que contém o depoimento sobre a política pública foi denominado “Nosso mundo visto com outros olhos”, como se estes jovens sentissem que realmente não sabemos do mundo que eles convivem e

tivéssemos apenas uma presunção quando o procuramos definir. Ora, Holzer (2012) destaca que a Geografia deve voltar a utilizar o termo mundo, como o espaço que convivo relacionado diretamente a Lugar, logo, não é este o espaço que pode tornar a Geografia com mais sentido para estes jovens com os quais trabalhamos? Aqui a Geografia que participa da criação do mundo destes jovens insere-se neste espaço que experienciam mais próximo da moradia ou da escola, onde é possível analisar como o Lugar de pertencimento. Todavia, há na cidade outros espaços que participam das suas experiências e também necessitam ser pesquisados.

5.2. Ouvir as experiências cotidianas dos jovens em Canoas

Parte do seu mundo também pode ser compreendida através das experiências em alguns locais em Canoas. O fanzine denominado “Canoas Rock”, da Escola 2, mostrou indícios de uma cidade que não possui espaço para a manifestação musical destes jovens. Mais uma vez, os fanzines serviram para demonstrar os problemas do cotidiano destes jovens. Este grupo da escola 2, realizou uma entrevista com um integrante de uma banda de rock local. Na resposta da entrevista, eles demonstraram, na forma de reclamações, a falta de espaço tanto físico como de reconhecimento destas manifestações que consideram importante no seu contexto (FIGURA 7).

- Como é tocar em canoas? Tem gente dando oportunidade e tal?

Entrevistado

- Canoas tá muito difícil, as casas de shows fecharam, o público tá bastante escasso, mas aos poucos ta mudando isso, aquela cena do rock de canoas está voltando, pessoas estão indo em shows, e logo logo a cena vai voltar com tudo, mas canoas tá fraca, muito fraca, tem oportunidade sim, mas é sempre as mesmas, produtores que cobram uma parte dos ingressos, e outra pra banda, que é uma miséria, o pessoal da banda sempre acaba se matando pra vender ingresso pra nada, e canoas é ótimo de tocar até porque é nossa casa né.

FIGURA 7 – Fanzine Canoas Rock, Escola 2

Fonte: Arquivos da autora

E “até porque é nossa casa né” demonstra, de certa forma, uma vontade de melhora das condições disponíveis em Canoas para estas manifestações juvenis. Será que este não deveria ser um tema tratado no ensino de Geografia em uma perspectiva de Lugar? O quanto sabemos dos locais que nossos alunos utilizam ou gostariam que existissem na cidade e como poderíamos propor que eles refletissem sobre os motivos para esta inexistência de espaços públicos para o lazer? A Geografia poderia ser mais viva na sala de aula, a nossa relação professor e aluno também.

Temos que ter a convicção de que esta prática pode nos auxiliar a compreender a forma como as juventudes experienciam o lugar e constroem em Canoas o que compreendem como mundo de forma que

Compreender as trajetórias juvenis, suas práticas sociais e culturais, sua relação com o mundo do trabalho, com os amigos e com o lazer é fundamental para compreender sentidos, motivações, atitudes e práticas que desenvolvem na sua inserção em processos educativos (LEÃO, 2011, p. 102).

Essas trajetórias juvenis que podemos achar banais para o assunto que tratamos em sala de aula mostraram-se nos fanzines diretamente relacionadas ao espaço que experienciam no convívio diário com a cidade. Não é só o meu aluno que é jovem ter uma banda de rock, é toda a sua construção de mundo a partir

desta informação. A sua motivação para pensar a cidade, e se instigado pensar a partir de conceitos geográficos, vem de como experiencia e representa esta cidade. Logo, pesquisar as suas motivações para o lazer demonstra os espaços de socialização que estes jovens possuem na cidade.

Contudo, há outra perspectiva quando os espaços de socialização são destinados aos jovens como justificativa para o incentivo ao consumo. Porém, como nos auxiliam Carrano e Martins (2011), estes espaços na cidade sempre são territorializados e reelaborados pelos jovens participando das suas identificações e grupos. Em Canoas o expoente para esta situação é o Canoas Shopping, o maior da cidade e onde está localizado o único cinema. Em um fanzine da Escola 1 ele foi recomendado com uma escrita que demonstra como estes jovens costumam reelaborar este espaço e não apenas como um ponto turístico (FIGURA 8).

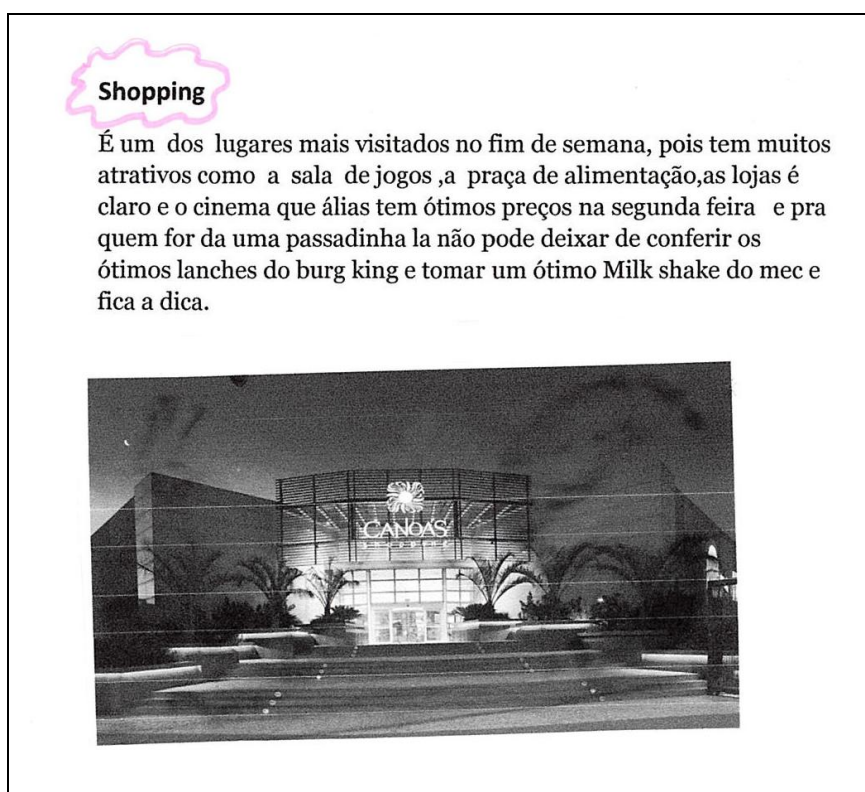


FIGURA 8 – Fanzine Trup das Bananas, Escola 1

Fonte: Arquivo da Autora

É interessante destacar que nesta abordagem as jovens destacaram o dia em que o único cinema na cidade possui os preços mais acessíveis. Podemos nos perguntar a partir desse destaque se o shopping pode ser mesmo um lugar de pertencimento para estes jovens? Como mesmo destaca a jovem no fanzine, ali o encontro faz-se na maioria das vezes com ônus financeiro. Não posso, ao contrário

do que ocorre na escola, apenas frequentar para ver os amigos, como mencionado pela jovem no fanzine, é necessário consumir uma bebida, de preferência de uma rede de fast-food multinacional, o “mec”, para me incluir neste grupo. Até mesmo o acesso a um bem cultural, como o cinema, é racionado para estes jovens, já que há um dia específico que conseguem pagar o ingresso.

Neste sentido, o Sandro que inicialmente convidei para entrevista porque criou a capa para o fanzine do seu grupo na Escola 1 destacou-se na sua fala também por este motivo dos espaços de socialização

Eu: O que tu costuma fazer quando não está aqui na escola nem na tua casa? Tu circula por onde no dia-a-dia?

[...]

Sandro: De vez em quando eu dou umas volta aí pelo shopping, porque é o principal ponto aqui nas redondezas. Ou então eu vou para minha igreja.

Todavia como é um espaço privado, assim como no fanzine que comentou sobre o dia mais barato para compra do ingresso do cinema, este shopping pode ser lembrado como principal local de passeio, mas nem sempre com frequência visitado por estes jovens. Outros locais mais conhecidos para o lazer em Canoas foram citados repetitivamente pelos jovens, assim como o shopping. O principal dentre eles foi o maior dos dois parques da cidade, o Getúlio Vargas, conhecido popularmente como “Capão”, um espaço público destinado ao lazer e práticas de esportes, localizado no mesmo bairro da Escola 2.

Eu: Se tu pensar em locais que tu foi para passear nos últimos tempos, por onde é que tu foi aqui em Canoas?

Sandro: No Parcão

Eu: Eduardo Gomes?

Sandro: Não, o Getúlio Vargas.

Eu: Capão, né?

Sandro: Sim, Capão.

Eu: Só?

Sandro: O Parque Universitário também

Eu: Da Ulbra? Vocês passeiam lá?

Sandro: Eu fui com o meu irmão dar uma “bandinha”

Eu: E o shopping que tu falou?

Sandro : Shopping também eu vou..., mas é bem de vez em quando. Eu costume ir mais é com a família, mesmo.

Apesar de esse aluno ter indicado o shopping como principal local de lazer, no decorrer da entrevista acabou revelando que é um passeio esporádico. Assim, ele deixa claro com a sua fala que seus principais locais de lazer estão desvinculados do shopping, sendo o parque, a Igreja ou até o campus universitário

(ULBRA). Aqui podemos entrar na questão que já havia mencionado de que aparecera nos fanzines uma falta de espaço para estes jovens manifestarem suas preferências culturais. Como o fanzine “Canoas Rock” demonstrou a falta de locais para as bandas, este shopping é demonstrado como mero ponto turístico e de preços inacessíveis para alguns jovens. São poucos os espaços comuns para estes jovens manifestarem seus modos de ser jovem de acordo com o seu contexto (DAYRELL, 2003). Estes modos de ser jovem relacionam-se com a possibilidade de apropriação de bens culturais e simbólicos, já que para alguns jovens só é possível ir ao cinema nos dias em que o ingresso é mais acessível.

Também o Caio, da Escola 2, relatou que “tem o shopping” quando questionado se existiria um local que gosta de ir. O shopping aparece, portanto, como primeiro local que vem na lembrança, ou um senso comum, uma representação social de um local de passeio em Canoas. Quando questionado mais detalhadamente sobre espaços que frequentaria no seu bairro, entretanto, Caio citou a pista de skate. Tive a impressão de que a pista de skate, apesar de não ser lembrada como espaço de lazer primeiramente, faz mais parte da construção de mundo do Caio por ser um lazer mais assíduo do que suas idas ao shopping.

Eu: E se tu pensar assim, nas últimas semanas, por onde é que tu circula para lazer em Canoas?

Caio: Lazer em Canoas? Eu não costumo sair muito assim, eu fico só em casa mesmo

Eu: Fica só em casa? No máximo o que tu sai é de casa para escola?

Caio: É só.

Esta questão de lembrarem primeiramente do shopping em detrimento de outros espaços públicos que também frequentam aguçou a minha curiosidade de forma que encontrei alguns indícios para esclarecer as respostas do Caio e do Sandro. Isso porque foi nas falas de outros dois jovens que confirmei que os espaços públicos nem sempre são divulgados como locais de possível apropriação pelos jovens.

No caso da biblioteca pública municipal apareceram dois relatos antagônicos. O primeiro da Laura, Escola 2, que relatou que pela proximidade com a sua casa e com a escola, costuma ser um local com frequência visitado. O segundo foi do Lucindo, da Escola 1, que reproduzo aqui porque foi algo que realmente me deixou muito intrigada, já que quando lhe perguntei

Eu: E quais locais que tu gostaria de ir em Canoas, mas não vai porque há algum motivo....

[...]

Lucindo: ah, Canoas o que eu queria ir mesmo é uma Biblioteca que tem lá na praça da Prefeitura de Canoas. Sempre quis entrar naquela biblioteca, só que eu não tive vontade de entrar porque eu acho que tem que pagar, não sei.

Neste momento fiquei extremamente triste, porque me identifiquei com aquele jovem já que algo que me prejudicou várias vezes na adolescência foi a falta de informação. Atualmente, como uma geração que praticamente nasceu com acesso à internet e tantos meios de comunicação (GARBIN, 2009), imaginei que informações dessa espécie fossem algo banal. Ouvir um relato deste tipo e no mesmo bairro em que estudei, fez-me perceber que muitas coisas ainda não estão solucionadas. Temos acesso à informação, mas de qual forma? Dessa forma, a biblioteca pública mesmo com o nome “pública” não significa que possa ser de todos, que todos tenhamos acesso. Diante da situação no momento da entrevista, a única resposta que me ocorreu no momento foi tentar esclarecer que ele poderia tentar frequentar gratuitamente a biblioteca “pública”.

Eu: Bom, te aviso que não tem que pagar, não. Tu pode entrar, ler o que quiser. E tu não vai lá só porque acha que tem que pagar?

Lucindo: Não, e tem o tempo também...

Eu: Ah, ela abre somente nos dias de semana...

Lucindo: é... Sábado ela nem abre

Eu: E aqui na escola? Vocês pegam muitos livros, né?! Tu pegas livros também, né?

Lucindo: Sim, mas é mais para trabalho de português...

Eu: E lá no centro tu pegarias livros que seriam para os trabalhos de português?

Lucindo: Lá eu iria para conhecer bem a biblioteca e pegar as histórias do Harry Potter que naquelas bibliotecas tem mais do que aqui.

Aqui surgiu o entrave de que nem todos jovens tem o “tempo livre”, em confronto está o jovem que já é um trabalhador e, por isso, cumpre um horário semanal, e um espaço público que apesar de desejado não pode ser frequentado. Outro relato no mesmo sentido ouvi do Victor, também na Escola 1, pois quando lhe perguntei também sobre os locais que gostaria de frequentar em Canoas alcançamos uma conversa em um primeiro momento surpreendente, pois não imaginava que este tipo de local pudesse ser frequentado por estes jovens de bairro.

Eu: Um local que tu gostaria de ir ou gosta de ir aqui em Canoas..., já que tu está há pouco tempo aqui...

Victor: O que eu mais gosto de ir aqui em Canoas, é nos teatros.

Eu: Onde?

Victor: É o teatro que tem. Tem o teatro da Casa Mimosa, o teatro da ULBRA, o teatro do La Salle

Talvez não tenha imaginado que ele gostasse de teatro, porque aqui explicitiei as minhas representações em relação àqueles jovens. No momento em que ouvi esta fala tive a certeza do que é se encontrar com o outro, já que era algo inesperado para mim. A minha reação então foi indagar para questionar a veracidade daquela resposta; entretanto, o que ouvi foi ainda mais surpreendente

Eu: E como é que tu faz para ir lá? Como tu fica sabendo?

Victor: Geralmente é quando..., eu só fui uma vez na ULBRA e uma no La Salle, então que fui quando, uma apresentação, a gente foi convidado.

Eu: E por que tu não vai mais? Por exemplo, na Vila Mimosa, que tem quase toda semana...

Victor: Não é que eu não tenho condições de ir. Não tenho... "money", dinheiro..

Eu: Para passagem?

Victor: Não, para passagem eu até consigo, mas e a entrada, ah, como, financeira.

Eu: E tu não sabia que a Vila Mimosa é de graça...?

Victor: Não, isso eu não sabia.

Acho forte esta palavra, mas foi revoltante ouvir isso. Até compreendo esta desinformação porque o Victor tinha se mudado de Taquari para Canoas há apenas 4 meses no momento da entrevista. No entanto, como até mesmo o Lucindo achava que a Biblioteca pública não era pública, suponho que existam muitos jovens que necessitariam até mesmo por condições financeiras ter o seu lazer em espaços públicos e não o fazem por achar que o que é público, não é público. Não compreendem o que é o público. Como uma cidade pode se tornar um lugar de pertencimento se há restrições veladas que me impedem de circular pelo seu espaço? Esta é uma questão que deveria estar relacionada quando abordamos sobre o Lugar no ensino de Geografia e se pretendemos saber qual mundo que estes nossos jovens alunos vivem.

5.2.1 A escola e as experiências pela cidade

Esta restrição sócio-espacial à cidade por uma reduzida utilização dos espaços públicos e bens culturais também foi reforçada quando se referiram ao seu

bairro e escola. Levando em conta os espaços públicos que servem como socialização e construção das identidades juvenis, além do Caio, que disse utilizar uma pista de skate no seu bairro que fica na porção leste da cidade, a pista que existe no bairro da Escola 1, talvez pela distância, não foi citada por aqueles jovens. Foram lembradas as praças, e dois jovens da Escola 1 disseram utilizar um “campinho de futebol” próximo da escola que, na realidade, é um terreno público abandonado, com infraestrutura mínima. No entanto, faz parte das construções de mundo este circular pelo bairro e ressignificar como espaços de socialização através das suas práticas (CARRANO; MARTINS, 2011). O que para outros olhares pode parecer apenas um terreno abandonado, para eles torna-se um dos poucos espaços públicos nas proximidades de sua residência para o lazer, socialização e parte do seu mundo.

Na escola 1, como a maioria reside no bairro e estudam próximo da sua casa, os seus deslocamentos, exceto se for para o trabalho, geralmente é motivado para ir à casa de amigos. Isso eu notei através do fanzine produzido pelo grupo da Patrícia e por isso a convidei para entrevista. Não há um experienciar por vários espaços da cidade, talvez por um desconhecimento do espaço, sentido em que o ensino de Geografia poderia auxiliar. Reparei isso na fala da Patrícia quando diz

Patrícia: Eu gosto de passeá.. Tem vezes que, tipo... eu gosto mais é de ir no mercado sabe?

Eu: Ah. Tu vai no mercado.. e qual mercado tu vai?

Patrícia: Eu vou no Dia, vou no Alt e vou aqui no Coma bem.

Eu: Sim, todos aqui no bairro, né?

Patrícia: É

Na Escola 1, percebi que essa circulação pela cidade é no espaço mais imediato (CARLOS, 2007), pelo próprio bairro, como a da jovem Patrícia, que não circula muito fora do eixo casa-escola, exceto para fazer compras diárias nos mercados de bairro. No esforço de conseguir fazer com que a Patrícia falasse mais sobre os locais que circulava, ela revelou a escola como motivadora para os passeios na companhia de amigos.

Eu: Olha só, quando tu não tá na escola, fora casa, escola, tu andas nos mercados, assim...

Patrícia: É

Eu: Algo mais?

Patrícia: Comprar

Eu: Comprar no dia-a-dia assim, as coisas

Patrícia: É que eu não saio muito de casa, né?!

Eu: Não sai muito? Nem para casa de amiga? Nada?
Patrícia: Só nos dia de trabalho, assim.
Eu: Quando tem que fazer trabalho da escola?
Patrícia: É

Isso confirma a escola como para além de um ponto de encontro, onde poderia ser considerada um “entrelugar já que tem funcionado como um terceiro espaço entre espaço família e espaço sociedade global” (CASTROGIOVANNI, 2011, p. 62). Porém, para além de um entrelugar isolado, mostra como é um espaço onde o jovem produz amizades que incentivam o tipo de deslocamento que determinará a sua compreensão de mundo. Assim, a escola e as relações que nela se produzem tem tanta influência com as pessoas como com o espaço onde estas relações se manifestam, ou seja, criando pertencimento como Lugar. Quando a Patrícia fala nos dias de trabalhos escolares, está também se referindo à atividade de elaboração do fanzine que para o término reuniu-se com as amigas fora do ambiente escolar.

A falta de espaços de socialização específicos para as culturas juvenis até aqui discutida foi demonstrada também a partir da indicação de eventos no bairro e na escola. As festas juvenis foram demonstradas como parte do cotidiano, pois em alguns fanzines das duas escolas havia uma página dedicada à indicação de eventos. A localização destes era na cidade ou até mesmo, no próprio bairro, o que indica uma vivência em alguns locais da cidade. Ao contrário das bandas musicais que precisam de locais apropriados (conforme o fanzine Canoas Rock registrou), houve nestes fanzines uma amostra de que os jovens criam outros espaços de socialização. Ainda é possível notar que a escola apareceu como destaque nos eventos, o que relaciona o ambiente escolar com estas trajetórias também (FIGURA 9).

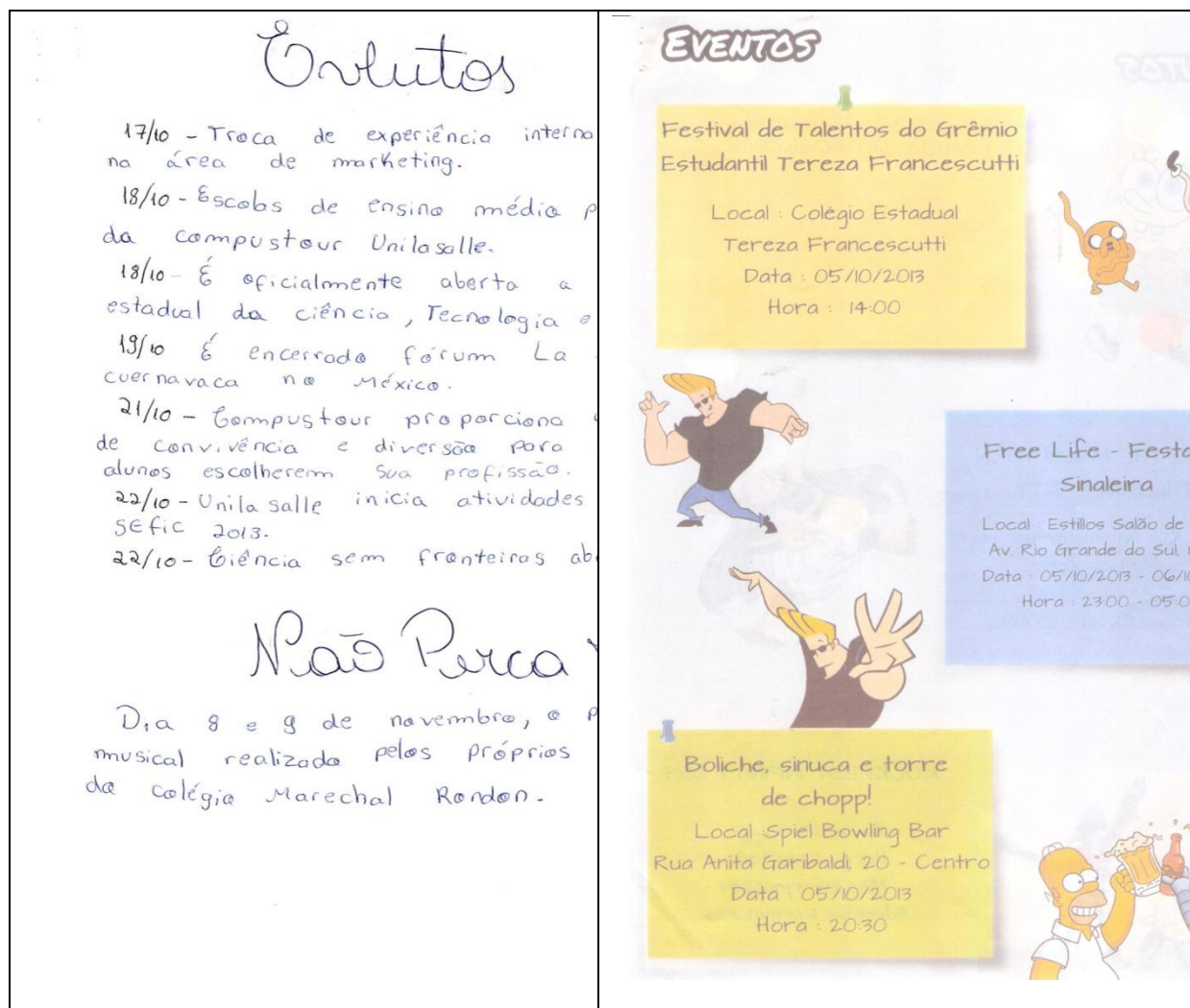


FIGURA 9 – Fanzines Update, Escola 2, e Math’s Daily, Escola 1

Fonte: Arquivos da autora

Os eventos para estes jovens possuem relação com a escola, que serve também como espaço cultural para as manifestações juvenis. No fanzine Update há um destaque entre os eventos para o musical que será apresentado pelos “próprios alunos” na escola, já no fanzine Math’s Daily o festival de talentos da escola é o primeiro da página.

Sobre os espaços de socialização motivados pela escola, o Caio da Escola 2, relatou que o seu lazer chega a ser unicamente motivado pela ida à escola, já que esta possui uma localização central. Inicialmente a minha motivação para entrevistá-lo foi porque no dia das atividades de confecção dos fanzines inicialmente não conseguiu se inserir em nenhum grupo de colegas. Porém, ao contrário da minha primeira impressão, com a entrevista percebi que a sua relação com a escola é imprescindível para as amizades e um dos únicos motivos para circular mais distante da sua moradia. Ele aproveita o horário depois da escola para ir ao parque

conhecido como “Capão” ou ficar navegando na internet com os amigos, na própria escola

Caio: Quando eu peço para minha mãe, assim, ela deixa eu circular, mais quando sempre é da escola para casa.

Eu: E quando tu circula tu vai onde?

Caio: Quando eu saio? Eu pego, eu costumo... costumo ir no Capão, ficar no laboratório aqui no colégio...

Eu: Com o pessoal aqui do colégio?

Caio: É com o pessoal aqui..

A Carolina, que também é aluna da Escola 2, relatou que nem mesmo tem amigos no bairro onde mora. Decidi entrevistá-la por representar no seu fanzine apenas imagens de Porto Alegre, um local distante da sua convivência diária. De forma que este seu distanciamento do local de moradia se revelou, por exemplo, neste momento da entrevista. Todo o seu círculo de amizades tem relação com a escola e com os locais onde suas amigas residem geralmente em bairros próximos da escola, até mesmo a academia que frequenta está no bairro Centro.

Esse espaço de socialização das academias, a Carolina e o Lucindo relataram. A diferença, ou semelhança, é que a Carolina prefere frequentar não no bairro de moradia, mas, sim, próximo da sua escola. Já o Lucindo vai à academia no próprio bairro, onde também estuda à noite, porque no turno da tarde possui um emprego. Esta prática coletiva a partir do local de moradia, ou relacionada à localização escolar, torna os espaços da cidade lugares que participam da construção de mundo destes jovens. Estes espaços de socialização como a academia, podem significar “agrupamentos de natureza mais fluída” (SPOSITO, 2000, p. 80) resignificados pela juventude no ambiente urbano, semelhante ao caso do shopping, porém com a localização determinada pela escola.

Estudar em uma escola longe do seu local de moradia, para o Caio e a Carolina, provoca um deslocamento do Lugar convivência, em relação aos jovens da Escola 1, já que convivem mais ou tanto nos arredores da escola como da sua residência. Tanto que, ao definir a escola em ambas algumas respostas ilustraram a importância da escola como local de construção das amizades. É um espaço, para estes jovens, muito centrado nas suas relações tanto com os colegas quanto com os professores. Nesse espaço buscam as suas identificações e estabelecem diferenciações na sua constituição como sujeitos. Descrevem a escola como um local em que há amigos, mas também há “pessoas que se acham” e “pessoas

arrogantes” (Patrícia e Carolina, em entrevista à autora, 2013). Ou seja, ela seleciona a partir das suas observações neste espaço escolar as suas identificações com os colegas, constituindo a sua identidade.

A sua interpretação de mundo está muito relacionada ao ambiente escolar, talvez não tanto pelo conhecimento como o esperado por nós professores. Precisamos compreender que existe uma representação social entre estes jovens de que a escola faz parte do seu Lugar de convivência, e que a sua maior motivação é frequentá-la como local que possibilita a socialização e colabora nos seus modos de ser. Há um sentido de escola recriado por estes jovens que poderíamos utilizar a fim de motivá-los para os estudos, como um espaço que participa da sua circulação pelo lugar e faz parte da sua construção de mundo.

Ao se deparar com essa interpretação de escola, temos que ouvir estes jovens. Afinal, este espaço continua sendo um local de afeição e, talvez, estes mesmos jovens saibam muito bem diferenciar a sua função. Quando solicitei que descrevessem a escola, alguns relatos, para além das amizades, foram no sentido de como se sentem bem naquele espaço. Para o Vicente a Escola 1 “dá para conviver, tem um ar bom”, o que o Sandro explica que é “uma das melhores aqui da volta”. Essa comparação entre escolas próximas da moradia deve ser levada em conta, já que estes espaços estão no cotidiano do Lugar que eles convivem. O porquê de existir diferenças entre as escolas, o Lucindo soube explicar resumidamente

Lucindo: Esta escola aqui é boa. Ela tem educação. Eu vim de uma outra escola, o São Francisco, em que lá ninguém se respeita. Aqui tem mais respeito, aqui educa mais. Tem os professor também que exige bastante, que puxa os alunos. Lá não, já era um pouco mais solto. A direção deixa tudo acontecer.

As relações entre os colegas, e entre alunos e professores são muito valorizadas. Para estes jovens a escola tem funções de estabelecer o melhor convívio possível e de ensinar. Quando ouvimos respostas sobre a Escola 2 como “é bem forte, os professores exigem bastante”, como foi também a do Leandro, leva a refletir a nossa função naquele espaço para além da nossa disciplina. Mantemos (nós, professores) mais do que a exigência da nossa disciplina, eles quiseram transmitir que também a nossa exigência é de convivência de ensino das relações em sociedade.

Como professores, precisamos estar mais atentos às representações da escola para os jovens, já que ela participa tanto como um local de importância no seu pertencimento ao Lugar e, destaca-se, de forma afetiva. Mais do que somente um espaço, a escola com seus sujeitos e, principalmente, com nós professores como referência para estes jovens, se mostra possibilidade de fortalecimento de vínculos afetivos tanto na relação professor-aluno como com o seu Lugar. Ainda, neste contexto, adquirimos mais importância como professores de Geografia, já que podemos “exigir bastante” como cita o Lucindo, pensando nestas questões que eles nos apresentam sobre o Lugar.

Ao conhecer parte das experiências destes jovens pela cidade, em que a escola tem destaque, nos aproximamos de como se constrói o seu mundo. Estas experiências em parte já se destacaram como repleta de representações, por isso as representações sociais mais específicas sobre outros locais na cidade também devem ser consideradas neste seu mundo.

5.3. Os jovens e as suas representações sobre o Lugar

É difícil para a escola abranger estes modos de ser jovem. Entretanto, estes jovens demonstraram que necessitam ser compreendidos no seu presente e com os contextos com os quais convivem. Em vários momentos desta pesquisa avaliei as representações que eu carrego ao me defrontar com situações que não imaginava em relação a estes jovens. Enfim, é este diálogo que, como professores, devemos priorizar e, deste modo, as representações sociais como teoria auxilia a refletirmos sobre como constroem este seu mundo. Às vezes, estas aparecem de forma sutil, mas, como se tornam quase um senso comum, podemos identificá-las quando nos apresentam o contexto com o qual convivem na cidade.

Uma das formas de explicitar o contexto destes jovens na cidade foi a demonstração de um descontentamento e até uma representação negativa em relação às pessoas com as quais convivem. Nos fanzines isso está representado em relação aos maus-tratos à animais de estimação. Este foi um dos temas mais recorrentes na produção total dos 17 fanzines nas duas escolas, já que cinco

abordaram tal assunto. Com maior ênfase tiveram dois fanzines, um de cada escola, dedicados quase inteiramente aos animais de estimação (FIGURA 10).

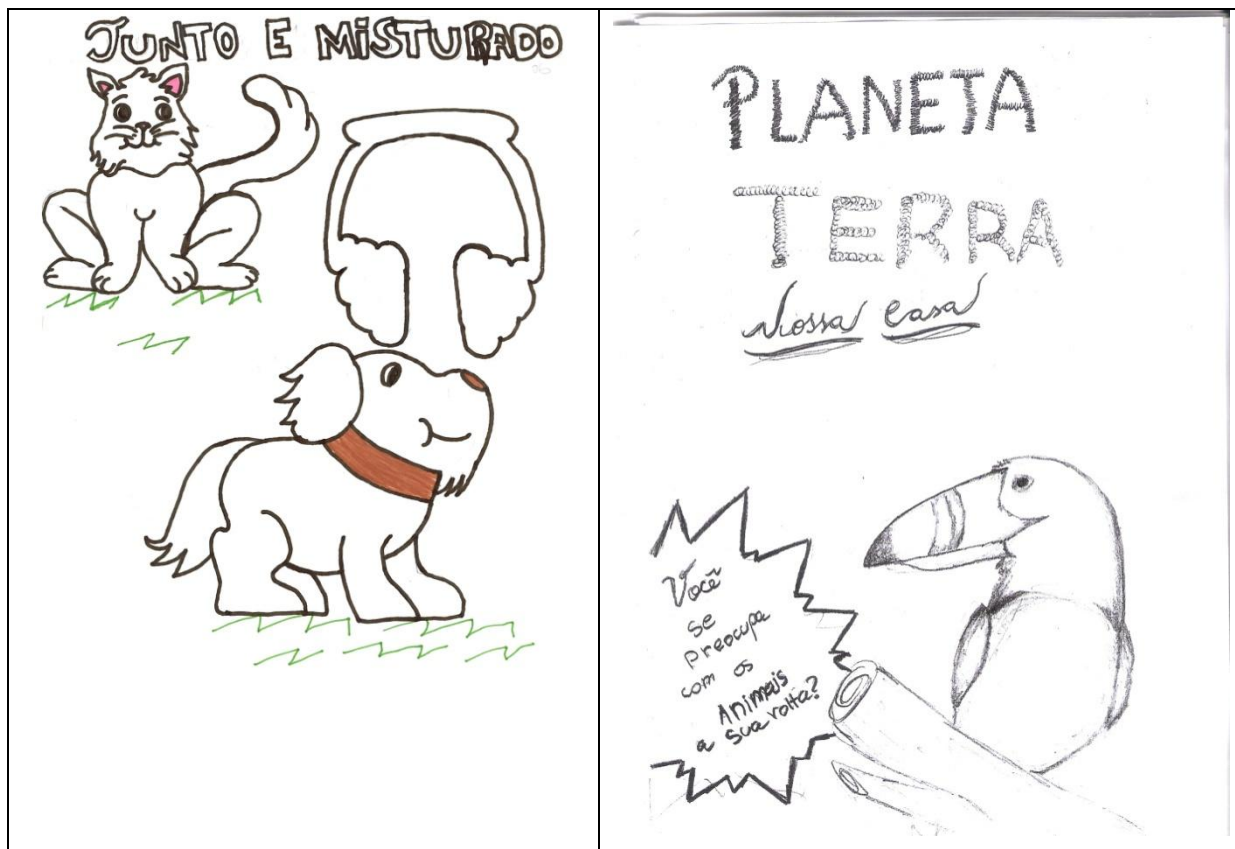


FIGURA 10 – Fanzine Tudo Junto e Misturado, Escola 1, e Fanzine Planeta Terra: nossa casa, Escola 2

Fonte: Arquivos da autora

Quando este é tema de capa dos fanzines, como nestes exemplos, ou ainda há a questão “*you se preocupa com os animais a sua volta?*”, isso demonstra como é importante este assunto nas representações de mundo que constroem. Entre tantos assuntos que poderiam abordar sobre o seu cotidiano, escolheram o abandono de animais. Foi uma surpresa na minha análise, porque eu, confesso, esperava a indignação com outros aspectos da cidade, como violência, transporte, etc. Aqui me percebi em uma perspectiva do adulto que não compreende a dimensão do mundo destes jovens, já que se importam com o que é mais imediato, próximo. De forma que o seu mundo aqui se demonstra construído por estas representações do lugar, do espaço em que podem circular e as pessoas com as quais convivem.

Logo, poderíamos achar este assunto do abandono de animais banal, e em um primeiro momento passa a impressão de que se trata somente de uma

preocupação com animais de estimação ou a questão ambiental. Porém, este abandono, principalmente de cães, é uma representação do Lugar, pois nos fanzines foi demonstrado muitas vezes com tom de indignação em relação às pessoas com as quais convivem, culpadas por abandonarem ou não tomar atitude em relação a este problema. O fanzine serviu como uma forma de divulgação desta indignação, talvez, para que fosse lido por estas pessoas que convivem na mesma cidade, já que haveria a troca com a outra escola.

Por isso, como as representações sociais se encontram no senso comum, naquilo que é consenso no grupo que convive, havia nas entrevistas questões abertas sobre os locais que estes jovens circulam, mesmo que estas já tenham em parte se revelado com os outros questionamentos. Por exemplo, a primeira questão solicitava que descrevessem com uma frase o que achavam da sua rua. Então, iniciando pelo espaço mais próximo da moradia destes jovens, solicitei que descrevessem a sua rua. Embora para alguns tenha sido motivo de dúvida sobre o que realmente responder, procurei incentivar a maior sinceridade possível para explicitarem a primeira definição que lhes viesse ao pensamento. As respostas foram tanto com representações negativas como positivas, mas, de certa forma, demonstrando que a rua é um espaço de importância na formação das representações sobre o Lugar de convivência. É diretamente relacionada à sua construção de mundo já que é muito próxima e, por isso, observada com atenção por estes jovens.

Dos jovens da Escola 1, escolhi a Daiana por ter me relatado durante a confecção dos fanzines que não saía de casa durante a semana por uma proibição dos seus pais com receio da violência o que confirmou na entrevista “É muita violência que tem aqui. Fico mais em casa”. No entanto, ao descrever a sua rua relatou que é “divertida” já que há uma boa relação de vizinhança em que “Os guris jogam futebol, assim. Todo mundo se comunica” (Daiana em entrevista à autora, 2013). Entretanto, outros três dos seis jovens desta escola descreveram a sua rua, em um primeiro momento na conversa, com uma representação negativa, principalmente quanto à violência existente. É um local “inseguro”, com “bocas de fumo” em que temem até mesmo ser “assaltado pelo vizinho”. E ainda há certo descontentamento, um estranhamento como negação de pertencimento aquela vizinhança como na situação da jovem Patrícia, para quem

Patrícia: Ela é um pouquinho as duas coisas, ela é um pouquinho chata e...(pausa) pouco barraqueira também. Bem barraqueira
 Eu: a questão dos vizinhos então?
 Patrícia: é
 Eu: E a questão da aparência assim... por que que ela é pouco boa e um pouco ruim?
 Patrícia: é Por causa, que... é bem difícil de conviver ali. Convivendo só com barraco, só se for barraqueira
 Eu: Por isso que tu fica em casa, mais?
 Patrícia: é

Para a Patrícia a rua é um lugar, pois tem a atribuição de sentidos no seu uso diário (CARLOS, 2007), mas ao considerarmos as representações que ela traz consigo o comportamento dos vizinhos não está de acordo com o esperado para uma vizinhança em que se sinta bem em conviver. Esta aversão limita até mesmo a sua circulação pelo Lugar, onde, para não sofrer influência deste comportamento da vizinhança e ser uma “barraqueira” a saída é o isolamento. Um dos fanzines na mesma escola abordou como denúncia o incômodo com os vizinhos. Neste um dos autores era o Lucindo que confirmou na entrevista ao descrever que quanto a sua rua

Lucindo: Eu não gosto muito da minha rua. Eu nem gosto de sair porque é uma ... é um tipo de preconceito, sabe? [...]. A gente tem medo de sair na rua porque talvez “mexam” com a gente ou até ser assaltado

O tema que o Lucindo havia abordado na sua seção do fanzine foi o preconceito, e por este motivo que escolhi o entrevistar, tamanha é a importância de conceituação desta palavra para ele. Este preconceito ele revelou quando demonstrou a representação que possui da sua rua, este local mais próximo da sua moradia, em que possui uma de aversão por medo da violência moral, “mexam com a gente”, e física por “até ser assaltado”.

Já para maioria dos jovens da Escola 2, a sua rua é “tranquila”, mas muito no sentido de que “quase não há movimento de carros e pessoas” e “parece condomínio” (Laura e Carolina em entrevista à autora, 2013). Embora os jovens entrevistados fossem de diversos bairros da cidade, pareceu não existir uma relação tão próxima com os vizinhos nas suas falas. Para o jovem Caio, por exemplo, a sua rua “não é bonita nem feia” já que o bonito seria porque tem “bastante apartamento próximo” e o feio seria porque “tem muito lixo” (entrevista a autora, 2013). Senti na conversa que o bairro aparentar uma boa infraestrutura urbana e verticalização, sobrepõe-se a uma representação somente negativa, como dos jovens da Escola 1. São bairros que possuem a representação social positiva do que uma sociedade de

consumo considera como ideal. Não que eu esteja negando aqui a necessidade de infraestrutura, mas um bairro ser considerado bonito pela sua verticalização deve ter uma leitura mais aprofundada desta fala. E isso se confirma mais quando relaciono que alguns dos jovens da Escola 1 também citaram o lixo como descrição da sua rua, mas veio algumas vezes esta fala justificada pela representação social de que as “pessoas são relaxadas”.

Na questão em que solicitava para definirem o seu bairro, foi que a representação da “sujeira” no bairro Mathias Velho apareceu com mais clareza na fala destes jovens. O jovem Venâncio apesar de gostar da escola que fica no bairro faz a ressalva “mas o bairro é muito sujo né?! Por causa das pessoa... um pouco também que o governo não faz nada... deixa sujo.” (entrevista à autora, 2013). Outro jovem na mesma escola o Victor, falou no mesmo sentido do acúmulo de lixo e demora da prefeitura no recolhimento. Assim como a jovem Daiana que faz um resumo dizendo que no bairro

Daiana: Tem gente muito fofqueira e mal-educada.

Eu: Por quê?

Daiana: Jogam as coisas tudo no lixo, adoram. E são meio briguento, né? Jogam lixo na rua essas coisa... tem uns que abandonam até cachorro.

Já que para esta mesma jovem Daiana a rua é um local “divertido”, mas o bairro foi descrito apenas com as suas representações negativas. Isso porque quando fiz a pergunta sobre o que ela achava que as outras pessoas pensavam do local onde mora, é que pude perceber o aspecto mais subjetivo e contraditório em relação a este Lugar.

A maioria dos jovens da Escola 1 relatou que não gostava das pessoas da sua rua, porém não concorda quando os outros têm uma representação semelhante a deles. Neste momento considero que houve a possibilidade de em alguns casos questionarem a sua representação social, já que tiveram que repensar aquilo que a maioria reproduz como discurso. Conforme a Daiana, que foi a única da Escola 1 a demonstrar uma representação positiva sobre a sua rua, os outros dizem que o bairro onde mora

Daiana: Que só tem violência, assim. Não enxergam além. Num lugar de violência sempre tem um lugar calmo. Não existe só violência.

Eu: Então tu não concorda com o que eles dizem?

Daiana: Não concordo. Existe violência, mas é só a pessoa fazer o lugar.

O que seria para esta jovem “fazer o lugar”? Entendo que estes jovens apesar de conviverem com diversos problemas, gostariam de melhorar o Lugar de

convivência, porque esta não foi a primeira fala no sentido de que “apesar de” também existem boas representações. Com o desenvolvimento da entrevista, as questões subjetivas do cotidiano iam surgindo na fala destes jovens, o que faz parte do seu Lugar. Para o Victor, que se mudou recentemente para o bairro, as pessoas acham que não existe mais uma ativa participação nas ações comunitárias que, na sua opinião

Victor: Eles falam que o bairro Mathias há um tempo atrás já foi mais valorizado pela comunidade

Eu: Ah. Valorizado em qual sentido?

Victor: Mais na parte de segurança, na parte de cultura. E agora, segundo eles, e eu até concordo, na parte de segurança tá bem crítica.

Eu: E qual parte que tu não concorda? Tu concorda com isso que dizem?

Victor: Na parte de cultura, às vezes, eu até não concordo por causa que muitas vezes as escolas oferecem, tem palestra alguma coisa. E, às vezes, tem, eles fazem aqui na praça alguma apresentação de Hip Hop. No Escola Aberta, aqui também no final-de-semana eles fazem. Tem o shopping também que fica localizado no Mathias.

Para o Victor, que tem um olhar mais distanciado por não ter muito tempo de moradia em Canoas, as ações promovidas pelo poder público são uma forma de valorizar a cultura. Porém, para os outros jovens, talvez, estes eventos não sejam tão atrativos, tanto que como lazer nenhum jovem citou no bairro Mathias Velho estas ações promovidas na escola. Também o fato de a escola ser parte do Lugar, no seu cotidiano a torna um espaço comum e institucional, o que torna seus eventos, mesmo em horários diferentes do período letivo, vistos como mais uma atividade comum.

Também a questão da segurança urbana em relação ao bairro foi demonstrada em 3 fanzines, sendo que em dois estava como seção “notícias” e era a reprodução de algum fato já noticiado em jornais de grande circulação na cidade. Porém estes modos de ser que surgem de acordo com este contexto de vulnerabilidade social com o qual convivem estes jovens pode ser demonstrado de uma maneira inesperada. Um dos fanzines da Escola 1 retratou de forma irônica a violência com a qual convivem, pois de forma implícita através de uma história em quadrinhos desenhada pelo Sandro, explicitaram a proximidade que esta situação de violência existe no seu cotidiano e certa representação social que possuem também sobre o bairro (FIGURA 11).



FIGURA 11 – Capa do Fanzine produzida pelo Sandro

Fonte: Arquivos da autora

Quando o Sandro retrata que a representação social que existe sobre os moradores do bairro como “maloqueiro, traficante e ladrão” não precisa ser desmentida, é porque ele também já carrega consigo tal representação, de modo naturalizado, está no senso comum do grupo com o qual convive. Entendo com este desenho, que este jovem procura mostrar que para pertencer ao grupo ele deve compartilhar desta representação social de que todos moradores do bairro possuem algo em dívida com os “puliça” (polícia). Este Lugar com o qual convivem possui em sua banalidade fatos que amedrontam estes jovens como a violência urbana; no entanto, como podemos perceber no fanzine acima, o medo é algo que participa das suas relações diárias. Entretanto esta fama do bairro, como eles dizem, de

“maloqueragem”, com pessoas com “comportamento de vila”, é algo que “exageram muito” e estes mesmos reconhecem que isso cria uma representação negativa, já que existem muitas “pessoas de bem” (Sandro e Lucindo em entrevista à autora, 2013). Por esse reconhecimento, escolhi o Sandro para entrevistar e, então, perguntei-lhe

Eu: Ah, e me explica por que tu fez esta capinha no FANZINE do grupo de vocês, deste jeito? Tu quer declarar algo sobre?

Sandro: Justamente porque só falam que tem coisa ruim aqui na Mathias. Daí eu fiz uma sátira, por isso.

Entendo que ele fez uma sátira, mas existem representações que o levaram a pensar dessa forma. Estes jovens tem muito claro na sua convivência na cidade a representação em relação aos moradores do seu bairro, mas é na convivência diária que este se faz como Lugar de pertencimento. Mesmo para a Patrícia, que relatou um caso de violência na sua rua, ao comparar com o bairro que morava antigamente, a jovem reconhece que foi um fato isolado e ao lembrar dos comentários sobre o bairro Mathias Velho na época em que iria se mudar

Patrícia: Sabe que quando eu me mudei da Guajuviras, disseram que “ah, se tu entrá na Mathias tu vai saí morta” e eu vim morá e não aconteceu nada aqui. [...]: Falam assim, que o Guajuviras é território de paz, mas assim “que território de paz o quê, lá é toda hora tiro. O cara entra sai morto”

Mesmo assim, ela explicita na sua fala que para os que convivem no seu bairro antigo, não é garantia o título de um “território de paz”⁸ como política pública e que na convivência é que se conhece o Lugar. Então, quando questionada se concordava sobre o que acham de onde mora atualmente, defende que

Patrícia: mas, tipo, tem um lado bom, entendeu?...

Eu: e que lado bom seria esse?

Patrícia: tem as festa, tem gente boa, tipo as minhas amiga assim, eu não conhecia elas e elas são muito legal. Não são barraqueira... sabe? Tem sempre o lado bom. Trabalho que eu vou fazer com elas, até foi legal, tu sabe?

Logo, a sua resposta foi no mesmo sentido do que os outros jovens haviam relatado. Novamente, “tem sempre o lado bom” e aqui a Patrícia deixa mais claro

⁸ Segundo a Secretaria Municipal de Segurança Pública e cidadania o Território de Paz (TP) é um centro de pesquisa social aplicada à segurança pública de Canoas. Foi implementado, inicialmente, com recursos oriundos do Governo Federal. O primeiro TP foi lançado em outubro de 2009 no bairro Guajuviras, e em novembro de 2011 no Bairro Mathias Velho. Inclui vários projetos como Justiça Comunitária, Casa das Juventudes, Mulheres da Paz, entre outros no bairro. Para saber mais, ver: <http://www.canoas.rs.gov.br/site/home/pagina/idDep/30/id/86>

que as amizades, principalmente construídas no ambiente escolar são parte das suas construções das representações positivas a respeito do bairro como um Lugar.

Esta relação entre escola e Lugar apareceu bem menos na maioria das falas dos jovens da Escola 2. Acredito que pelo distanciamento da escola em relação aos locais de moradia dos jovens, já que exceto a Laura, os demais entrevistados moram em outros bairros.

Quanto a relação do que os outros pensam sobre o local onde moram, as representações foram em um primeiro momento positivas para estes jovens da Escola 2. Embora alguns tenham revelado especificidades sobre os diversos bairros, que, novamente, retornam ao que os jovens da Escola 1 tinham relatado.

Para o Caio, por exemplo, há uma concordância com a opinião geral de que o seu bairro é considerado “uma coisa boa, é um lugar tranquilo de se morar, que não tem muito assalto, não tem essas coisas por aí!”. Este jovem compreende que o seu bairro é diferenciado de outros contextos. Embora quando perguntado sobre a rua também tenha citado o lixo, a representação social que carrega em relação ao bairro não é afetada. Também há de se considerar que o seu bairro de moradia é um dos mais antigos de Canoas, a leste da BR-116, originado a partir de loteamentos com boa infraestrutura. Ainda em relação aos loteamentos mais novos na cidade, a Laura, que descreve onde reside como de “classe média alta” e diz gostar de andar pelas praças.

Até aqui nenhum destaque, já que bairros com boa infraestrutura tendem a oferecer melhores condições de vida e espera-se dos seus moradores uma representação social positiva. E até pode parecer que só há boas representações sociais para estes da Escola 2. Entretanto, alguns destes jovens no decorrer da conversa, assim como os da Escola 1, desmistificam-nas. Este fato, sim, interessa ao ensino de Geografia, pois demonstra que eles possuem uma observação mais aguçada do espaço de convívio do que somente a representação social que se apresenta no senso comum. O Leandro, por exemplo, citou que o seu bairro é considerado tranquilo por aqueles que não conhecem o local onde mora, que é mais afastado, o que a Carolina confirma, falando algo semelhante

Carolina: As pessoas acham um bairro bom, mas é longe de tudo

Eu: E tu concorda com isso?

Carolina: Eu gosto da minha casa, tem pátio assim, ... ,mas não gosto do bairro.

Na conversa com o Leandro e com a Carolina, também há o reconhecimento que outras pessoas podem ter uma representação diversa, no caso positiva do seu bairro, se não o tiverem uma perspectiva de como eles o conhecem. Aqui estes jovens revelam o seu mundo, o seu cotidiano mais relacionado ao pertencimento a este espaço, pois o conhecem para além das representações sociais que possam existir. Quando nos interessamos pelo espaço interpretado em uma perspectiva de Lugar, conseguimos aguçar a percepção destes jovens como sujeitos que possuem a sua história imbricada naquele convívio. Para a Carolina, particularmente, o bairro não é atrativo, uma vez que “odeia” onde mora, por não ter movimentação e ser distante das suas amizades construídas na escola na área central da cidade.

Diferentemente do que relataram nessa proximidade entre escola e arredores, quando solicitei para que descrevessem Canoas, os alunos acompanhados no presente estudo demonstraram maior distanciamento. Percebi aí uma diferença entre o deslocamento pelo bairro, onde convivem diariamente e o conhecimento parte da experiência cotidiana, em relação ao deslocamento pela cidade, por onde, mesmo que não seja possível conhecê-la inteiramente, fica restrito ao local entre a moradia e a escola. Isso reflete as suas representações sobre a cidade, já que se apresenta como algo distante.

Uma ilustração desta representação é que em muitos fanzines, Canoas apareceu com os seus pontos turísticos, como se fosse uma apresentação da cidade para turistas e não fala de jovens que frequentam aqueles locais no seu cotidiano. Assemelharam-se àqueles trabalhos escolares em que os alunos copiam integralmente da rede virtual e colam o assunto requerido; no entanto, não era esta a minha intenção quando propus os fanzines. Muito pelo contrário, queria que destacassem a cidade com a qual convivem. Por isso afirmo este distanciamento, em que apareceram até mesmo fanzines dedicados somente à cultura gaúcha e pontos turísticos do Rio Grande do Sul (FIGURA 12).

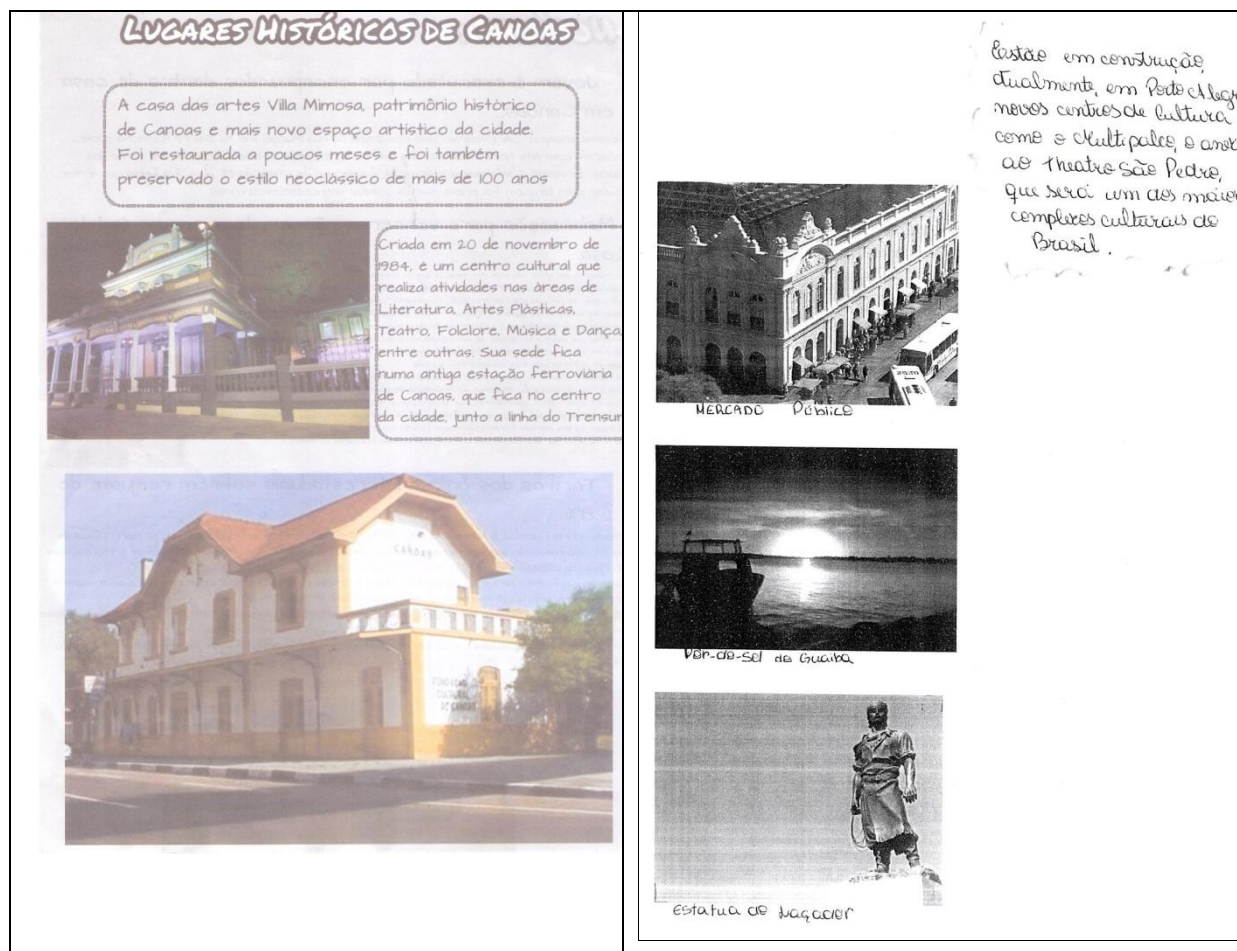


FIGURA 12 – Fanzine Math's Daily, Escola 1, e FANZ, Escola 2

Fonte: arquivos da autora

Assim como nesses fanzine, em ambas escolas houve diversas formas de mostrar estes pontos turísticos, porém a maioria apresentou cópias de descrições prontas de sites. Parece que percebem Canoas como o seu cotidiano e ao mesmo tempo a representam como algo distante quando se referem à cidade como um todo. Considero que isso demonstra um grande desconhecimento da cidade até mesmo cartográfico, pois demonstraram nos fanzines pontos turísticos de Canoas e da cidade vizinha Porto Alegre.

Ainda quanto a esta percepção da cidade, a gestão governamental foi demonstrada nos fanzines com destaque para as obras de infraestrutura promovidas pela atual gestão da prefeitura de Canoas (FIGURA 13). Este assunto foi abordado nas duas escolas e considero que este tema pode ser uma representação social da cidade como um espaço que só pode ser modificado pela gestão administrativa dos representantes governamentais. Ou seja, faz parte do meu cotidiano em Canoas como Lugar as mudanças que estão ocorrendo conforme o que é divulgado pela

Prefeitura, o que influencia nas minhas representações sociais como jovem que constrói o seu mundo a partir deste espaço de convívio.



FIGURA 13 – Fanzine Temas para pensar, Escola 1
Fonte: Materiais da autora

Para a jovem do fanzine da figura 12, procurar mostrar o seu cotidiano através de recortes, a levou a comentar sobre a notícia do jornal. Neste ponto me questiono sobre este jovem que necessita “ter atitude” (Schimidt, 2011) e resolve, assim como o fanzine que tratava de “política”, reproduzir algo pronto, embora tenha criado uma poesia. Levanto esta questão visto que em Canoas há uma grande divulgação impressa, por meio de jornal da prefeitura distribuído nas residências ou por um caderno dedicado à cidade em um jornal de grande circulação⁹, das ações desenvolvidas pela atual gestão. A abordagem através de jornais nos fanzines chama a atenção porque seria muita ingenuidade negarmos que a mídia é fator

⁹ O Jornal da Prefeitura de Canoas é uma edição semanal impressa elaborado pela Secretaria de Comunicação distribuída gratuitamente nas residências em Canoas. Também há um caderno semanal denominado “Mais Canoas” no Jornal Zero Hora de grande circulação na Região Metropolitana de Porto Alegre.

considerável na atualidade na formação das representações sociais, neste caso das que constroem Canoas como um Lugar para estes alunos.

O fato de demonstrarem estas ações de mudanças na infraestrutura pela prefeitura pode ser um fator de orgulho pela cidade que pode se tornar melhor, como uma forma de demonstrarem uma espécie de satisfação com aqueles governantes que estão divulgando resultados. Isso porque o que se aprende sobre a cidade não pode ser encarado como algo singular, como auxilia Guareschi (2010)

As representações servem tanto às pessoas como paradigmas na comunicação como, por outro lado, como meios de orientação prática. As bases para um discurso sobre a natureza do conhecimento humano, dentro dessa perspectiva, mudam, pois o conhecimento passa a ser um processo de luta e persuasão no curso da história humana, não um processo de aprendizagem realizado pela pessoa singular (GUARESCHI, 2010, p. 89)

As informações direcionadas sobre a gestão da cidade nos meios de comunicação transformam-se na prática parte da construção de mundo destes jovens. Considero que essa também pode ser uma representação social de Canoas, na qual a cidade é algo distante, uma construção da qual eu não participo. Não há um aguçamento da percepção da cidade e para isso o ensino de Geografia poderia contribuir, já que é a partir do espaço vivido que podemos ensinar. Para Herechuk (2011) ao considerar as imagens sobre a cidade, estas poderiam ter leituras críticas e dialógicas possibilitando múltiplos alfabetismos. Ou seja, contribui com a nossa disciplina o questionamento destas representações que nascem através da mídia.

Na sala de aula deveríamos considerar estas representações como uma perspectiva sociocultural que participa da interpretação de mundo destes jovens e por isso relacionada ao espaço com o qual convivem. Acredito que muitas vezes estamos querendo ensinar um mundo que acredita neste processo de aprendizagem singular, pois desconsideramos o mundo destes jovens para, contraditoriamente, ensinar Geografia do mundo.

Por estas formas de representação de Canoas – por meio de notícias da mídia – convidei o Vicente para entrevista, já que havia exaltado as ações da atual gestão municipal na sua seção do fanzine. Então, ao responder sobre Canoas, fez uma comparação com outros municípios

Vicente: Ah... Canoas é mais limpo que Porto Alegre
 Eu: Ah, então tu acha Canoas, de certa forma...
 Vicente: De certa forma, é sim
 Eu: é bom?
 Vicente: não

Eu: de certa forma sim, de certa forma não, por quê? Qual o não...?

Vicente: Por causa, que, as pessoa que mora nela são muito relaxada, entendeu? Que nem vandalismo tem muito em Canoas. Em Porto Alegre não tem, muito. Então, de certa forma, Canoas é bom, de certa forma, não é.

Eu: Pelo lado bom é que aqui é mais...

Vicente: Vamos supor... aqui é mais tranquilo

Eu. Tranquilo, ah tá.

De forma instigante, estas duplas definições sobre Canoas (como a do Vicente) também apareceram nas falas do Caio, da Escola 2. Ele explica que responderia de forma semelhante ao Vicente, com uma representação positiva, se fosse para alguém que não conhecesse a cidade, mas para uma moradora, como eu, diria que “que tá crítica, pois há muita desordem, lixo no chão”. Analiso que a resposta do Caio demonstra aqui, mais uma vez, que estes jovens sabem diferenciar as representações sociais que existem sobre a cidade e que se questionaram para me responder desta forma “optativa”.

A particularidade de observar o que acontece na cidade foi algo que o Victor também demonstrou, já que por morar há alguns meses em Canoas, acha que além de ser uma “cidade grande e bem movimentada” aqui

Victor: [...] geralmente, muitas vezes, quando acontece alguma coisa na rua as pessoas se importam, às vezes, umas com as outras. Principalmente com as pessoas idosas. Mas se é uma coisa, às vezes, com alguma briga, as pessoas não se intrometem e sim ficam passando, ficam assistindo ou “metendo pilha”

Este estranhamento inicial que o Victor tem quanto ao comportamento das pessoas, porque agora mora em uma cidade maior do que anteriormente, poderia ser mais instigado através do ensino de Geografia, através do encontro com outras realidades a que se propõe a nossa disciplina. A Geografia na escola não precisa ser somente a mera descrição de locais distantes, mas podemos partir do Lugar para comparar com estes locais distantes, aguçando a percepção em relação ao outro, não somente territórios, mas outros modos de vida. Ele vê este mesmo convívio também no que se refere à escola

Victor: São pessoas que na verdade são várias. Não é uma comunidade de vínculo. São vários grupos. Em cada canto tem um grupo.

[...] São aqueles grupinhos que não, geralmente, às vezes, dá confronto entre os grupos. Em vez de todo mundo ser um grupo só, conversarem várias coisas, eles são tudo dividido. [...] Lá em Taquari era todo mundo junto.

Desta forma, também o Victor demonstra um estranhamento em relação ao comportamento das pessoas, talvez pelo pouco tempo de moradia em Canoas, mas

a sua percepção vai de encontro ao que os outros jovens demonstraram. Considero que essas questões auxiliaram a demonstrar que estes jovens convivem neste espaço como Lugar por que observam o espaço de convívio. Essa importância que demonstram com o que acontece retrata suas opiniões a partir das suas subjetividades que podem ser estimuladas quando questionamos as representações sociais.

5.4. A troca de lugares: como eu vejo o outro

O jovem a partir da escola pode descobrir o outro que convive em espaços próximos do seu, já que não é abrangente o seu deslocamento pela cidade. A cidade é politicamente delimitada, porém, no convívio, estes jovens conhecem várias cidades de Canoas. Embora, cada um tenha a partir do seu contexto a sua construção de mundo, a contribuição da nossa disciplina de Geografia na escola pode auxiliar a instigar a imaginação dos alunos para outros espaços, afim de ver de outras perspectivas, criar empatia também quanto as pessoas que convivem com ele.

Pensando nesse sentido, após a produção dos fanzines os jovens das duas escolas sabiam que iriam trocar suas edições. Então, no dia dessa troca solicitei que escrevessem um breve comentário¹⁰ sobre o fanzine da outra escola que receberam aleatoriamente. As questões que direcionavam este comentário foram elaboradas com o objetivo de eles observarem diferenças ou semelhanças entre os modos de ser jovem, assim como entre os lugares de convivência.

- *Há diferenças em relação ao fanzine que vocês produziram?*
- *Vocês escreveriam sobre os mesmos assuntos no seu fanzine ou não? Por quê?*
- *Esta vivência dos jovens na cidade é semelhante a sua ou não? Por quê?*

Considero que os resultados encontrados para esta atividade foram próximos de um encontro destes jovens com os outros lugares. Este tipo de atividade promove

¹⁰ Todas os comentários dos jovens eu inseri no blog da pesquisa (lugaremfanzines.blogspot.com.br), para que pudessem ter acesso aos comentários da outra escola, já que não houve tempo hábil para mostrar os comentários realizados pela outra escola.

o deslocamento e reflexão das opiniões interpretadas como individuais para um reconhecimento das representações que existem sobre a cidade. Isso porque, por exemplo, na primeira questão *“Esta vivência dos jovens na cidade é semelhante a sua ou não? Por quê?”*, os alunos envolvidos no estudo elaboraram comparações entre os lugares de vivência.

Este encontro com o outro proporcionou constatações simples como “vivemos na mesma cidade”, pelos jovens da Escola 2, até a comparação entre os lugares que frequentam. Os jovens da Escola 1, ao comentarem o fanzine denominado “FANZ”, com o predomínio do assunto cultura gaúcha no Rio Grande do Sul, escreveram que frequentam os mesmos lugares, se referindo a alguns pontos turísticos de Porto Alegre indicados no fanzine.


Não há como negar que a proximidade de Canoas com a capital, Porto Alegre, influencia na dinâmica da cidade, até por uma questão de hierarquização dos lugares, mas nesta pesquisa importa refletir sobre o porquê nestas múltiplas trajetórias (MASSEY, 2009) que formam Canoas, o demonstrar a cidade em si é descartado como opção para estes jovens que preferem demonstrar Porto Alegre ou cultura gaúcha. Considero que existe este distanciamento da cidade como um todo, como já argumentei anteriormente. Porém, alguns jovens ao receber este fanzine comentaram que não escreveriam sobre a cultura gaúcha no Rio Grande do Sul, porque esta “não é a realidade que vivemos”. Para estes jovens, de acordo com o seu contexto, falar sobre cultura gaúcha não faria sentido (FIGURA 14).

Nenhum comentário: ~~(comentário)~~ Nosso fanzine: fanzine dos gladiadores

Postar um comentário: ~~(comentário)~~ fanzine deles: fanzine

Escreva seu comentário:

Este fanzine deu bastante ênfase para a cultura e o histórico do Rio Grande do Sul, quando na verdade isso não é a realidade que vivemos.

Em alguns pontos, os autores citaram coisas que ~~(não)~~ envolvem a nossa ~~(cotidiana)~~ "mundo" como o fã - da - bol no gaúcho, ou o matinho - ma, mas nem todo mundo toma chimarrão ou escuta música nativa. O fute bol também  é outro ponto que envolve a nossa "mundo".

Comentar como: Conta do Goo

FIGURA 14 – Comentário sobre o fanzine FANZ

Fonte: Arquivos da autora

Este estranhamento foi ainda seguido dos elementos que conseguiram identificar como parte do “mundo” deles. Esta referência ao “mundo” diferencia o que pertence ao cotidiano do que é uma representação dos costumes dos que residem aqui, como eles mesmos destacam “nem todo mundo toma chimarrão e escuta música nativa”. Eles tinham a compreensão de que o tema principal dos fanzines deveria ser o seu cotidiano e, por isso criticaram o modo como os outros jovens o representaram. Uma afirmação como essa pode ser interpretada também como um questionamento, já que a questão anterior do guia para escrita do comentário “Vocês escreveriam sobre os mesmos assuntos no seu fanzine ou não? Por quê?”, e, assim, justificam que, ao contrário dos jovens do grupo da outra escola, eles não consideram estes costumes parte do seu mundo.

O reconhecimento da diferença em relação ao outro, também apareceu nos comentários em relação às identificações musicais, já que “cada um, cada um” ou

“ninguém é igual a ninguém”. Entretanto, destaco a diferença em dois comentários em que transparece uma representação que possui relação com os lugares por onde circulam e como interpretam este espaço vivido em relação aos jovens da outra escola. Nestes comentários em específico, da Escola 1, eles relatam respondendo ao questionamento sobre semelhanças entre as suas vivências que *“Não [existe], porque a nossa vivência é bem diferente da deles”*. Fiquei questionando-me: qual seria essa diferença que eles não detalharam? Esta troca foi realizada/ concluída após a maioria das entrevistas, o que me impediu de investigar posteriormente com os jovens que escreveram tal comentário.

Todavia, encontrei algo semelhante e mais detalhado no comentário da Escola 2 que responde à mesma questão (sobre possíveis semelhanças entre as vivências) dizendo que não há semelhanças *“por causa do acesso, e por isso moramos em condições melhores do que eles”*. Este tipo de resposta era algo que este estudo tinha como objetivo investigar já que em uma pesquisa para uma disciplina no período de qualificação, alguns jovens da Escola 2 apresentaram representações sociais negativas sobre alguns bairros de Canoas. O questionamento em relação à representação social negativa sobre alguns locais é tarefa de um ensino de Geografia que priorize o encontro com o outro, visando superar preconceitos. Tenho certa empatia com aquela jovem que na minha primeira atividade sobre representações, antes da qualificação, teve coragem de questionar a representação social negativa que seus colegas tinham sobre o seu bairro. E aquela era apenas uma atividade onde queria que eles comentassem imagens da cidade. A partir desta pesquisa, reforço ainda mais o potencial de uma aula de Geografia, por mais simples que seja a didática proposta, se estivermos dispostos a ouvir os jovens.

Ao perseguir essa inquietação e, tendo em vista que esta pesquisa relaciona-se também diretamente com a minha vivência, o último assunto tratado nas entrevistas pretendia saber como estes jovens demonstram as suas representações em relação aos demais locais na cidade. A questão estava principalmente em se percebiam alguma divisão na cidade e, se ainda assim não compreendessem, eu trocava a palavra divisão por diferenças. Esse assunto seria interessante para pesquisa, já que as duas escolas estão situadas em “lados” opostos da cidade e um dos objetivos era analisar estas experiências por Canoas a partir de como eles veem a cidade.

A diferença no poder aquisitivo foi a mais citada, principalmente, pelos jovens da Escola 1. O problema é que este menor poder aquisitivo das pessoas, no bairro Mathias Velho, por exemplo, ou concentrado neste “lado” da cidade, nas falas dos jovens sempre está acompanhado de uma representação negativa. Uma mostra disso está na colocação de Venâncio que acha que além do maior poder aquisitivo, nos bairros do lado oposto ao trem “ *é mais limpo, eles não são porco que nem os aqui da Mathias. Os cara aqui na Mathias pegam um papel de chicle e tocam no chão. Lá não, eles pegam e jogam no lixo*”. Para o Venâncio há uma diferença entre os costumes da população em locais diferentes da cidade, uma certa idealização dos locais com o qual não convive. Porém, para o Lucindo, apesar de também citar a diferença na limpeza, foi com outra abordagem que destacou as diferenças nesta suposta divisão de Canoas

Lucindo: Ela divide a Mathias, o Centro. Só que o Centro, no Centro as coisas..., você pode ver que do Centro prá lá, do trem prá lá... lá as ruas são - eu acho, eu vejo, né? - que são bem limpas, os cordão são pintado, a passarela ali é bem limpa, né? O trem também, o muro do trem do lado de lá é branco e do lado de cá não é pintado.
[...] É, e aqui também, tem aquele parágrafo ali que é bem simples, né? Aquele monte de lixo ali naqueles latões bem simples. Aqueles camelôs, bem..., um em cima do outro.

É dessa maneira que ele destaca que há uma diferenciação na infraestrutura e manutenção da cidade, até mesmo para detalhes como o muro do trem. Quando questionei se isso influenciava no cotidiano, responderam negativamente, tanto o Lucindo quanto o Venâncio. Entretanto, para o Victor essa diferença de atenção pode, sim, influenciar no seu cotidiano, pois “ *as pessoas que moram do outro lado da BR tem mais facilidades, acesso a cultura, transporte, esporte e lazer. [...] Já aqui quem mora do outro lado tem mais dificuldade de acesso a estas coisas*”. Achei interessante ser o Victor, morador há pouco tempo em Canoas, o jovem a perceber isso e também ter utilizado a palavra “*acesso*”, como algo que não está ao seu alcance, que não é facilitado, que está distante da sua realidade.

Porém, os jovens da Escola 2, que moram no lado representado como de melhores condições na cidade, na maioria das respostas relataram que não veem diferenças, ou que não sabem por não conhecerem este outro lado de Canoas. Nessa questão mostrou-se uma diferença entre estes jovens em relação ao deslocamento pela cidade, pois os que estudam na Escola 2 dificilmente necessitam ir para o “outro lado” em Canoas: a Carolina, que reside no bairro São José, admite conhecer somente o bairro Fátima; o Caio às vezes circula nos arredores do

shopping para cursar aulas de inglês; a Laura dificilmente atravessa para o outro lado do trem.

Para estes jovens da Escola 2 não há necessidade de ir para o outro lado. Em razão disso, novamente a palavra “acesso” parece-me um resumo para este contexto, já que, além de na fala do Victor, aparecera nas representações que os jovens da Escola 2 têm em relação ao bairro Mathias Velho. Na troca e leitura dos fanzines, um grupo respondeu que a sua vivência não era semelhante a dos jovens do bairro Mathias Velho “por causa dos acessos e por isso moramos em condições melhores do que eles”. Estão morando em condições melhores porque tem acesso à bens culturais e à materiais simbólicos através dos quais se dá a sua diferenciação quando consideramos os contextos com o qual convivem e as diferentes condições juvenis (CARRANO; MARTINS, 2011). Estes distintos contextos estão relacionados com a cidade que possui para estes jovens a representação de uma diferenciação pelo acesso.

6. CONSIDERAÇÕES

Escrever (e ler) é como submergir num abismo em que acreditamos ter descoberto objetos maravilhosos. Quando voltamos a superfície, só trazemos pedras comuns e pedaços de vidro e algo assim como uma inquietude nova no olhar. O escrito (e o lido) não é senão o traço visível e sempre decepcionante de uma aventura que, enfim, se revelou impossível. E, no entanto, voltamos transformados. Nossos olhos apreenderam uma nova insatisfação e não se acostumam mais a uma falta de brilho e de mistério daquilo que se nos oferece à luz do dia. E algo em nosso peito nos diz que, na profundidade, ainda resplandece, o imutável e desconhecido, o tesouro

(Jorge Larrosa Bondía)

Na postura de abertura ao diálogo, o professor que inicia uma aula não é o mesmo que termina. Assim, após este período de reflexão com esta pesquisa, não sou a mesma professora que a iniciou. Isso porque com esta “aventura” de leitura e escrita a partir das experiências que tive com estes jovens, senti em alguns momentos ter se revelado “impossível”, já que a cada reflexão durante este período convenci-me de que é nesta incompletude que posso mais como docente. Agora tenho uma “inquietude nova no olhar” porque me transformei diante do “brilho e mistério” que estava em cada jovem participante desta pesquisa e dos que estão na minha sala de aula. Preciso considerá-los como sujeitos em contextos únicos que determinarão a sua condição juvenil e, logo, suas experiências e representações no Lugar participando da sua construção de mundo.

Assim, encontrei como experiências destes jovens pela cidade a sua construção de mundo, já que muitas vezes os mesmos se referiram ao seu lugar através deste termo. Desse modo, não há como distinguir o que compreendo por espaço, do que vivo no meu cotidiano, construindo o que conheço como sinônimo de mundo. Aproximando-me deste jovem pude entender que utiliza esse termo relacionado à formação das suas identificações para se diferenciar do outro sujeito que não compartilha de suas experiências cotidianas no espaço, no seu Lugar.

Para que ocorra a aproximação entre professor e aluno temos que compreender os jovens para além de uma perspectiva adulta que traz imagens negativas de juventude. Lamento o quanto na escola em uma perspectiva de

preparação para o trabalho há um reforço desta imagem, pois estamos preparando alguém para um amanhã, que não merece ser ouvido no presente.

O resultado na sala de aula é o desinteresse de alguns jovens com esta escola. Como professora, sei que é um desafio cotidiano promover um interesse pela Geografia. Contudo acredito em mudanças, porque percebo que é no momento em que relaciono com o espaço mais próximo que consigo o despertar para que aproxime o seu mundo da aula e relacionar com os conceitos geográficos. A escola pode não ter mais a mesma função por uma indeterminação da vida adulta deste jovem, mas a relação professor-aluno e a deste jovem com a escola precisam ser consideradas. Não podemos deixar de considerar que este é um contexto geral que participa da produção de suas subjetividades.

Não na postura adulta de distanciamento, mas, sim, na busca pelo diálogo considerando-os como jovens, acredito que podemos diminuir alguns conflitos em sala de aula. Assim, encontrei nas entrevistas e, principalmente, nos fanzines um modo de democratizar a palavra escrita na sala de aula. Deixá-los livres para demonstrar o seu mundo pode incentivar a sua autoria e protagonismo, e, nas relações, pode inverter o costume do professor como o adulto que possui a verdade e o aluno como o jovem que apenas está em um período de preparação para um futuro distante.

Com os fanzines e entrevistas consegui compreender que são os espaços mais próximos que fazem do espaço da cidade de Canoas um Lugar. Com isso a cidade foi demonstrada pelos jovens como algo distante, uma construção da qual eu não participo. Foram vários fanzines que retrataram uma cidade distante do cotidiano, vista pelos seus pontos turísticos. Descobri isso muitas vezes ao me surpreender com estes jovens, como na conversa em que me relataram uma cidade que possui locais públicos com restrições veladas, em que achavam que deveriam pagar para entrar na biblioteca pública ou no teatro.

Geralmente, partimos de uma homogeneização de que esta geração de jovens teria o pleno acesso à informação devido às redes virtuais, mas, se consideramos os seus contextos, isso nem sempre se confirma. No ensino de Geografia ensinar o mundo globalizado teria que partir de como estes jovens que estão na nossa sala de aula se inserem neste contexto. Do contrário, continuaremos a reforçar o distanciamento da nossa disciplina, da escola e da nossa relação cotidiana com este jovem.

Também foram várias as demonstrações de uma cidade que não possui espaços para socialização destes jovens. Diante dessa falta, há locais na cidade ressignificados, como o campinho de futebol sem infraestrutura, a praça do bairro, a academia e, até mesmo, o shopping. Este último, como espaço privado, foi muitas vezes lembrado inicialmente para o lazer, mas no aprofundamento se revelando como segundo plano, já que exige o consumo a partir das exigências que se impõem culturalmente para frequentá-lo. Também, demonstrando uma visão política alguns jovens reclamaram da falta de espaços na cidade para demonstrarem suas manifestações culturais, como a música. Aqui se demonstra outra possibilidade para o ensino de Geografia: problematizar a falta de espaços públicos na cidade para socialização. Como a cidade não seria algo distante se há também restrições que impedem os habitantes e, principalmente, os jovens de se apropriarem deste espaço e criarem vínculos de pertencimento?

Com a falta de espaços de socialização, a escola se destaca para os jovens como determinante para construção das suas relações de amizade e dos locais pelos quais circulam na cidade. Em algumas situações é o único espaço cultural para as manifestações juvenis e, em outros, determinante para a abrangência da circulação do jovem pela cidade. Esta escola representada como local de afeição que participa da sua construção de mundo é o local onde trabalhamos e, por isso, demonstram a grande importância da nossa ação docente como de organização deste espaço, de pessoas que se importam com estes jovens. É desnecessário o nosso distanciamento, porque é quando nos aproximamos, sem uma postura incompreensiva e nos reafirmando como professores, que somos representados como exemplo. Esta postura aberta ao diálogo pode incitá-los aos estudos, já que a escola é um espaço que participa da sua circulação pelo lugar e faz parte da sua construção de mundo.

Na escola instigar a percepção do espaço da cidade é uma das tarefas do ensino de Geografia, em que a abordagem a partir do Lugar reconhecendo as representações sociais pode nos render muitas possibilidades. Há uma diferenciação entre as representações sociais sobre a rua, ou sobre o bairro sendo de periferia ou não, em um primeiro momento. Reconhecer estas representações sociais é necessário em Geografia, porque podemos partir do pressuposto de aprendizagem singular, quando, na realidade, como sujeitos, não podemos

desconsiderar o mundo que eles constroem no intuito, incoerente, de ensinar uma Geografia do mundo.

Contudo, também temos que considerar que quando questionados sobre as representações sociais que na maioria das vezes existem sobre o bairro ou sobre a cidade, estes jovens demonstraram que possuem uma observação atenta do Lugar construído no cotidiano. Repensando as representações sobre a cidade ou sobre o bairro, alguns jovens, negaram os aspectos negativos ou positivos, considerando mais a sua vivência naquele espaço. Esta Geografia mais próxima, vivida no cotidiano pelo aluno, se incentivada a estar presente na nossa sala de aula pode desmotivar preconceitos, e estimular a percepção do espaço.

Neste sentido, ao demonstrarem a representação que possuem sobre outros espaços na cidade houve, em muitos casos, uma idealização daquele espaço distante do convívio cotidiano. O ensino de Geografia poderia questionar estas idealizações, ao invés, de muitas vezes ficarmos na inicial descrição sem aprofundarmos as diferenças existentes entre os espaços, sejam eles na mesma cidade ou no mundo. Nesta pesquisa, os jovens ao se confrontarem com as representações do cotidiano de outros jovens na mesma cidade puderam revelar representações sociais que são raízes de preconceitos. Por isso, acredito que não iremos com o ensino de Geografia modificar rapidamente as representações, mas compreendê-las neste tempo presente, com a perspectiva de que são historicamente construídas e passíveis de mudança. Isso acontecerá se estivermos dispostos a levar o nosso aluno a conhecer o outro.

Por isso priorizar o diálogo a partir do ouvir as experiências que se desenvolvem no lugar pode contribuir com o ensino de Geografia, com as nossas relações na sala de aula e para nos constituirmos na docência. Nesta pesquisa, muitas vezes, reconheci-me naqueles jovens ao lembrar as minhas aulas de Geografia e os espaços comuns que também contribuíram para a minha construção de mundo. Isso gerou um sentimento de empatia que incentiva um interesse mútuo entre aluno e professor, tantas vezes ausente na nossa sala de aula. A docência se faz aprendendo com este cotidiano, não somente no sentido de melhorar nossas práticas didáticas, mas, principalmente, de aprendermos a considerar o outro.

Não nos damos por conta, às vezes, que banalizar os modos de ser jovem de acordo com o contexto dos nossos alunos somente gera uma culpabilização pelo seu desinteresse pela escola que em nada contribui para este que é nosso espaço

de trabalho. O seu modo de ser jovem mostra-se diretamente relacionado ao espaço mais próximo, o Lugar que constrói o que ele conhece como mundo. Desta forma, o ensino de Geografia destaca-se para compreender estas condições juvenis. Para este fim, devemos nos permitir ouvir o que é o mundo destes jovens para incentivar a sua autoria e interesse pelo outro que convive, muitas vezes, na mesma rua, escola, bairro, cidade.

Não é preciso ir muito longe para “entrar” no mundo destes jovens que estão na nossa sala de aula. Aberta ao diálogo com estes jovens, mesmo após esta pesquisa, posso sempre acreditar que, a partir das palavras de Larrosa (2007), resplandecerá na profundidade do meu peito e dos meus alunos “o imutável e desconhecido, o tesouro”.

REFERÊNCIAS

AUDIGIER, François. La représentation de la géographie pour les élèves de CM2/6e. **Revue de Géographie de Lyon**, Paris, v. 61, n. 2, P.195-199 , 1986.

BARDIN, Laurence. **L'analyse de contenu**. Paris: Presses Universitaires de France, 1977.

BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, Martin W; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução: Pedrinho A. Guareschi. 7ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. P. 189-243.

BERDOULAY, Vincent; ENTRIKIN, J. Nicholas. Lugar e sujeito: perspectivas teóricas. In: MARANDOLA Jr, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de. **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2012. P. 93-116

CARLOS, Ana Fani. **O Lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH/USP, 2007. 85 p. Disponível em: <http://gesp.fflch.usp.br/sites/gesp.fflch.usp.br/files/O_lugar_no_do_mundo.pdf>. Acesso em: dez. 2012.

CARRANO, Paulo César Rodrigues; MARTINS, Carlos Henrique dos Santos. A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar. In: **Revista Educação**, Santa Maria, v. 36, n. 1, p. 43-56, jan./abr. 2011.

_____. Jovens, escolas e cidades: entre diversidades, desigualdades e desafios de convivência. In: COLÓQUIO LUSO-BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO. 2., 2009. Porto Alegre, RS. **Anais Eletrônicos...** Disponível em:<http://www.uff.br/observatoriojovem/sites/default/files/documentos/Comunica_Carrano_luso_brasileiro_sociologia_educacao.pdf>. Acesso em: fev. 2014.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Espaço Geográfico, escola e seus arredores: descobertas e aprendizagens. In: CALLAI, Helena Copetti. **Educação Geográfica: reflexão e prática**. Ijuí: Editora Unijuí, 2011. P. 61-74.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Jovens escolares e suas práticas espaciais cotidianas: o que isso tem a ver com as tarefas de ensinar Geografia In: CALLAI, Helena Copetti.(Org.). **Educação Geográfica: reflexão e prática**. Ijuí: Unijuí, 2011. P. 35- 60.

_____. A educação geográfica e a formação de conceitos: a importância do lugar no ensino de Geografia. In: GARRIDO P., Marcelo (Org.). **La espessura del lugar: reflexiones sobre el espacio en el mundo educativo**. Chile: Universidad Academia de Humanismo Cristiano, 2009. P 135-151.

_____. **A Geografia Escolar e a cidade**. Campinas: PAPIRUS, 2008.

COSTELLA, Roselane Zordan. Escola: espaço de responsabilidade social. **Revista Trajetória Multicursos** – Edição XVI Fórum Internacional de Educação – ano 3, n. 7, p. 77-90, Osório: FACOS, ago. 2012. Disponível em: <http://facos.edu.br/publicacoes/revistas/trajetoria_multicursos/agosto_2012/pdf/escola_-_espaco_de_responsabilidade_social.pdf>. Acesso em: jan. 2013.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da Realidade Geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, set/dez. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04.pdf>>. Acesso em: ago. 2013.

DIAS, Fábio Ferreira. Alunos e professores no Centro de Porto Alegre: o movimento de apropriação da cidade e de lugarização intermediados pela escola. 2012. Dissertação (Mestrado em Geociências) – Instituto de Geociências, Curso de Pós-Graduação em Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

FANZINEIROS do Século Passado – Capítulo 1: As dificuldades para botar o bloco na rua e a rede social analógica. [Documentário]. Produção e direção de Márcio SNO. (31min14s). São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://vimeo.com/19998552>>. Acesso em: ago. 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARBIN, Elisabeth Maria; TONINI, Ivaine Maria. “Geografando” práticas juvenis que demarcam a metrópole: uma questão de currículo escolar? **Revista Geograficidade**, Escola de Arquitetura e Urbanismo/ UFF, v. 02, n. especial – Educação pelas imagens e suas Geografias, Niterói,RJ: UFF, Grupo de pesquisa Geografia Humana e Cultural – 2012, p.08-18, primavera 2012.. Disponível em: <<http://www.uff.br/posarq/geograficidade/revista/index.php/geograficidade/article/view/7/pdf>>. Acesso em: dez. 2013.

_____. Conectados por um fio: alguns apontamentos sobre internet, culturas juvenis contemporâneas e escola. In: DAYRELL, Juarez. **Juventudes e escolarização: os sentidos para o Ensino Médio**. TV Escola- Salto para o Futuro. Ano XIX, Boletim 18. Novembro 2009. Disponível em: <<http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/11100718-JuveEscoladoEM.pdf>>. Acesso em: jan. 2013.

GARRIDO P., Marcelo. El lugar donde brota água desde las piedras: una posibilidad para comprender la construcción subjetiva de los espacios. In: GARRIDO P., Marcelo (Org) **La espessura del lugar: reflexiones sobre el espacio en el mundo educativo**. Universidad Academia de Humanismo Cristiano. 2009

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução: Pedrinho A. Guareschi. 7ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. P. 64-89.

GUARESCHI, Pedrinho Arcides. Representações sociais, mídia e movimentos sociais. In: GUARESCHI, Pedrinho; HERNANDEZ, Aline; CÁRDENAS, Manuel. **Representações Sociais em Movimento: psicologia do ativismo político**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. P. 77-92.

_____. Representações sociais: avanços teóricos e metodológicos. **Temas em Psicologia**, Sociedade Brasileira de Psicologia, Ribeirão Preto, v.8, n.3, p. 249-256, 2000.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 4.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HERECHUK, Talita Rondam. **Identidades fragmentadas: a cidade de Alvorada/RS nas aulas de Geografia**. 2011. Dissertação (Mestrado em Geociências) - Instituto de Geociências, Curso de Pós-Graduação em Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

HOLZER, Werther. Mundo e Lugar: ensaio de Geografia Fenomenológica. In: MARANDOLA Jr, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de. **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2012. P. 282-304.

_____. O conceito de Lugar na Geografia Cultural-Humanista: uma contribuição para a Geografia contemporânea. **Revista Geographia**, ano V, n.10, p. 113-123, Rio de Janeiro: UFF, 2003.

KAERCHER, Nestor Andre. A Geografia Escolar não serve para quase nada, mas... **Revista Geográfica de América Central**, Número Especial: EGAL, 2011- Costa Rica, p. 01-13, II Semestre 2011. Disponível em: <<http://www.revistas.una.ac.cr/index.php/geografica/article/view/2815>>. Acesso em: out. 2012.

_____. Práticas geográficas para ler pensar o mundo, converentendersar com o outro e entenderscobrir a si mesmo. In: REGO, Nelson; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; KAERCHER, Nestor André. **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio**. Porto Alegre: Artmed, 2007. P.15-33.

_____. **Desafios e utopias no ensino de Geografia**. Santa Cruz: UNISC, 1999.

KOZEL, Salete. As representações no geográfico. In: MENDONÇA, Francisco. KOZEL, Salete (Org.). **Elementos de epistemologia da Geografia contemporânea**. Curitiba: UFPR, 2002. 270p. P.215-232.

LARROSA, Jorge. Literatura, experiência e formação. Entrevista concedida à Alfredo Veiga- Neto, em julho de 1995. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação**. 3ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007. P. 129-156.

LEÃO, Geraldo. Entre sonhos e projetos de jovens, a escola. In: DAYRELL, Juarez; MOREIRA, Maria Ignez Costa; STENGEL, Márcia (Org.). **Juventudes contemporâneas: um mosaico de possibilidades**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2011. P. 99- 116.

LISPECTOR, Clarisse. Em busca do outro. In: LISPECTOR, Clarisse. **A Descoberta do Mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. P. 119.

MAGALHÃES, Henrique. A mutação radical dos fanzines. In: CONGRESSO ANUAL EM CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO. 25., Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003. **Anais Eletrônicos...** Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/23855420395572684142017768791080460345.pdf>>. Acesso em: jan. 2014.

MARANHÃO, Renata Queiroz. **Fanzines na escola: convite à experimentação**. Fortaleza: Editora Universidade Estadual do Ceará, 2012.

MARTINEZ, Cesar Augusto Ferrari. **O currículo vai à rua ou a rua vem ao currículo?** 2012. Dissertação (Mestrado em Geociências) - Instituto de Geociências, Curso de Pós-Graduação em Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: por uma política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

MEINERZ, Carla Beatriz. **Adolescentes no pátio, outra maneira de viver a escola: um estudo sobre a sociabilidade a partir da inserção escolar na periferia urbana**. 2005. Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, FAGED, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

MORIN, Edgar. A noção de sujeito In: MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Tradução: Eloá Jacobina 19ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. p. 117-128

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 13ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes; EUGENIO, Fernanda. **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2006.

PAIS, José Machado. Máscaras, jovens e “escolas do diabo”. **Revista Brasileira de Educação**, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, v. 13, n. 37, p. 07-21, jan./abr. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n37/02.pdf>>. Acesso em: jan. 2013.

PERALVA, Angelina T. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação**, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, n. 5/6, p. 25-36, 1997. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/rbe/rbe/rbe.htm>>. Acesso em: dez. 2012.

POSCHMANN, Marcio. Juventude em busca de novos caminhos para o Brasil. In: NOVAES, Regina; VANUCCHI, Paulo (Org.). **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SAUER, Carl. A educação de um Geógrafo. *Geographia*. Rio de Janeiro: UFF. Tradução: Werther Holzer, v. 2, n. 4, P. 137-150, 2000.

SPOSITO, Marília Pontes. Estudos sobre juventude em Educação. **Revista Brasileira de Educação**, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, n. 5/6, p. 37-52, 1997. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/rbe/rbe/rbe.htm>>. Acesso em: dez. 2012.

_____. Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 13, p. 73-94, 2000. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782000000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: abr. 2014.

SOUSA NETO, Manoel Fernandes. **Aula de Geografia e algumas crônicas**. 2 ed. Campina Grande: Bagagem, 2008.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. 1ed. 20. reimpr. São Paulo: Atlas, 2011.

TUAN, Yi Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução: Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

1. O que queremos mostrar do lugar onde convivemos? Listar algumas ideias, palavras:

2. Quais serão os nomes das seções (partes) do nosso fanzine? O que elas mostrarão?

Nome da Seção	Descrição do que irá mostrar	Quantidade de páginas que irá ocupar	O que terá nestas seções? (listar aqui poemas, quadrinhos, imagens, fotos, figuras)	Integrante responsável pela seção

3. Teremos que pesquisar ou trazer algo para montagem do fanzine? O quê? (listar neste espaço)

--

Data	Oficina pedagógica: O meu Lugar
	• Montagem do fanzine nos grupos



Para montagem do fanzine é necessário uma personalização com recortes, colagens o que envolve a sua criatividade. Pense que será a primeira impressão que o seu leitor terá do trabalho, por isso:

a) No rascunho do projeto (folhas em branco) defina como serão impressos, desenhados e coladas as publicações com um desenho simples à lápis

Lembre-se de definir tamanhos para as imagens, textos, quadros e também para as margens e títulos.



Impressão e distribuição: Após a finalização do fanzine serão reproduzidas fotocópias para serem trocadas com os outros grupos da sua escola e de uma outra escola em Canoas. Também será digitalizado para a postagem no blog do projeto.

APÊNDICE B
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa de cunho acadêmico do **PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA** da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que tem como objetivo principal reconhecer as experiências que caracterizam Canoas como Lugar para os jovens que convivem na cidade. O tema escolhido se justifica pela importância do ensino de Geografia conhecer as experiências juvenis em relação ao Lugar para aprimorar seu desenvolvimento.

O trabalho está sendo realizado pela mestrandia Débora Schardosin Ferreira sob a supervisão e orientação do Prof. Dr. Nestor André Kaercher.

Para alcançar os objetivos do estudo será realizada uma entrevista/conversa individual, gravada em áudio, com duração aproximada de 30 minutos, na qual você irá responder a algumas perguntas pré-estabelecidas. Também, se for autorizado pelos seus responsáveis, serão produzidas imagens através de filmagens e fotografias. Os dados de identificação serão confidenciais e os nomes reservados. Sobre as imagens, serão preservados detalhes que possam identificar o sujeito.

Os dados obtidos serão utilizados somente para este estudo, sendo os mesmos armazenados pelo(a) pesquisador(a) sob a supervisão de seu orientador principal durante 5 (cinco) anos e após totalmente destruídos (conforme preconiza a Resolução 196/96).

EU _____, recebi as informações sobre os objetivos e a importância desta pesquisa de forma clara e concordo em participar do estudo.

Declaro que também fui informado:

- Da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento acerca dos assuntos relacionados a esta pesquisa.

- De que minha participação é voluntária e terei a liberdade de retirar o meu consentimento, a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo para a minha vida pessoal e nem para o atendimento prestado a mim.

- Da garantia que não serei identificado quando da divulgação dos resultados e que as informações serão utilizadas somente para fins científicos do presente projeto de pesquisa.

- Sobre o projeto de pesquisa e a forma como será conduzido e que em caso de dúvida ou novas perguntas poderei entrar em contato com a pesquisadora: *Débora Schardosin Ferreira*, telefone 9632-6402, email: *debora.sdf@gmail.com* e endereço: rua Jaguari, nº 160 Bairro *Mathias Velho* – Canoas.

- Também que, se houverem dúvidas quanto a questões éticas, poderei entrar em contato com SECRETARIA DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UFRGS instituição em que será desenvolvida a pesquisa, pelo telefone 3308-3738, endereço Av. Paulo Gama, 110 - 2º andar - Porto Alegre/RS - CEP: 90040-060 - Prédio da Reitoria - Campus Centro

Declaro que recebi cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, ficando outra via com a pesquisadora.

Porto Alegre, ____, de _____ de 2013

Assinatura do responsável pelo sujeito de pesquisa

Nome:

Assinaturado(a) pesquisador(a)

Débora Schardosin Ferreira

APÊNDICE C**TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS****ESCOLA 1****VICENTE**

Eu: Eu preciso saber o que tu costuma fazer pela cidade, pelo bairro quando não está na escola...

V: Ah, eu costumo andá com os amigo, né. Joga bola

Eu: Tu joga bola aqui no bairro mesmo?

V: No bairro mesmo

Eu: Tá.. E no mais, é isso que tu faz todos os dias? Todo dia da semana tu joga bola, tu sai para jogar?

V: Ah, umas 3 vezes por semana

Eu: No mais é casa e escola, nada mais?

V: é

Eu: E se tu pensar assim: locais que tu saiu para passear nestas últimas semanas em Canoas, foi só jogar bola..

V: Não...

Eu: alguma outra coisa...?

V: Assim, eu saí para passeá com os meus amigo lá no Capão (parque Getúlio Vargas em Canoas).

Eu: Ah, lá no Capão?

V: É sempre saio, né, todo final-de-semana

Eu: É sai para passear, no caso. E os locais, assim, que tu gostaria ou gosta de ir em Canoas?

V: de dúvida

Eu: Coisas que na cidade dá para ir, que tu gosta..

V: dá para ir no Eduardo Gomes e no Capão e no Parcão, né...!

Eu: No mais é só?

V: É no mais é só...

Eu: E um lugar que tu gostaria de ir, mas não vai... não tem nenhum

Eu: "Ah, porque eu não posso porque é longe, ou eu não posso porque..

V: não

Eu: não tem nenhum?

V: Não, nada que impeça.

Eu: Locais que tu frequenta aqui no bairro, só jogar futebol ou mais?

Eu: Nenhum mais além da escola, da tua casa?

V: Freqüento, andar né...porque sempre a gente anda final da tarde...

Eu: Caminha no bairro

V: é caminha no bairro

Eu: Se eu te pedisse assim, uma frase que definisse a tua rua..

Eu:com o que tu definiria, uma frase sobre a rua que tu mora..

V: Lixo, sujeira, né?!

Eu: Tem muito na rua? Jogado? Lixão..?

V: Tem muito lixo, as pessoa são relaxada, né?!

Eu: Sim. E quanto à tua escola, se tu definisse em uma frase a tua escola? O que vem na tua cabeça?

V:Ah, é boa!

Eu: É boa? É boa por quê?

V: Ah, porque dá para conviver,né?! Tem um ... um ar bom. Vamos supor assim...

Eu: Ah..., tu te sente bem aqui

V: Sim

Eu: e quanto ao teu bairro? Se tu pensar no bairro Mathias Velho...

V: Aaah!

Eu: em uma frase

V: O bairro ele tem esse ponto bom, mas o bairro é muito sujo né?! Por causa das pessoa.. um pouco também que o governo não faz nada.. deixa sujo..

Eu: meio atirado... E a cidade? Se tu for... Tu mora aqui desde que nasceu?

V: Sim

Eu: E aí a cidade inteira.. como tu definiria Canoas? Não sei se tu conheces outras cidades?

V: Não, não...conheço...

Eu: Conhece outras?..

V: Ah, Entre as outras cidades Canoas ainda não é tão ruim, né?! Entre as outras cidades...

Eu: Outras quais? Tu compararia com qual?

V: Própria Sapucaia, né?!

Eu: ah, para estas cidades aqui do Norte..

V: é

Eu: e em relação à Porto Alegre?

V: Ah... Canoas é mais limpo que Porto Alegre

Eu: Ah, então tu acha Canoas, de certa forma...

V: De certa forma, é sim

Eu: é bom?

V: não

Eu: de certa forma sim, de certa forma não, por quê? Qual o não...?

V: Por causa, que, as pessoa que mora nela são muito relaxada, entendeu? Que nem vandalismo, tem muito em Canoas. Em Porto Alegre não tem, muito. Então, de certa forma, Canoas é bom, de certa forma, não é.

Eu: Pelo lado bom é que aqui é mais...

V: Vamos supor... aqui é mais tranquilo

Eu. Tranquilo, ah tá.

Eu: O que tu acha que as pessoas, no convívio com outras pessoas, o que elas falam do lugar onde a gente mora?

V: Ah, elas acham um lugar bom, mas também acham muito sujo, né

Eu: Aqui, acham que é um lugar bom também...

V: isso

Eu: E do bairro assim

V: do bairro?

Eu: é

V: O bairro é meio desleixado

Eu: O que tu acha que as pessoas pensam do bairro?

V: Do bairro eles pensam que...que falta investimento. No caso... o bairro tem tudo para ser bom, mas falta investimento

Eu: E tu concorda com isso que elas acham?

V: ãh? ...Concordo

Eu: Tu convive com pessoas de outros bairros?

V: sim

Eu: tu acha que elas acham isso daqui

V: Eu acho

Eu: Tu percebe alguma divisão em Canoas?

V: Claro, claro

Eu: divisão.. E essa divisão é como?

V: Há uma divisão né, porque digamo, vamo fala assim: o lado de lá, vamos supor, o da Igara , prá lá é uma cidade bem diferente. Porque prá lá não vive tão, uma população tão pobre que nem aqui. Lá no caso a população é um pouco melhor vamos supor assim....de dinheiro. Então lá é mais limpo, eles não são porco que nem os aqui da Mathias. Os cara aqui na Mathias pegam um papel de chicle e tocam no chão. Lá não, eles pegam e jogam no lixo

Eu: aaahhh,

V: Há uma diferença entre prá lá e prá cá.

Eu: E quando tu vai lá no Capão... o que tu vê? Porque é do lado de lá, né?!

V: Sim. O Capão tu anda lá, a cidade por volta, lá perto do Jardim do Lago, lá perto do laguinho que tem lá... é limpo. Aí tu vai dá uma volta na Mathias... Então o Eduardo Gomes, o próprio Eduardo Gomes é sujo

Eu: Até o Eduardo Gomes é sujo...

V: é, pensando nisso..

Eu: E olha só, na questão do teu cotidiano.. tu acha que esta divisão te atrapalha?

V: Não. Não atrapalha em nada... Na convivência só, né?!

Eu: Só no tu ir para lá de vez em quando

V: isso

Eu: mas no mais, tu convive só aqui no bairro...

V: é isso só

Eu: Não faz nenhum curso fora, coisa assim?

V: não

PATRICIA

Eu: eu preciso saber o que tu costuma fazer pela cidade, pelo bairro...

P: Eu gosto de passeá.. Tem vezes que, tipo... eu gosto mais é de ir no mercado sabe?

Eu: Ah. Tu vai no mercado.. e qual mercado tu vai?

P: eu vou no Dia, vou no Alt e vou aqui no Coma bem.

Eu: sim, todos aqui no bairro, né?

P: é

Eu: Olha só, quando tu não tá na escola, fora casa, escola, tu andas nos mercados, assim...

P: é

Eu: Algo mais?

P: Comprar

Eu: Comprar no dia-a-dia assim, as coisas

P: É que eu não saio muito de casa, né?!

Eu: Não sai muito? Nem para casa de amiga? Nada?

P: Só nos dia de trabalho, assim.

Eu: quando tem que fazer trabalho da escola?

P: é

Eu: E local assim, para passear em Canoas ou no bairro que tu vai...

P: Gosto de ir no ... parque

Eu: É? E qual mais?

P: Na pracinha

Eu: Qual pracinha? Essa aqui

P: Não, tem uma outra. Só que eu não sei dizer muito bem onde é...o nome dela

Eu: Mas é lá para perto do Dia ou é essa aqui perto do...

P: Tem essa aqui perto do Dia e tem a que tem aqui também, só que eu não sei dizer, não sei

Eu: Perto do colégio Victor Hugo? Aquela ali

P: Acho que é

Eu: Que é grande?

P: É

Eu: Ah, aquela lá. Tá, e nas últimas semanas tu foi lá ou faz muito tempo que tu não vai nesses lugares?

P: Não.. é que agora eu não to indo mais. Tipo, que não tem ninguém para acompanhá...

Eu: Sim, sim. Daí no mais tu fica em casa, até final de semana?

P: Sim

Eu: e casa de parente? Nada?

P: Não, porque moram tudo no Guajuviras

Eu: Ah, daí tu não vai muito prá lá...

P: É, é, eu me mudei prá cá

Eu: Faz pouco tempo?

P: Faz bastante tempo, acho que faz 3 anos que eu to aqui

Eu: Ah, faz 3 anos que tu tá aqui. De certa forma tu tem uma visão de lá e uma visão de cá também...

P: Sim

Eu: E olha só, locais que tu gostaria de ir em Canoas ou gosta de ir em Canoas...ou que tu gostaria e não consegue ir..

P: Que eu queria ir... Capão do Corvo

Eu: Tu gostaria de ir no Capão do Corvo

P: é

Eu: e por que tu não vai, assim?

P: Porque não tem ninguém pra ir junto comigo

Eu: Pra ir junto

P: É, não tem graça sair sozinha

Eu: É ...? assim, final de semana tu iria se tivesse gente pra ir junto...

P: Sim. No zoológico a minha família vai

Eu: vai também. Sapucaia? De vez em quando vocês vão

P: é . De vez em quando..

Eu: bem “quando”?!

P: é,mas é só quando sobra dinheiro né, porque tem que pegar ônibus

Eu: E essa questão de ir até o Capão, também não tem nenhuma relação com o dinheiro..

P: Não até o Capão até que dá. Tipo gasta só duas passagens, uma só para ir e uma pra voltar

Eu: Tá, então não seria o dinheiro que tá te impedindo de ir até o Capão, é questão de companhia mesmo..

P: é

Eu: E locais que tu frequenta aqui no bairro as pracinhas só..

P: só as pracinhas

Eu: No mais nenhum grupo? Igreja? Nada?

P: Ou tem dia de festa assim. Mais prá cá prá esse lado aqui, mais prá longe, sabe?

Eu: festa onde?

P: Festa em casa de amigo...

Eu: Ah,.. sim, sim. Aniversário, essas coisas?

P: é

Eu: Se tu colocasse uma frase, uma definição para tua rua... o que tu falaria? Como é a tua rua?

P: A minha rua...?

Eu: é, o que vem na tua cabeça.. não precisa ser bonito nem feio...

P: Sei lá... mais ou menos

Eu: Mais ou menos? Mais ou menos por quê?

P: Ela é um pouquinho as duas coisas, ela é um pouquinho chata e... pouco barraqueira também. Bem barraqueira

Eu: a questão dos vizinhos então?

P: é

Eu: E a questão da aparência assim... por que que ela é pouco boa e um pouco ruim?

P: Por causa, que... é bem difícil de conviver ali. Convivendo só com barraco, só se for barraqueira

Eu: Por isso que tu fica em casa, mais?

P: é

Eu: Tá, e quanto à escola, como é que tu definiria tua escola?

P: Uma porcaria

Eu: Uma porcaria? Por que que ela é uma porcaria? Bom, agora fala.. foi o que veio à cabeça...

P: é assim... tem gente que se acha mais que os outros, sabe...? Não to falando de gente.. é todo mundo no colégio...

Eu: Sim...

P: Gosta de brigá também...

Eu: Então tu não te sente muito bem aqui?

P: Não é bem isso....

Eu: Tu acha que teria outra escola melhor?

P: Me sinto bem assim, quando to perto das minhas amiga. Tipo agora né?

Eu: E quanto ao bairro, assim..? Tu era de outro bairro, então esse bairro tu definiria como?

P: Eu não conheço ele, daí eu não tem como eu falá...

Eu: E estes três anos aqui....?

P: Eu não saio muito de casa...

Eu: Mas tu não falaria nada dele, assim?

P: Não, ele é tri.... Legal

Eu: Tu gosta?

P: Só, tipo, dentro destes três anos, aconteceu várias coisa ... tipo um acidente que deu ali perto da minha rua, o carinha passou de moto e deu um tiro assim, sabe? Pegô no muro assim, o carinha atirou, então, sabe? E acertou nele.

Eu: Isso lá no Guajuviras não tinha?

P: No Guajuviras? Toda hora...

Eu: Tem toda hora? E aqui tu acha que acontece menos ou não? Mais que lá?

P: Menos.

Eu: Menos aqui?

P: lá acontece mais

Eu: Mais essas coisas.. E quanto à Canoas, tu mora aqui desde que nasceu?

P: Sim

Eu: Quanto à Canoas se tu definisse ela numa frase... como tu acha que Canoas é? Tu conhece outras cidades?

P: Eu conheço outras cidades...mais..

Eu: E daí tu definiria como?

P: Canoas não é nem muito bom. Várias vezes eu fui prá Porto Alegre assim, sabe? E lá é bem calmo.

Eu: é? Aqui tu acha muito agitado?

P: é, é bem agitado

Eu: Agitado de que forma?

P: Ah... muito tiro, sabe? Tem muita violência...

Eu: E o que tu acha que as pessoas assim.. tu convive com pessoas de outros bairros?

P: sim

Eu: o que tu acha que elas acham aqui de onde tu mora?

P: Ah, tem coisas, tipo... gente que fala... quando eu fui para Porto Alegre vi gente falá bem assim: ah Canoas é muita violência, que não dá prá ir prá lá porque senão tu entra tu já sai morto. Falam bem assim

Eu: E tu concorda com isso? Tu acha que é assim mesmo?

P: Sabe que quando eu me mudei da Guajuviras, disseram que “ah, se tu entrá na Mathias tu vai saí morta” e eu vim morá e não aconteceu nada aqui

Eu: Risos

P: Falam assim, que o Guajuviras é território de paz, mas assim “que território de paz o quê, lá é toda hora tiro. O cara entra sai morto”

Eu: E tu acha que é isso?

P: Eu acho que não. Até porque eu morei lá também e... o Guajuviras é meio barraqueira também

Eu: mas não que as pessoa vão sair mortas...

P: Isso eu não posso dizer...

P: mas, tipo, tem um lado bom, entendeu?...

Eu: e que lado bom seria esse?

P: tem as festa, tem gente boa, tipo as minhas amiga assim, eu não conhecia elas e elas são muito legal. Não são barraqueira... sabe? Tem sempre o lado bom. Trabalho que eu vou fazer com elas, até foi legal, tu sabe?

Eu: E tu vê alguma divisão em Canoas?

P: Como assim?

Eu: alguma divisão.. tu acha que Canoas é dividida, que tem alguma diferença em Canoas?

P: Assim, tem gente que... assim, que disseram prá mim: “ah, prá ir prá Guajuvira só de Bonde” entendeu?

Eu: De bonde, bonde mesmo? Bonde de grupo?

P: é. E tipo, acho que não tem, diferença assim, nem divisão, é tudo igual

Eu: em Canoas é tudo igual, tu acha?

P: é. Porque se aqui é barraqueiro, lá também é. Se aqui arrumam confusão, lá também é. Entendeu?

Eu: Sim

P: Só um pouquinho que lá é tipo, ai

Eu: e Sobre os bairros de Canoas tu acha que tem diferença?

P: Não nos bairros não

Eu: todos bairros são o que tu acha?

P: Não, eu não cheguei a ir nos outros bairros, tipo, eu convivo mais é aqui, sabe? Eu não saio muito de casa.

LUCINDO

Eu: O que tu costuma fazer pela cidade, pelo bairro quando tu não está na escola?

L: Eu pego ônibus aqui na parada e vou para o meu serviço. Almoço lá no refeitório. Pego a uma e meia (13h30min) e lá faço todas as atividades, né, que precisa. Solto às 6 horas, 6h e meia venho para casa e depois vou para minha academia e o tempo que eu tenho pra estudá,

Eu: Daí tu volta do trabalho já tarde, 6h, 6 e pouca...

L: sim

Eu: E locais de lazer que tu frequenta

L: Lazer, mais é a academia. E no final-de-semana o shopping.

Eu: Canoas mesmo?

L: Sim

Eu: E, no caso na semana então a tua vida é escola, trabalho, academia e casa? E final-de-semana o shopping?

L: Sim

Eu: No máximo? Só?

L: Sim

Eu: E no shopping tu vai somente para passear ou...

L: Para almoçar, ir no cinema, entrar em algumas lojas e comprar algumas coisas

Eu: E com quem tu vai? Vai com o pessoal aqui da escola?

L: Sim, com o pessoal aqui da escola ou do meu curso

Eu: Curso de quê?

L: de informática

Eu: Ah, que tu faz também? E tu trabalha, faz academia, como consegue fazer o curso?

L: O curso faço no Sábado

Eu: Sábado pela manhã?

L: Sábado à tarde, porque pela manhã eu trabalho.

Eu: E quais locais que tu gostaria de ir em Canoas, mas não vai porque há algum motivo... Ou Canoas tu acha que é só o Shopping que temos para ir?

L: ah, Canoas o que eu queria ir mesmo é uma Biblioteca que tem lá na praça da Prefeitura de Canoas. Sempre quis entrar naquela biblioteca, só que eu não tive vontade de entrar porque eu acho que tem que pagar, não sei.

Eu: Bom, te aviso que não tem que pagar, não. Tu pode entrar, ler o que quiser. E tu não vai lá só porque acha que tem que pagar?

L: Não, e tem o tempo também...

Eu: Ah, ela abre somente nos dias de semana...

L: é... Sábado ela nem abre

Eu: E aqui na escola? Vocês pegam muitos livros, né?! Tu pegas livros também, né?

L: Sim, mas é mais para trabalho de português...

Eu: E lá no centro tu pegarias livros seriam para os trabalhos de português?

L: Lá eu iria para conhecer bem a biblioteca e pegar as histórias do Harry Potter que naquelas bibliotecas tem mais do que aqui.

Eu: E se tu pensares nos lugares que tu frequenta aqui no bairro?

Eu: Qualquer lugar... se tu pensar no teu dia-a-dia fora o tempo que tu está na tua casa e na escola...

L: Mais e ir no mercado para fazer algumas compras que a minha mãe me pede. A minha academia que é aqui no bairro também. A minha vó, que eu vou de noite.

Eu: Só?

L: Só. Porque eu não saio muito de dentro de casa. Eu sou mais de dentro de casa.

Eu: Se eu te pedisse para criar uma frase para a tua rua, tu definiria a tua rua como?

L: Acho que é rua de “maloqueiro”

Eu: Rua de maloqueiro?

L: Porque tem muita piizada lá. Que tá sendo assaltado, sabe?

Eu: sim, sim...

L: Eu não gosto muito da minha rua. Eu nem gosto de sair porque é uma é um tipo de preconceito, sabe?

Eu: Sim, sim...

L: A gente tem medo de sair na rua porque talvez “mexam” com a gente ou até ser assaltado

Eu: E quanto a tua escola, como é que tu definiria?

L: Esta escola aqui é boa. Ela tem educação. Eu vim de uma outra escola, o São Francisco, em que lá ninguém se respeita. Aqui tem mais respeito, aqui educa mais. Tem os professor também que exige bastante, que puxa os alunos. Lá não, já era um pouco mais solto. A direção deixa tudo acontecer.

Eu: E quanto ao bairro?

L: O bairro só não tem segurança e tem muita enxente também, né? (Risos)

Eu: E não tem segurança por quê? O que tu acha?

L: Mais é de noite, né? Que não tem segurança. Eu chego bem tarde em casa, daí a gente fica sozinho na rua, não passa nenhuma viatura também, né? Daí, eu nunca fui assaltado, graças a Deus, mas eu tenho medo de ser assaltado na rua, porque eu ando com o celular que eu tô pagando, o notebook também ainda tô pagando, e olha que horror, ser roubado...

Eu: É, é terrível. E o que tu acha que as pessoas pensam do local que tu mora?

L: Bairro de pobre.

Eu: Bairro de pobre?

L: Porque a Mathias é..., tem uma classe muito baixa, né? O jeito das pessoas aqui também. Mais pessoa de vila, que briga no meio da rua. Ficam "fofoqueando" com as gurias.

Eu: Bom, e tu concorda com isso que as pessoas falam?

L: Concordo. É isso aí mesmo, mas elas aumentam bastante.

Eu: E se tu definisse Canoas?

Eu: Se uma pessoa te perguntasse como é que é a tua cidade, como é que tu diria?

L: Ah, não tem uma estrutura muito boa, né, para a circulação.

Eu: Para a circulação?

L: Que nem Porto Alegre, tem mais ruas, né? E também o transporte público, é bem..., é um atrás do outro lá. Não como aqui, que é de 30 em 30 minutos um ônibus e tem que ficar esperando na parada. Não sei. A nossa entrada da Mathias lá, também, é muito simples. Simples mesmo. Qualquer entrada lá em Porto Alegre é bem mais bonita e limpa. Do meu ponto de vista, né?

Eu: Sim, sim. Tu percebe então, alguma divisão em Canoas?

Eu: Quanto à BR, quanto ao trem....

L: Sim, existe

Eu: E essa divisão é como? Divide no quê?

L: Ela divide a Mathias, o Centro. Só que o Centro, no Centro as coisas..., você pode ver que do Centro prá lá, do trem prá lá... lá as ruas são - eu acho, eu vejo, né? - que são bem limpas, os cordões são pintados, a passarela ali é bem limpa, né? O trem também, o muro do trem do lado de lá é branco e do lado de cá não é pintado.

Eu: Nossa, eu não tinha notado isso...

L: É, e aqui também, tem aquele parquinho ali que é bem simples, né? Aquele monte de lixo ali naqueles lotes bem simples. Aqueles camelôs, bem..., um em cima do outro.

Eu: E tu acha que isso influencia no teu cotidiano? Essa divisão de Canoas?

Eu: É, porque tu falou que em Canoas é difícil circular. Tu acha que a cidade sendo dividida pelo trem e BR, isso dificulta?

L: Não porque tem o viaduto da Mathias ali, né?

Eu: Tu acha que o viaduto facilita aqui para nós, no caso?

L: É, liga nós à BR.

Eu: E quanto aos bairros tu não vê diferença?

L: Bom, se tu for colocar o Guajuviras, né? Lá a entrada do Guajuviras tá bem melhor do que antes, né? Mas aqui a gente pode dizer que a segurança é bem melhor do que lá. Mas também, os postos de saúde são lotados. Graças a Deus a gente agora não usa, mas antes a gente não tinha convênio e era horrível

VICTOR

Eu: O que tu costuma fazer na cidade, no bairro quando tu não está na escola?

V: Eu fico em casa ou costumo fazer leitura de livros que eu retiro na escola

Eu: E tu lê em casa?

V: Sim, leio em casa.

Eu: No mais, tu não circula por mais nenhum lugar? É só casa e escola?

V: Casa e escola ou vou em alguns parentes

Eu: Parentes que são do bairro também

V: Que são do outro bairro. O bairro vizinho.

Eu: Em qual?

V: O Vila Cerne

Eu: No mais aqui no bairro tu não circula nem por padaria, mercado, igreja, nada?

V: Mercado de vez em quando

Eu: Se tu pensar em locais que tu saiu para passear na última semana, quais foram?

V: No bairro assim eu não passeei. Só na casa de parentes. Fazer passeio mesmo só para ver a natureza, eu gosto

Eu: E onde tu vai?

V: Geralmente quando a gente vai para Taquari, eu gosto muito de ir para o Capão. É um campo, um lugar só de área verde.

Eu: Aqui em Canoas tu não vai em nenhum lugar?

V: É que aqui, não.

Eu: Um local que tu gostaria de ir ou gosta de ir aqui em Canoas..., já que tu está há pouco tempo aqui...

V: O que eu mais gosto de ir aqui em Canoas, é nos teatros.

Eu: Onde?

V: É o teatro que tem. Tem o teatro da Casa Mimosa, o teatro da ULBRA, o teatro do La Salle

Eu: E como é que tu faz para ir lá? Como tu fica sabendo?

V: Geralmente é quando..., eu só fui uma vez na ULBRA e uma no La Salle, então que fui quando, uma apresentação, a gente foi convidado.

Eu: E por quê tu não vai mais? Por exemplo, na Vila Mimosa, que tem quase toda semana....

V: Não é que eu não tenho condições de ir. Não tenho... "money", dinheiro..

Eu: Para passagem?

V: Não, para passagem eu até consigo, mas e a entrada, ah, como , financeira

Eu: E tu não sabia que a Vila Mimosa é de graça....?

V: Não, isso eu não sabia.

Eu: Bom, e quais locais que tu frequenta no bairro? Mesmo tu falando que só vai da casa para escola, por que tu acha que não vai para outros lugares?

V: Porque eu não fiz vínculos de amizade aqui com o pessoal da escola, daí eles saem assim, mas eu não vou junto com eles.

Eu: E tu acha que teria lugar para ir aqui pelo bairro?

V: No bairro teria só alguns lugares. Uma praça aqui, para se encontrar e conversar.

Eu: Ah, é só o lugar que eles vão, assim...

V: É. E lugares se fosse seria o shopping, mas acho que eles não vão, mais

Eu: Se tu definisse o que vem na tua cabeça quando tu pensa na tua rua, o que tu diria?

V: Um lugar, na verdade, que é meio inseguro.

Eu: É? E por que tu acha que é inseguro?

V: Por causa que na rua tem, só na parte em que eu moro, é que a Tapes (*nome da rua*) é dividida em três partes: a parte que eu moro é entre a Campinas (*nome de rua*) e a Florianópolis (*nome de rua*), só ali tem três "boca de fumo" e é muito tráfico, geralmente é muito tiro que dá. Já morreu gente com bala perdida. Meu tio emprestado levou um tiro no joelho.

Eu: Tudo ali?

V: Sim, geralmente é uma parte que não é muito valorizada. A polícia às vezes não, se vão eles passam ali, param, ficam um tempo e voltam. Mas dá para ver que eles não tão de farda e sim tão usando o carro da brigada.

Eu: Nossa. E a tua escola, quando tu define para os outros, como é que tu definiria?

V: São pessoas que na verdade são várias. Não é uma comunidade de vínculo. São vários grupos. Em cada canto tem um grupo.

Eu: Sim...

V: São aqueles grupinhos que não, geralmente, às vezes, dá confronto entre os grupos. Em vez de todo mundo ser um grupo só, conversarem várias coisas, eles são tudo dividido.

Eu: Lá em Taquari tu não...

V: Lá em Taquari era todo mundo junto.

Eu: Faz quanto tempo que tu mora em Canoas mesmo?

V: 3 meses

Eu: E quanto ao bairro, como é que tu definiria agora que tu conhece há pouco tempo, mas...

V: Às vezes é muito movimentado, tem algumas tranqueiras, e em muitos lugares, geralmente o pessoal joga muito lixo, né? Eles jogam muito lixo e a Prefeitura leva muito tempo para juntar e acumula caco.

Eu: E o que tu acha que as pessoas pensam desse local aqui onde tu mora?

Eu: O que as pessoas te dizem, o que tu acha que elas falam?

V: Canoas é uma cidade boa que só não..., às vezes ,muita gente não tá nem aí.

Eu: Sim. E o que elas acham.. e tu nunca ouviu ninguém falar do bairro onde tu mora?

V: Eles falam que o bairro Mathias há um tempo atrás já foi mais valorizado pela comunidade

Eu: Ah. Valorizado em qual sentido?

V: Mais na parte de segurança, na parte de cultura. E agora, segundo eles, e eu até concordo, na parte de segurança tá bem crítica.

Eu: E qual parte que tu não concorda? Tu concorda com isso que dizem?

V: Na parte de cultura, às vezes, eu até não concordo por causa que muitas vezes as escolas oferecem, tem palestra alguma coisa. E, às vezes, tem, eles fazem aqui na praça alguma apresentação de HipHop. No Escola Aberta, aqui também no final-de-semana eles fazem. Tem o shopping também que fica localizado no Mathias.

Eu: Sim... e quanto a Canoas então é isso que as pessoas dizem: que Canoas é uma cidade que tá pior, mas que poderia ser um pouquinho melhor...

V: é.

Eu: E quanto a ti, se as pessoas te perguntassem? Por exemplo, tu vai lá para Taquari, daí as pessoas te perguntam como é que é Canoas? Daí tu define como?

V: Que é uma cidade grande, bem movimentada. Que geralmente, muitas vezes, quando acontece alguma coisa na rua as pessoas se importam, às vezes, umas com as outras. Principalmente com as pessoas idosas. Mas se é uma coisa, às vezes, com alguma briga, as pessoas não se intrometem e sim ficam passando, ficam assistindo ou “metendo pilha”

Eu: É... e tu percebe alguma divisão em Canoas assim? Não sei se tu já circulou pela cidade inteira?

V: Já, só uma vez.

Eu: E tu viu alguma diferença na cidade?

V: Em classes sociais.

Eu: É? Como é que tu vê essa divisão? Se tu dividisse para onde é que fica tal classe social...?

V: A classe social do bairro Mathias é classe média baixa e média. Já para parte do bairro Fátima, já é classe média alta. O bairro Igara é classe média. Guajuviras, classe média baixa

Eu: Sim. Tu acha que isso tem alguma relação com a BR e com o trem?

V: Eu acho que sim. Porque tem um lado, uma parte, que fica, assim, com mais poder, do outro lado fica o pessoal que tem menos poder aquisitivo.

Eu: E isso tu acha que influencia no teu cotidiano?

Eu: Por exemplo, tu acha que lá as pessoas vivem do mesmo modo que aqui?

V: As pessoas que moram do outro lado da BR tem mais facilidades, acesso a cultura, transporte, esporte e lazer.

Eu: Sim...

V: Acesso bem mais facilitado. Já aqui quem mora do outro lado tem mais dificuldade de acesso a estas coisas.

SANDRO

Eu: O que tu costuma fazer quando não está aqui na escola nem na tua casa? Tu circula por onde no dia-a-dia?

S: No dia-a-dia? Eu não costumo sair muito.

Eu: Não sai muito? É só escola, casa...?

S: De vez em quando eu dou umas volta aí pelo shopping, porque é o principal ponto aqui nas redondezas. Ou então eu vou para minha igreja.

Eu: Tua igreja é aqui no bairro mesmo?

S: Não, em Porto Alegre.

Eu: Ah, e tu vai até lá quantas vezes por semana?

S: Eu costumo ir na quinta e no Domingo

Eu: Se tu pensar em locais que tu foi para passear nos últimos tempos, por onde é que tu foi aqui em Canoas?

S: No Parcão

Eu: Eduardo Gomes?

S: Não, o Getúlio Vargas.

Eu: Capão, né?

S: Sim, Capão.

Eu: Só?

S: O Parque Universitário também

Eu: Da Ulbra? Vocês passeiam lá?

S: Eu fui com o meu irmão dar uma “bandinha”

Eu: E o shopping que tu falou?

S: Shopping também eu vou..., mas é bem de vez em quando. Eu costumo ir mais é com a família, mesmo.

Eu: Lugares que tu gosta de ir em Canoas: tu acha que tem lugares que tu gosta de ir ou tu vai por

S: Que eu gosto de ir?

Eu: É. Algum lugar aqui na cidade que tu gosta de ir...

S: Mais... mais esses parques mesmo. É... acho, acho legal sentar e, tipo, tomar um chimarrão e conversar

Eu: Ah, sim, sim. E um lugar que tu gostaria de ir mas tu não vai?

Eu: Por exemplo, um lugar que eu gostaria de ir nesta cidade, mas eu não vou porque tem algo que me impede...

S: Aqui em Canoas? Não, não sei....

Eu: Nada?

S: Sim.

Eu: E locais que tu frequenta aqui no bairro é só casa e escola? Em nenhum outro lugar?

S: Casa, escola e o campinho para jogar futebol.

Eu: Campinho aqui?

S: Aqui atrás

Eu: Ah, esse atrás da escola. E tu costuma ir de vez em quando ou quase sempre?

S: De vez em quando.

Eu: Se tu me descrevesse a tua rua, como é que tu me descreveria ela? A rua em que tu mora...

S: Eu moro na Rio Grande do Sul, né? Então é a principal via aqui da Mathias, corta de ponta a ponta.

Eu: E tu acha que é a principal via. E se tu me dissesse uma característica para uma pessoa que não conhece a tua rua? Alguém que não mora aqui em Canoas...

S: Para quem não conhece é meio complicado, por causa dos “balão”

Eu: Ah é uma rua com rótulas

S: É e isso confunde bastante

Eu: E se tu me dissesse da tua escola

S: Olha pra mim é uma das melhores daqui da volta, pública. Porque, tipo assim, o ensino é bom. Eu costumo ouvir bastante que nos outros colégio

faltam professor e tal. Eu gosto de estudar aqui, até porque é na frente da minha casa.

Eu: Ah, bom. E quanto a Canoas assim, se tu me dissesse ou tivesse que dizer para as pessoas como é que é Canoas

S: Canoas é...bom, tipo assim, para moradia e trabalho. Se quiser relaxar tem que “dar umas banda” aí para fora. Porque é bastante movimentada

Eu: Tu acha que falta lugar de passeio, de lazer?

S: Às vezes , falta. Porque, tipo, tem horas que cansa de ir nos mesmos lugares, né?

Eu: Sim, sim. E se tu tivesse que definir o teu bairro para as outras pessoas?

S: É grandão!

Eu: Grande?

S: Bah, tá louco?! O cara que não conhece se perde aqui.

Eu: Mais do que isso...

Eu: Tu diria que o Mathias Velho é grande...?

S: Um bairro grande... sei lá...

Eu: O que tu acha que as pessoas pensam do bairro? O que tu acha que as pessoas dizem por aí?

S: Dizem por aí que não presta. Que é só “maloqueragem”, mas é mentira porque tem bastante morador idoso e tal, pessoas de bem, né?

Eu: Sim, sim.

S: Tão aqui pra viver a vida só, tranquilo.

Eu: E tu vê alguma divisão aqui em Canoas? Não sei se tu costuma circular por outros bairros?

S: Mais ou menos

Eu: Tu vê alguma divisão, alguma diferença em Canoas assim?

S: Eu vejo diferença que existem, tipo, bairros mais ... favorecidos, digamos assim. Que nem tem a São Luís que é um bairro mais nobre, né?

Eu: Sim, sim...

S: E daí tem o Guajuviras que tem Vilas e tal.

Eu: Tu acha que isso tem alguma relação com a BR com o trem ou não?

S: Acho que tem relação com os ponto. Tipo assim, como eu disse, na São Luís tem a Ulbra, né? Valoriza e tal

Eu: Ah, sim. Na verdade é o bairro São José aquele da Ulbra.

S: É. Bah! Confundi.

Eu: Ah, e me explica por que tu fez esta capinha no FANZINE do grupo de vocês, deste jeito? Tu quer declarar algo sobre?

S: Justamente porque só falam que tem coisa ruim aqui na Mathias. Daí eu fiz uma sátira, por isso.

Eu: Não é uma coisa bem legal, chamou a atenção, parabéns!

DAIANA

Eu: Exceto frequentar casa e escola, além disso tu circula por outros lugares no bairro?

D: Olha, eu vou muito no shopping com meus pais, assim, mas é raro, assim, é só no final-de-semana. Eu fico muito em casa por causa do meu irmão.

Eu: E nenhum outro lugar igreja, praça...?

D: Não, eu vou muito no shopping, só.

Eu: Bom, e se tu pensar lugares que em Canoas tu frequentou nas últimas semanas para passear...foi só o shopping?

D: Olha, foi o shopping e, deixa eu ver..., foi o Capão do Corvo que ia essa semana, mas é raro, assim, que eu vou. É muita violência que tem aqui. Fico mais em casa

Eu: sim..., e algum lugar que tu gostaria de ir em Canoas, mas tu não vai?

Eu: O Capão seria esse lugar, por exemplo?

D: Isso, mas tem aquele, como é que é? ... Tem um parque ali perto, que eu não me lembro onde é que é...

Eu: O Eduardo Gomes?

D: Isso! Esse aí. Eu queria muito ir naquele lá, mas é que tem muito assalto lá. E a minha prima foi assaltada lá.

Eu: E locais que tu frequenta no bairro há algum?

D: Só a minha casa e a escola

Eu: Eu não conheço a tua rua, então se tu me dissesse como é que é a tua rua tu me diria que ela é como?

D: É legal. É bem divertida.

Eu: Divertida?

D: Os guris jogam futebol, assim. Todo mundo se comunica, assim.

Eu: Todo mundo se conhece?

D: Sim.

Eu: E a tua escola? Se tu me dissesse como ela é...

D: Legal. É muito melhor do que a outra que eu frequentava...

Eu: Qual era a outra?

D: Era o David. (Escola Municipal). Era muito mais rígida

Eu: Ah. E tu veio para cá faz quanto tempo?

D: Eu peguei a sexta série aqui, mas então já vai fazer três anos

Eu: E quanto a Canoas, se tu dissesse ou tivesse que descrever para uma pessoa como é que é Canoas...

D: É seguro, Canoas

Eu: É seguro?

D: Em alguns pontos, assim. Não tenho o que reclamar de Canoas. Existem lugares pior.

Eu: É? Quais lugares?

D: Deixa eu ver..., não tem como te explicar assim, porque eu não saio muito assim. Sim mas, às vezes, a gente sente segurança aqui. É mais seguro.

Eu: É seguro em que sentido? Como é que tu acha que é seguro aqui, por que tu consegue fazer o quê, por exemplo?

D: Eu consigo caminhar, tipo, ir em alguns lugares. Claro, não frequento muito, mas aqui tem respeito, as pessoas se respeitam.

Eu: Sim... E quanto ao bairro? Se tu fosse descrever o Mathias Velho para uma pessoa...

D: Tem gente muito fofqueira e mal-educada.

Eu: Por quê?

D: Jogam as coisas tudo no lixo, adoram. E são meio briguento, né? Jogam lixo na rua essas coisa... tem uns que abandonam até cachorro..

Eu: Ah, sim, sobre o abandono de cachorros. Isso apareceu muito no fanzine das turmas. E o que tu acha que as pessoas acham, por exemplo, quando falam que o Mathias Velho é ...

D: Que só tem violência, assim. Não enxergam além. Num lugar de violência sempre tem um lugar calmo. Não existe só violência.

Eu: Então tu não concorda com o que eles dizem?

D: Não concordo. Existe violência, mas é só a pessoa fazer o lugar.

Eu: Isso é... Certo... E tu vê alguma divisão em Canoas?

D: Não, não vejo muita divisão assim,

Eu: Tu circula por outros bairros?

D: sim

Eu: E tu nota diferenças?

D: Ah, as pessoas, às vezes, notam que uns são mais modernos, assim. Mas eu dentro de casa, assim, não saio muito para rua, acho que são tudo igual

ESCOLA 2

LEANDRO

Eu: O que tu costuma fazer quando não está na escola ou em casa?

L: Eu ajudo meu pai.

Eu: Ajuda teu pai no trabalho?

L: É. Ele tem uma oficina, daí eu ajudo ele.

Eu: E essa oficina é longe de casa?

L: Não, não.. é pertinho.

Eu: Quais locais que tu foi para passear em Canoas nas últimas semanas...?

L: Ah, de vez em quando eu vou viajar para o interior..

Eu: Viajar? Para onde?

L: Para Caçapava, meu pai tem parentes lá.

Eu: E em Canoas tu não costuma passear?

L: Não

Eu: Por quê?

L: Porque eu saio só para escola ou quando ajudo meu pai

Eu: Mas tem algum lugar que tu gosta ou gostaria de ir em Canoas?

L: Ah, de vez em quando a gente ia ali no Capão, mas faz um tempão.

Eu: E tem lugares que tu frequenta no teu bairro?

L: Fora a minha casa e a oficina do meu pai, não.

Eu: Nem mercadinho?

L: Ah, de vez em quando, assim. Mas é bem difícil.

Eu: Bom, e se tu me dissesse uma frase que caracteriza a tua rua?

L: É muito cheia de lixo

Eu: É?

L: É, fica lá perto do fundo lá da Niterói. Mas ela é bem calma, assim. Até tem umas ruas onde passam muitos carros lá em Niterói, mas a minha é bem calma.

Eu: E quanto a tua escola? O que tu me diria?

L: Ah, é boa também. Assim, o Rondon é bem forte, os professores exigem bastante.

Eu: Ah, é mesmo. E se eu te pedisse para definir Canoas?

L: Canoas eu não sei muito, porque eu fico mais no meu bairro mesmo.

Eu: Mas tu não teria nada para falar sobre Canoas?

L: Ah, assim, é movimentada. Tem a BR.

Eu: Bom, e como tu pode definir o teu bairro?

L: É um bairro bom, fora aquelas partes lá, é bem calmo.

Eu: O que tu acha que as pessoas acham do local onde tu mora?

L: Bom

Eu: E tu concorda que ele é bom?

L: Eu concordo, tirando que ele tem aquelas parte que ficam lá

Eu: Tu acha que essas pessoas não conhecem essa parte?

L: Não, porque é lá no fundo. Não vai muita gente prá lá. É bem no fundo de Niterói. Perto da Base

Eu: E tu percebe alguma divisão em Canoas? Tu acha que a cidade é dividida de alguma forma?

L: Eu acho que não..

Eu: Não?

L: Não.

Eu: É tudo igual assim? Tu costuma andar pela cidade, por outros bairros?

L: Às vezes eu vou para o lado de Canoas que não tem muita obra, assim, sabe? Perto da Ulbra assim, não tem é bem aberto...

Eu: Tu conhece quais bairros aqui de Canoas? Quais que tu já foi?

L: Rio Branco, Niterói que eu moro. Fátima... acho que esses aí eu costumo andar, é só nesses.

CAIO

Eu: O que tu costuma fazer, assim, quando tu não está na tua casa e nem na escola? Tu vai só da casa para escola ou tu circula por outros lugares, assim?

Caio: Quando eu peço para minha mãe, assim, ela deixa eu circular, mais quando sempre é da escola para casa.

Eu: E quando tu circula tu vai onde?

Caio: Quando eu saio? Eu pego, eu costumo... costumo ir no Capão, ficar no laboratório aqui no colégio...

Eu: Com o pessoal aqui do colégio?

Caio: É com o pessoal aqui..

Eu: E se tu pensar assim, nas últimas semanas, por onde é que tu circula para lazer em Canoas?

Caio: Lazer em Canoas? Eu não costumo sair muito assim, eu fico só em casa mesmo

Eu: Fica só em casa? No máximo o que tu sai é de casa para escola?

Caio: É só.

Eu: E qual lugar que tu gosta de ir em Canoas?

Caio: Tem, o shopping

Eu: E algum que tu gostaria de ir, mas não vai?

Caio: Que eu gostaria de ir aqui em Canoas?... sei lá.... São Leopoldo. Nunca fui em São Leopoldo.

Eu: Ah. E... o teu bairro, qual bairro que tu mora?

Caio: Bairro? Nossa Senhora das Graças

Eu: E tu frequenta por lá algum lugar?

Caio: Ah, sim. A pista de skate.

Eu: Ah, tem uma pista de skate lá.

Caio: Sim.

Eu: E no mais é casa, escola e pista de skate ou tem algo mais?

Caio: E eu tenho curso de inglês nos outros dias.

Eu: E esse teu curso é também no Nossa Senhoras das Graças ou é aqui no Centro?

Caio: Não, é aqui no Centro. Esse curso é perto do shopping.

Eu: Ah. E uma frase que definiria a tua rua, tu poderia me dizer?

Caio: Sinceramente?

Eu: Sinceramente

Caio: Não é bonita nem feia

Eu: O que é feio lá?

Caio: Tem muito lixo.

Eu: E o bonito?

Caio: O bonito é que tem bastante apartamento próximo.

Eu: É? E a tua escola? Se tu me definisse

Caio: Eu ia achar ela...é uma escola boa. Eu tô desde o pré aqui. Eu gosto dela.

Eu: E Canoas, se tu me definisse a cidade

Caio: Ah, se fosse para uma pessoa que eu nunca conheci eu iria dizer que ela é bonita, mas se fosse que já é daqui...

Eu: Bom, eu sou daqui, pode me dizer...

Caio: acho que Canoas é... tá crítica a coisa.

Eu: É? Por quê?

Caio: Muito lixo no chão. Muita desordem. Muitas coisas ruins

Eu: Desordem do lixo?

Caio: De lixo é...

Eu: Mal cuidada tu acha?

Caio: é...

Eu: E o teu bairro? Como é que tu me diria que é o teu bairro?

Caio: É, meu bairro é bom. Meu bairro é muito...é muito lindo. Tem lixo só na minha rua e numas outras ruas que tem muito lixo.

Eu: Mas no mais tu gosta do teu bairro?

Caio: Eu gosto do meu bairro. É bem quieto.

Eu: E o que tu acha que as pessoas acham do teu bairro?

Caio: *Silêncio de dúvida*

Eu: Quando elas falam do teu bairro, falam o Nossa Senhora das Graças é...

Caio: Acho que elas falam que o Nossa Senhora das Graças é uma coisa boa, é um lugar tranquilo de se morar, que não tem muito assalto, não tem essas coisas por aí

Eu: E tu concorda com isso?

Caio: Concordo.

Eu: E tu vê alguma divisão em Canoas?

Caio: Como assim?

Eu: Tu acha que Canoas é dividida , vê alguma coisa diferente se tu andar por Canoas... não sei se tu anda por outros bairros?

Caio: Sim, eu vou.

Eu: Então, tu acha que Canoas tem diferenças?

Caio: Não.

Eu: Tu acha que tudo é igual?

Caio: É tudo igual

Eu: Tu já andou por quais bairros de Canoas?

Caio: Já andei no Nossa Senhora das Graças, no bairro Marechal Rondon que é aqui. Já andei no bairro Espírito Santo (*referência no bairro Nossa Senhora das Graças*). Já andei no bairro ali do Cristo Redentor (*referência no bairro Marechal Rondon*)

Eu: E para o lado de lá do trem tu não costuma ir?

Caio: Não, só vou por causa do meu curso que é perto do shopping.

LAURA

Eu: Quando tu não está aqui na escola, nem em casa, tu circula por outros lugares em Canoas?

Laura: Em Canoas? Sim, eu circulo. Eu vou aqui no Centro de Canoas, eu vou na minha igreja.

Eu: Que é no centro também?

Laura: Não, ela é perto da Estação Mathias.

Eu: Ah, sim.

Laura: Eu também vou no sítio dos meus avós, eu vou..... é que eu viajo muito pouco assim, daí eu fico mais é aqui na cidade mesmo.

Eu: Mas então se tu pensar nos locais de lazer que tu frequentou nas últimas semanas, tu me diria quais?

Laura: Ah, o Centro para comprar coisas e na biblioteca pública que é ali, assim. O sítio dos meus avós em Montenegro. A minha igreja.

Eu: E quais locais que tu gosta de ir ou gostaria de ir em Canoas?

Laura: Gostaria? Ah, acho que gosto de ir no Centro. E gostaria... acho que não tem lugar nenhum, não.

Eu: E se tu me dissesse locais que tu frequenta onde tu mora.. tu frequenta algum local no teu bairro?

Laura: No meu bairro? Às vezes, eu dou caminhadas pelo bairro, vou na casa da minha vizinha..., das minhas amigas e vou na praça.

Eu: Em qual bairro que tu mora?

Laura: Eu moro no Bela Vista (*loteamento no bairro Marechal Rondon*)

Eu: É aqui atrás do Capão?

Laura: É perto do Moinhos.

Eu: Ah, mas é no bairro Marechal Rondon eu acho, né? É loteamento Bela Vista.

Laura: é...

Eu: Bom, em uma frase que tu definiria a tua rua, tu diria como?

Laura: Calma. A minha rua é bem calma. Quase não passa carro e pessoas.

Eu: E a tua escola, como tu definiria

Laura: Ah, o Rondon é bom, mas tá muito desorganizado. Muda toda hora o horário. Ele poderia ser melhor, mas tá muito desorganizado.

Eu: E para definir o teu bairro como tu diria?

Laura: Ah, o meu bairro é bem tranquilo.

Eu: E o que tu acha que as pessoas acham do teu bairro?

Laura: O que elas acham?... de classe média alta.

Eu: E tu concorda com isso?

Laura: Sim, se for comparar com o Jardim do Lago, sim.

Eu: E Canoas como é que tu poderia definir?

Laura: Acho que é uma cidade movimentada. Fica muito próximo de Porto Alegre.

Eu: Tu percebe alguma divisão em Canoas?

Laura: Divisão?

Eu: É, alguma diferenças entre os bairros?

Laura: Não sei dizer..., é que eu conheço pouco a cidade, só vou da minha casa para escola e na igreja que é próximo da Estação Mathias. Mas tem um pouco de diferença, sim, ali naquela parte perto do shopping, tem muito prédio e aqui não tem muito

Eu: Ah, é bem verticalizado ali, né?

Laura: É, bem verticalizado. Tem muita lomba ali.

Eu: O que tu costuma fazer por Canoas quando não está aqui na escola e nem em casa?

C: Ah, eu vou na academia, na casa das minhas amigas

Eu: Isso é no teu bairro mesmo?

C: Não a academia é aqui no Centro e as minhas amiga moram ali no Moinhos

Eu: Bom, e se tu pensar nos lugares que tu frequentou na última semana para passear aqui por Canoas..

C: Aqui em Canoas? ... eu fui na pracinha, ali na casa das minhas amigas ali perto do Hospital (*bairro Nossa Senhora das Graças*)

Eu: E tem algum lugar que tu gosta ou gostaria de ir?

C: Ah, gostar de ir? Eu odeio... meu bairro não tem nada!

Eu: E qual é o teu bairro?

C: É ali perto da ULBRA, só tem casa, mais nada

Eu: Ah, o São José..

C: É..

Eu: E tem lugares que tu frequenta no teu bairro?

C: Não...não tem nada lá. Só a minha casa mesmo.

Eu: Ah... então como é que tu poderia definir a tua rua em uma frase, assim, bem simples

C: Ah... a minha rua tem casas é, assim... sem movimentação. Parece condomínio..

Eu: E a tua escola? Como é que tu poderia definir?

C: Aqui a escola? Eu gosto, tem as minhas amigas..., mas tem muita pessoa arrogante também

Eu: Arrogante?

C: é, assim..., que quer parecer mais do que tem..

Eu: Ah, e Canoas? Como é que tu definiria Canoas em uma frase?

C: Ah, eu gosto. Gosto daqui de Porto Alegre

Eu: Bom, e o teu bairro tu já me falou que odeia..

C: é.., é que antes eu morava aqui no Centro, faz uns 5, 6 anos que eu me mudei prá lá..

Eu: E o que tu acha que as pessoas pensam do teu bairro , de como ele é...?

C: As pessoas acham um bairro bom, mas é longe de tudo

Eu: E tu concorda com isso?

C: Eu gosto da minha casa, tem pátio assim, ... mas não gosto do bairro.

Eu: E tu vê alguma divisão, assim, em Canoas...

C: *Silêncio de dúvida*

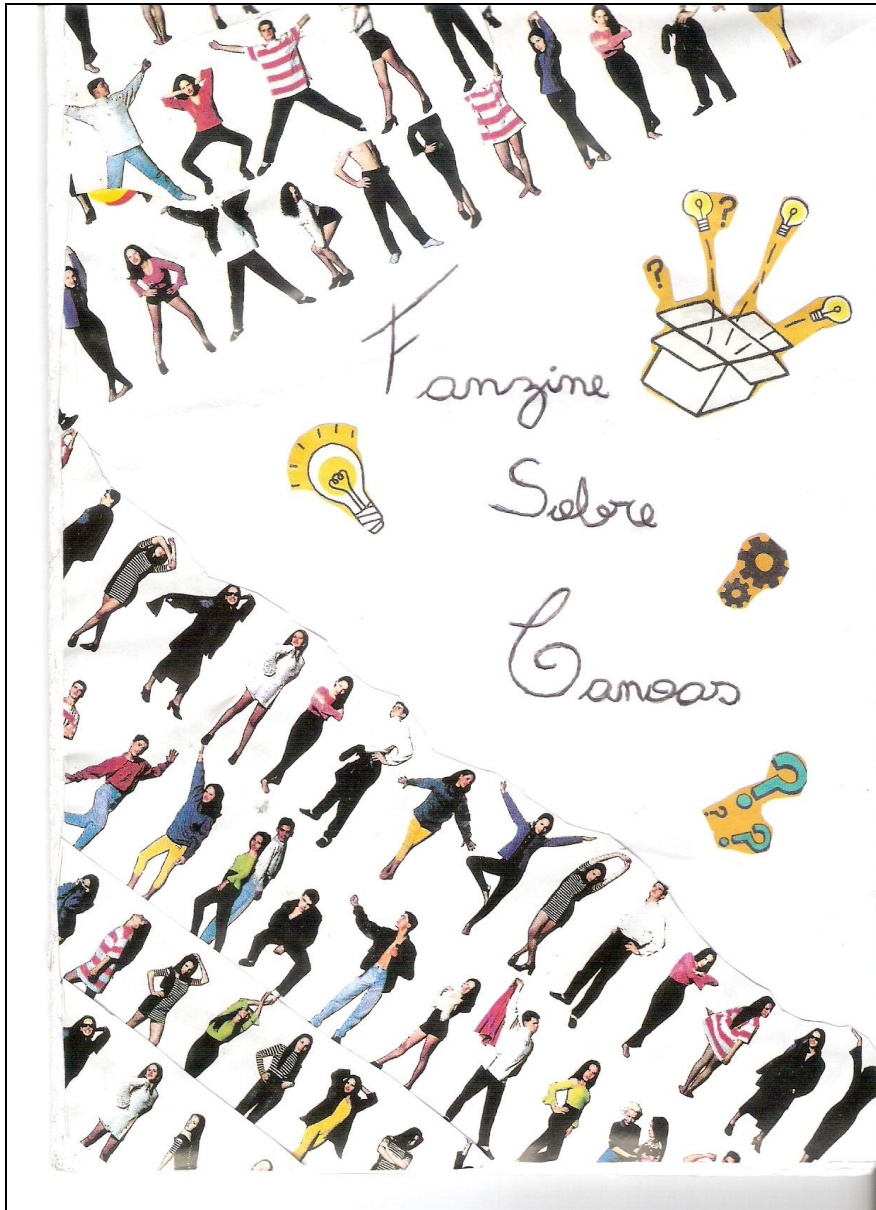
Eu: em relação aos bairros assim..

C: Ah.. tem o Mathias , o Guajuviras que as pessoas falam assim... tem um preconceito.... “Ah, se mora lá é pobre”... , mas são só esses, eu acho..

Eu: Mais nenhuma diferença?

C: Não acho que não..

ANEXOS
FANZINES



que a região do cérebro associada à música também está associada às memórias mais intensas de uma pessoa. Seu estudo foi publicado na revista científica *Cerebral Cortex*.

Segundo Janata, a revelação pode ajudar a explicar por que a música pode despertar reações fortes em pessoas com Alzheimer. A região ativada durante o experimento, o córtex pré-frontal (logo atrás da testa), é uma das últimas áreas do cérebro a se atrofiar, na medida em que a doença progride.

Para quem gosta de
Música *Al São Algumas Dica*

Rádio frequência 104,1 Sertanejo

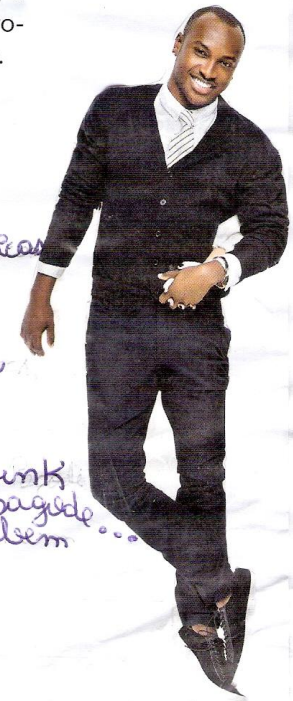
Rádio Jovem Pan 97,5 Pop, Rock,

Rip Hop...

Rádio Eldorado 96,7 samba, funk,

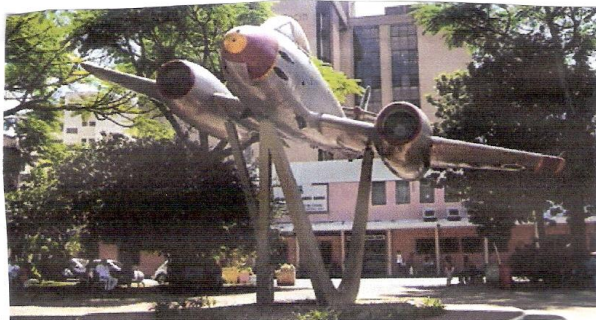
Rádio Cidade 92,1 e 92,9 também ^{pagode}...

tem Músicas sertanejas.



Camões

Não se resume apenas na praça do avião, no shopping e no Capão do Corvo, que são alguns pontos turísticos da cidade.



Muito mais do que isso, aqui também existem depósitos de lixo, ratos e pessoas sem teto, como todas as outras cidades do mundo. Na cidade há vários colégios, mas, em especial queria citar um:

O Colégio Tereza Francescutti, é nesse local que passamos boa parte do nosso dia.



Ele tem defeitos e qualidades, os professores tentam ajudar os seus alunos ao máximo. É um colégio unido e ao mesmo tempo desunido.

Isso acontece, porque muitas pessoas não sabem conviver com as diferenças. O Bullying é constante, isso não acontece

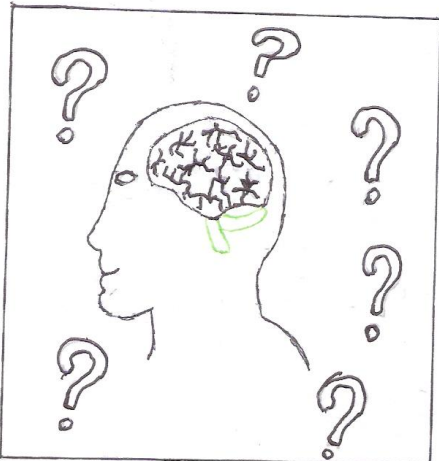
① ALISTAMENTO

① Alistamento para homem é obrigatório e mulher apenas se alistada se quiser. A idade de alistamento é entre os 17,5 até 18,5 anos de idade. ② processo de alistamento é simples. Você no tempo da hora o alistamento tem a tal de 2ª via que ele para ser usado onde ocorre os exames e insere-se de saúde. Na inscrição tem a entrevista, teste de visão entre outros. Ato feito a partir da 2ª via. Alguns são liberados e eles mandam você ir em "Sedeiro de volta" para lá onde ocorre os exames finais. Mas que eles dizem se você vai servir.

③ e os que "sobra" devem servir a 3ª via. Devem pagar uma taxa.

Gabriel Rodrigues

FANZIN



HEMAS PARA
PENSAR

BICHARADA

Animes



FANZINE

Viagem de férias

A boa do fim de semana

GRAMADO

A RECEITA caseira

Canoas

Rio Grande

ESCOLA



internet

Nomes: BRENDA, CAROLINE, QUELE, VANESSA, JENIFER e EVELIN. TEMA: 81

uma sociedade e por isso na literatura, ou então numa coisa e jogá-las num canto, há pessoas de bem coração que colocam essas fotos os animais na rua, ou fazem tutorias de seus favoritos e lhe dão amor.

• Há também os centros de adoção de animais, que nunca ficam vazios pois cada vez mais cresce o número de abandonados de animais.

A pergunta mais importante relacionada a todos isso é: Se você abandonar seu animal em qualquer lugar, quanto se consegue dele, então por que ter um?

• Isso é a minha visão sobre abandono de animais.



Características dos Animes

Anime são desenhos japoneses, muitas vezes confundido com mangás, mas não tem nada a ver.

Como saber se são personagens de animes?

Os olhos geralmente muito grandes, muito bem definidos, dependendo de suas espécies.

O cabelo: Ele é de todas as formas, tamanhos, volumes e penteados.

As roupas: Sempre muito coloridas e com designs cheios de imaginação e muito vulgares.

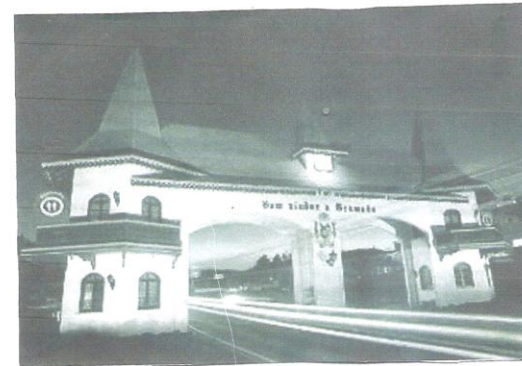
Os animes apresentam características bastante distintas, como o uso de uma doreção de arte rígida, enquadradamente curvas e abstração de temas variados, como ficção científica, aventura, terror, infantil e romance.

Em muitas produções pode-se conferir características exageradas de vários níveis de sentimentos como: gota de água que aparece do lado do rosto do personagem apresentando constantemente, dentes ou cílios aparecendo representando a tristeza ou maldade, a voz é muito importante, varia com a personalidade do personagem e ele é mal, bom, meio, infantil etc.

Essas são algumas características do anime.

Em parte abriga temas como shopping, Uzuratani, Bando Shopping sul, Shopping total, Patis de lulas, shopping Mainho shopping, Rio do prais, Shopping Baham.

Um símbolo gaulês é Estátua da Lagoa de Malanda em Buzze em 2054 pela escultora Andrius Winge (1905-1981) tornou-se um símbolo gaulês.




Lançamentos de Games. PAG.5

DROGAS NA ADOLESCÊNCIA ALGO discutido muito PAG.4

PROGRAMAS MAIS VISTOS NA TV PAG.6

fã... Zine. camoas (RS)

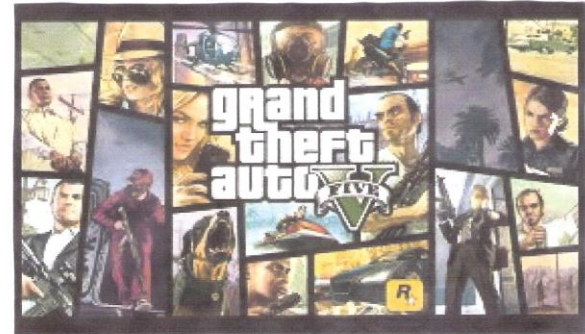
ALGO muito IMPORTANTE

Cães abandonados e deixados no lixo.  PAG.1

VIZINHOS se ENCOMODAM muito com músicas ALTAS A NOITE. PAG.2

GAMES

GTA V - Novo lançamento deste mês, foram gastos 300 milhões de dolares em seu desenvolvimento, os desenvolvedores (Rockstar Games) arrecadaram o valor gasto com as pré-vendas. Foram arrecadado, no total, mais de 1 bilhão de dolares, arrecadou muito mais que muito filmes de Hollywood, o jogo está sendo um sucesso, veja as imagens.



The last of us - Considerado o melhor exclusivo do ano, somente para PS3, o jogo de "sobrevivencia" traz um clima sombrio no qual deve-se sobreviver contra os zumbis, que apesar de serem cegos, fazem um barulho horrivel e ouvem muito bem.

Som alto em locais públicos, você concorda?

Bom como todos já sabem, existem pessoas que ouvem músicas sem fones de ouvido, em locais públicos como ônibus, metro e salas de espera.

O fato não é ter que aguentar as músicas, mais sim ver a falta de respeito de algumas pessoas, pois é uma coisa que estressa as pessoas, e fora que a pessoa que faz esse gesto ignorante, vira o centro das atenções por onde passa.



Muitas pessoas as vezes, perece que não conhecem um simples objeto simples e facil de achar, O chamado fone de ouvido, pois usando fone de ouvido as pessoas podem ouvir o estilo de musica que quiser, seja rock, gospel ou

qualquer tipo de genero musical.

Hoje no Brasil existem leis que proíbem esse tipo de comportamento em locais públicos, mais como o Brasil é um país que não a punição, as pessoas tendem a fazer cada vez mais e mais esse tipo de vulgaridade.



Autor: Augusto

Cães são abandonados em lixão e em trilhos de trem em Canoas, RS.

Voluntários tentam cuidar dos bichos largados no local diariamente. Prefeitura promete multar moradores por mau trato aos animais.



Cães são abandonados diariamente pelos donos,

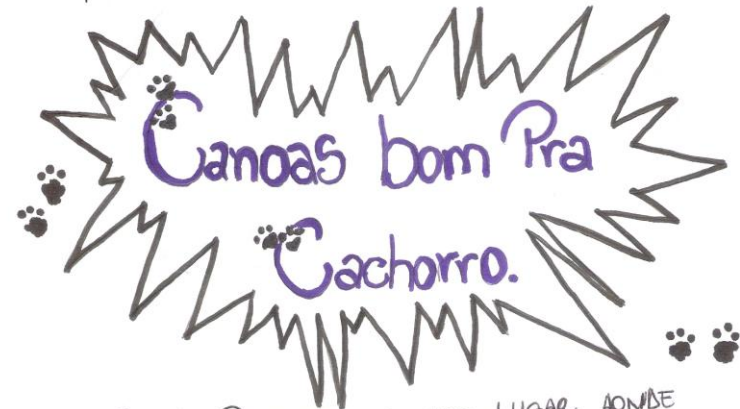
em um depósito de lixo no município de Canoas na Região Metropolitana de Porto Alegre, de acordo com moradores da área próxima ao local.

Segundo Rodrigo Vieira da Rosa, que ajuda a cuidar dos bichos, veículos encostam às margens da avenida e desovam os animais. Muitos chegam mortos ou feridos. Outros ainda são deixados para morrer em trilhos de trem.

"Encontrei uma ninhada ontem. Havia cinco filhotes em cima dos trilhos. Foram colocados ali de forma proposital, para o trem passar por cima. Dois já estavam mortos, e três conseguimos salvar", disse o comerciante e voluntário.

Em frente ao lixão, existe uma câmera de monitoramento da prefeitura. Segundo o secretário de serviços urbanos de Canoas, Flávio Pradié, quem for identificado será multado. "Todo o veículo que identificarmos fazendo o descarte irregular, será multado. Temos feito uma limpeza mensal", disse o secretário municipal.

A prefeitura de Canoas informou que uma equipe foi até o local no início da tarde e recolheu os animais.



QUERIA PODER EU TER um LUGAR AONDE
PUDESSE CUIDAR DE TODOS ESSES CACHORROS
QUE SÃO ABANDONADOS.

BRENDA BARBOZA.

05

N O S S O

M U N D O



V I S T O

com

OUTROS
olhos

Preconceitos

Vários tipos de Preconceito

Preconceito Racial

O Racismo é a tendência o pensamento, ou do modo de pensar em que se dá grande importância a noção da existência de raças humanas distintas superiores umas às outras.

O racismo não é uma teoria científica, mas sim, um conjunto de opiniões pré concebidas entre os seres humanos, isto faz com que alguns acreditem ser superiores aos outros de acordo com a sua matriz racial.

Todos nos conhecemos, "brancos contra negros, contra amarelos, contra vermelhos, contra É um monte de cores contra um monte de cores".

Preconceito Sexual

O Preconceito Sexual, é discriminar alguém pela sua escolha sexual. Homossexuais e bissexuais, são agredidos por não serem "iguais" às regras da sociedade. Muitas pessoas, escondem a sua opção sexual, simplesmente por medo, pois temem serem discriminados pelos outros, e sofrerem de insultos, brincadeiras e apelidos indesejáveis.

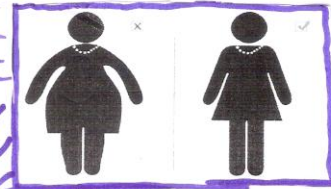
Preconceito Social

O Preconceito Social, esta muito na moda pelo facto de que as pessoas

mais bem na vida discriminam os mais pobres, por exemplo: "Ricos discriminam pessoas de baixa classe social, com famosas frases do tipo, "isso é coisa de pobre.", Ou vise versa".

Preconceito em relação à religião

Existem vários tipos de preconceito em relação à religião, pois nem toda a gente é crente, existe várias "rivalidades" entre diferentes tipos de religião.



Coleção Estadual Marechal Rondon

A MÚSICA NO Dia-a-Dia

Nome(s):

André Felipe

Endrius Fardín

Gabriel Curi

Tássia Sorb

Túlia da Silveira

Mariana Bertolini

Canoas, Novembro de 2013

T: 81

ENDRIUS FARDÍN: COBRINDO REPORTAGENS SOBRE MÚSICA NATIVISTA (GAÚCHA)

Música nativista é o termo usado para definir a "música gaúcha", que tem sua origem no Rio Grande do Sul (no Sul do Brasil). Os três maiores e já falecidos representantes da música gaúcha são: Teixeirainha, José Mendes e Gildo de Freitas.

Hoje em dia, esse tipo de música que era tão apreciada antigamente,

hoje diminuiu de número, após chegar os novos estilos de músicas. Não podemos dizer que ninguém gosta. Quem escuta não deixa de escutar, quem nunca ouviu um dia vai amar. Foi assim que comecei a cultivar a tradição de nosso estado, ouvindo a rádio Liberdade. A cidade onde moramos, Canoas, tem a maioria das partes urbanas, mas ainda há muitas pessoas tradicionalistas. Canoas trouxe um



grande evento em 2012, a Festa Campeira do Rio Grande do Sul (FECARS), onde há a parte campeira, os jogos campeiros e a parte artística que aborda declamação, música e dança.

A música gaúcha foi a que me inspirou a tocar violão e aprender a dançar, e hoje, tenho um pequeno grupo de 3 componentes, e também é claro, ando a cavalo, laço, e sou o terceiro guri farroupilha da décima segunda região tradicionalista.

Hoje, há inúmeros cantores de música gaúcha como Joca Martins, Walther Moraes, Mano Lima, grupos como Os Serranos e Os Monarcas. A maior dupla rio-grandense é Cesar Oliveira e Rogério Melo. E o maior

representante
gaúcho é o
cantor Luiz
Marengo.



